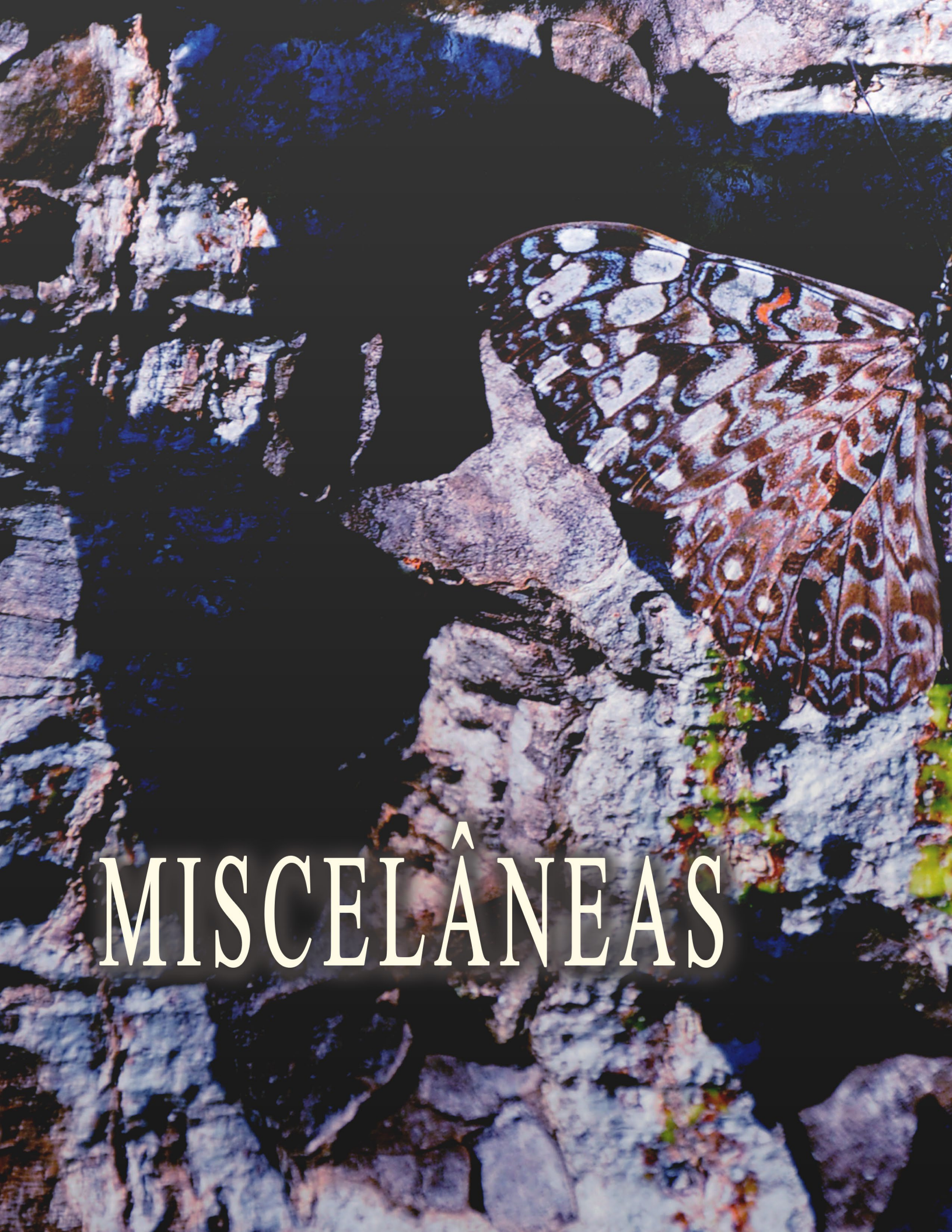




MISCELÂNEAS

Organizado por:

Maria Teresa Eglér Mantoan



MISCELÂNEAS

BIBLIOTECA / UNICAMP
CAMPINAS 2016



MISCELÂNEAS

Sistemas de Bibliotecas da UNICAMP /
Diretoria de Tratamento da Informação

Bibliotecário: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª 1724

M681

Miscelâneas [recurso eletrônico] / organizado por:
Maria Teresa Égler Mantoan ; LEPED ; editoração, capa e
digitalização: Gustavo Machado Tomazi -- Campinas, SP:
Unicamp/Biblioteca Central, 2016.

Prefixo Editorial: 85783

ISBN: 978-85-85783-67-9

1. Educação. 2. Escola. 3. Inclusão em educação.

I. Mantoan, Maria Teresa Égler. II. Laboratório de Estudos e
Pesquisas em Ensino e Diferença. III. Tomazi, Gustavo
Machado. IV. Título.

CDD – 370

- 371

- 371.9



BIBLIOTECA / UNICAMP
CAMPINAS 2016

PREFÁCIO

Encontro do Grupo de Estudo do LEPED



VÍDEO LEPED - OFICINA CASA DA MATA

(CLIQUE NA IMAGEM)

Alguns viajam, vem de longe para participar das reuniões. Trazem na bagagem uma vida inteira de experiências na educação, formação de professores. Outros chegam direto das suas escolas, carregado as lidas do dia-a-dia. Todos chegam com suas contradições, alegrias, incertezas, dúvidas, decepções, soluções.

As cabeças estão cheias dos textos lidos. Vão aparecendo, como um grupo de estudantes, que voltam a ser. Estão movidos pelo desejo de entender mais, de decifrar o fenômeno educativo. Buscam encontrar algo mais que amplie seus horizontes de trabalho, transformando-os.

A chegada é sempre um encontro de amizade, de quem quer compartilhar saberes, descobertas. Está na hora de somarmos o que aprendemos de novo, em nossas leituras, de dividirmos inquietações, de dizer o que pensamos, abertamente, sem pruridos, reticências.

No espaço de nossas reuniões há um jeito peculiar de expormos o que pensamos. Agimos com informalidade, nos expomos sem tensões, a não ser aquelas que os

textos lidos provocam. E são muitas as tensões. As leituras nos provocam e temos de liberar o que concordamos, discordamos com espontaneidade. As vozes se alteram, muitas vezes. Outras vezes faz-se um silêncio de compreensão, de aceitação, de trégua. Logo outra questão aparece e começamos tudo de novo. Nessa alternância de sentimentos, de manifestações vamos vivendo o tempo de nossas reuniões.

O café

O café, celebra o início de nossos trabalhos, mas pode se repetir tantas e quantas forem as cápsulas disponíveis. E tem sempre as bolachinhas, as sementinhas torradas e até bolo. Um momento de saudar a oportunidade de estarmos juntos .

Coisa boa de viver!

Os livros estão pousados, à espera de serem folhados, relidos, lembrados. Mesa e cadeiras expectantes...As ferramentas estão disponíveis para serem acionadas em breve. Mas, por enquanto aguardam, repousam.

Uma borboleta anuncia que é hora de começarmos a reunião.

Não começamos sem antes colher , passeando informalmente pelo mundo mágico das ideias. Aquecemos os debates procurando fragmentos dispersos por aí, encontrando nexos, fazendo escolhas, compartilhando as descobertas. Tudo acontece durante o passeio que antecede a reunião. Garimpagem de tesouros, que antecipam o desenho de pensamentos, de sentimentos que brilharão como joias imaginadas no silêncio de cada um, andando a esmo pelo chão batido.

Há paradas que interrompem esse tempo de descoberta de si, provocado pelo encontro com o inusitado, que os olhos curiosos da mente vasculham pelo terreno. Alguém tem algo a dizer, a demonstrar. Precisa de ser ouvido. Há sempre o que aprender. Interrupções que nos levam para outros rumos.

Volta à Oficina

Aos poucos voltamos para a Oficina de saberes, que nos atrai com o que oferece para que testemos nossas capacidades. Experimentar o maquinário, a nossa destreza ao utilizá-lo. Precisamos dele para produzir o que almejamos e o que decidimos construir num tempo que antecedeu a toda essa movimentação, novidades. Estamos articulando sonhos, habilidades, no encontro com conteúdos, formas, que vão traduzir o que queremos expor, mostrar, dividir com os demais. O que entendemos das leituras, da escola perpassada por elas, de nossas incursões pelos fatos educacionais.

Tempo de decidir como harmonizar teoria e prática, beleza e pedaços de madeira, raízes, , arames retorcidos, sementes, folhas que começam a tomar forma. Então tudo se mistura: mãos, dedos, falas, enquanto as criações se atualizam, tomam a forma pretendida, são avaliadas, modificadas, também. Aprimorar as composições,

namorar as construções, dar aquele toque peculiar a cada peça.

É assim, que movidos pelo encantamento das construções nossas e dos demais, que vamos depositando as criações sobre a mesa. Com esmero e orgulho do produzido, anunciamos a beleza de criar e de concretizar projetos que nascem do que foi lido, vivido.

A partir de que linguagens, de que formas de pensar, de que propostas é possível pensar, dizer, olhar e fazer educação?

Nada mais concreto do que a produção deste encontro. Aqui se mostram as possibilidades de se fazer educação, partindo de uma experiência de si, de uma construção compartilhada. É possível entender os estudos, a investigação pedagógica como prática de si, como transformação, como obra que nasce de um, mas se entrelaça no grupo.

Que mensagens nos trazem esse encontro educacional, em que se sai por caminhos afora de nossos modos habituais de olhar, de pensar de fazer educação? Em que o encontro do que produzimos gera uma harmonização natural, mas muito requintada, pois não pretende criar efeitos de sentido, pretensões de verdade? Em que este encontro nos desafia?

Depois, é só brindar, festejar, partilhar a alegria de uma manhã de trabalho, em que juntamos e rejeitamos o que recolhemos do terreno das leituras, das nossas práticas escolares.

A educação é e será sempre um trabalho de todos e de um só.

LEPED

SUMÁRIO

PREFÁCIO	4
Encontro do Grupo de Estudo do LEPED	
O DIÁLOGO COM BHABHA	8
Ana Paula Ignácio Masella	
DISSE-ME NAÇÃO - NARRATIVAS E AS MARGENS DA NAÇÃO MODERNA.....	14
Monica Hummel	
ACASO LIMIAR: A MADEIRA, O IMPROVISO E OS ACONTECIMENTOS NA FRONTEIRA. 29	
Seizo Vinicius Soares	
ESPAÇOS DO POSSÍVEL: ESCOLA, DIFERENÇA, ARTE E INCLUSÃO	46
Carolina Bosco	
EU SOU MARIA, DAS MUITAS MARIAS DE PORTUGAL E DO BRASIL.....	67
Maria da Luz C. M. Veiga	
CULTURA NO USO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL	82
João Vilhete Viegas d'Abreu	
NARRATIVAS CONCEITUAIS: UMA QUASE FICÇÃO	105
Suely Galli	
NOSSA VIAGEM.....	126
Maria Regina Viana Pannuti	
TEMPO DE CAMINHAR.....	152
Marcia Maria do Nascimento	
ODE À CAPOEIRA: "ALÉM" MAR, ENTRE MUNDOS E TAMBORES	167
Norma Silvia Trindade de Lima	
CARTA AO CARO PROFESSOR BHABHA	182
Ayeres Brandão	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213

O DIÁLOGO COM BHABHA

Ana Paula Ignácio Masella

O DIÁLOGO COM BHABHA

Como uma leitura deleite, Homi Babha nos foi apresentado e logo nos primeiros instantes me instigou a conhecer e discutir a partir da perspectiva dos estudos culturais os inúmeros conceitos que permeiam a educação em conexão com a questão sobre identidade e diferença.

A chegar causou um certo desconforto, me fez pensar em questões que pareciam estar respondidas. Entrou... e ao pedir licença trouxe com ele alguns amigos. Jaques Derrida, Bakhtin, Stuart Hall, Gilles Deleuze a luz da filosofia da diferença e tantos outros que hoje fazem parte da minha vida também.

Ah...! Como fez diferença! Uma idéia de representação clássica se estabelece em parte pela provocação que os textos promovem na organização do nosso fazer pedagógico ou ofício como defende Larossa.

A conversa se dá através de diferentes analogias que poderão justificar uma ação positiva ou mudança de atitude no tocante a todos os atores da sociedade contemporânea frente a diferença e a identidade do sujeito com deficiência.

Claro que isto é apenas uma recorte. Um olhar sobre a especificidade do sujeito, que não o define por si só, sem analisarmos o contexto histórico e cultural de todos os atores envolvidos nesse processo. Sua atitude frente o corpo sem movimento, a resposta não verbal, o discurso vazio, híbrido entre vários lugares poderá ir além do óbvio.

Bhabha provoca uma inquietação, um desejo de estar mais próximo de uma concepção contemporânea e relevante sobre o conceito de identidade e diferença. Quero levar isso aos meus pares professores, gestores enfim a todos os atores para que possam repensar sua prática pedagógica e propor ações compartilhadas inclusivas nos espaços escolares. Será que vou conseguir? A única certeza que tenho após nossos encontros é que não existem certezas e sim caminhos a percorrer.



Moisés o Núcleo solar, 1945

A singularidade está marcada nos traços da liberdade de pontuar elementos de um contexto histórico tão reprimido por seus colonizadores. A superioridade no levante de questões que empodera o pensamento do sujeito colonizador em detrimento do colonizado por uma guerra. A obra de Frida Kalo reflete a complexidade e a diversidade de neologismos que estão permeados na literatura de Bhaba. Em *Moisés o Núcleo solar* evidenciamos que o além apresenta-se como um movimento exploratório incessante que no primeiro olhar nos causará estranheza. Ao mesmo tempo percebemos que os elementos que transitam no mesmo espaço traduzem a história de um tempo, a singularidade das diferenças e as posições dos sujeitos que fazem parte do contexto social e emocional da artista.

Como em um mosaico a construção deste espaço que nos leva a fruição com a obra se dá através da colagem de diversos aportes religiosos, políticos e culturais que reforçam as categorias conceituais e organizacionais que resultam em oposição ao pensamento de Kalo. Identificamos os processos produzidos pelas diferenças culturais, imposição política e a construção da identidade de um sujeito diferente. O elemento apresentado pela artista nos remete ao caos que ameaça o equilíbrio dos tempos e espaços ali representados. Há valorização da cultura mexicana \em toda sua obra. A imagem de Moisés abandonado a sua própria sorte e ao mesmo tempo a liderança na qual ele se transformou. O movimento de levar o povo para uma nova terra longe da escravidão reflete os anseios da artista que estava a frente do seu tempo. As sequelas do acidente não foram suficientes para paralisar sua ação, pelo contrário houve a construção de uma identidade.

No discurso do processo de construção da pintura nos deparamos com a repetição elementos que traduzem o conceito de estereótipo apresentados por Bhabha. Em toda extensão do espaço determinado para a transcrição do pensamento Kalo, há repetição de elementos, existe uma articulação social, a representação das minorias e do contexto histórico.

A repetição não é reprodução. A obra apresenta elementos relacionais no mesmo espaço, há uma interrupção do pensamento homogêneo. Nesse sentido Buther aponta que: *“a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performáticos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade de interrupção das identidades hegemônicas”*. (p.950)

No cenário, os personagens permeiam a história sobre a guerra e seus conflitos sociais e políticos. São identidades diferentes através de símbolos forjados na tela por Kalo. O rio estabelece a ligação entre as partes e nos leva num primeiro momento a luz da filosofia da representação somente comparar, classificar, selecionar ações distintas do seu tempo.

Como definir o local da cultura estampados na obra de Bhabha?

Bhabha estabelece que esse entre “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação singular ou coletiva –que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria a ideia de sociedade.

OS ENCONTROS....

Nossos encontros foram marcados por ações que nos fizeram pensar a partir da perspectiva da arte como um caminho para conhecer o nosso mais novo amigo. A proposta era transformar o que era visto como um descarte da natureza em algo novo, não descontextualizado do passado, mas sim com um enunciado de um novo de um novo tempo e espaço.

Na casa cadeiras espalhas pelo jardim e no fundo uma pequena oficina com várias máquinas que nos permitia modelar, cortar, serrar, pintar e até colar afim de ressignificar o material coletado após a linda caminhada. Encontrei na leitura Deleuze e Guattari uma analogia que descrever este momento e me faz refletir sobre o conceito de diferença.

“O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consciência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é contestável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social”. (p.30)



CAIXA MÁGICA

Coloque nesta caixa uma palavra. Tão rápido quanto as sinapses veio a minha lembrança caderno. Pra que será? Passado um tempo quase ao final do encontro uma voz suave propor que façamos um exercício de registrar as primeiras impressões sobre o discurso coletivo usando a palavra escolhida.

A mudança de concepção está na folha em branco do caderno.

Deve ser construída linha após linha.

Se as páginas foram escritas, que tal apaga-las?

É uma chance de reescrever uma nova história!

As marcas do grafite estarão sempre lá, porém, jamais deverão paralisar a nossa capacidade de produzir algo novo.

A tinta que escreveu esta história parece estar aí a tanto tempo!

Mas nada que um solvente não possa ajudar a limpar ou atenuar as marcas de um longo tempo. Tempo que acreditávamos ser composto de uma verdade absoluta, que hoje sabermos não existir mais.

O mesmo se dá com a concepção de educação, restrita a uma única forma de ensinar.

Na eminência de ressignificar a nossa prática, saiba que você tem hoje a oportunidade de refletir sobre sua ação pedagógica e contar uma nova história.

Meu caderno, por favor?

Deixa-me tentar fazer novamente, quero acreditar e mostrar que é possível ressignificar um momento histórico. Meu fazer pedagógico receberá novos ares.

Quero escrever sobre a inclusão de todos sem distinção de credo, raça, classe social, deficiência, enfim nenhuma diferença.

Meu caderno, por favor? Por favor, o meu caderno!

Quero ter a chance de reescrever a minha história.

DISSE-ME NAÇÃO
NARRATIVAS E AS MARGENS DA NAÇÃO
MODERNA

Monica Hummel

(...) uma urbes de barro, parecia uma civitas sinistra, “errante”. Tinha a visão dos escombros de um terremoto. Tudo construído febrilmente por uma multidão.

(...) Estes, ao menos, eram lógicos. Insulados no espaço e no tempo, jagunços, um anacronismo ético, só podiam fazer o que fizeram – bater, bater... (...) A nacionalidade que, depois de enjeitar esse povo cerca de três séculos, procurava levá-lo aos deslumbramentos da nossa época, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas de baionetas.

(...) entendê-lo, entendendo a sociedade que o criou; tudo se condensou no seu misticismo feroz e extravagante; ele foi o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu. Difícil dividir as tendências pessoais das tendências coletivas.

(...) Não era um incompreendido. A multidão aclamava e o venerava. Tinha certa ordem no próprio desvario, coerência indestrutível, disciplina rara nas paixões humanas, práticas ascéticas, tinha no gesto e na palavra altitude e resignação de um apóstolo antigo.

As citações acima ilustram as reflexões que, neste ensaio, estão expostas e submetidas ao crivo e à criatividade dos leitores de Homi K. Bhabha, e também de literatura.

No seu livro *O Local da Cultura*, este pensador e professor de Teoria da Literatura expõe e fundamenta conceitos importantes para outro pensador de boa vontade, que se empenhe na leitura da realidade, qualquer que seja esta, com boa perspectiva ou volume e não somente a partir de conceitos ainda em voga, mas que perderam e perdem força na dinâmica vertiginosa dessa mesma realidade.

Bhabha desafia seus leitores provocando deslocamentos e, assim, obrigando-os a reorganizarem e revalidarem suas próprias perspectivas sobre a diferença, o coletivo, a cultura e os embates que estes sofrem e provocam.

Não é um deslocamento preguiçoso ou superficial; ao contrário, pede do leitor a concentração do atirador de dardos, ao deslocar ou expandir em definitivo nossa compreensão. E, página a página, acerta nos alvos propostos.

Com o propósito de melhor compreendê-lo, caminharemos lado a lado em suas reflexões com o Euclides da Cunha dos Sertões. Tarefa custosa essa de percorrer todo o desenvolvimento crítico que propõe Bhabha, e também fascinante, sem algum fio condutor da ficção. A propósito, é uma estratégia por ele mesmo usada.

A proposta, então, a proposta é transitar por nosso sertão com as luzes de Homi, seus questionamentos e definições, através da narrativa de Euclides da Cunha.

É justamente pelo papel fundamental e disseminador das narrativas, que aproximamos estes diferentes autores numa tentativa de entender o empenho intelectual de ambos.

Disse-me Nação¹

Narrativas e as margens da nação moderna.

(...) era um arraial miserável, fora dos nossos mapas, perdido no deserto, como uma página truncada e sem número das nossas tradições (urbanas, do litoral). Só sugeria um conceito: eram invertidos; a estratificação dos povos se embaralha, se inverte.

Bhabha afirma que as nações são um tempo de reunião às margens de culturas estrangeiras (para além do sentido de outra nacionalidade), tempo de agregar pelo preenchimento do vazio criado pela exclusão. Sentir-se reunido através do que chama meia-passagem, esse distanciamento e diferenciação impostos pela cultura alheia ou validada.

Essa experiência da meia-passagem circunscreve-se somente ao exílio? Quantos desterrados são possíveis num mesmo território?

Ele refere-se à nação como a vivência da localidade da cultura e, sendo uma vivência, está em torno da temporalidade. Por ora, vamos nos centrar no que Bhabha destaca como em torno: a localidade da cultura acontece quando da articulação das diferenças culturais, como fosse esta articulação um engenho que faz girar, deslocar, elementos diferentes e, por isso, agrega, firma, segura. Reúne.

"Pelo alto da colina apontavam grupos de peregrinos, trazendo tudo, todos os haveres – parentes enfermos, moribundos, cegos, paráliticos e lázaros. (...) Eram como sempre toda sorte de gente. No coice dessas procissões, viam-se estranhos seguindo sós: os bandidos soltos, capangas em disponibilidade, procurando um teatro maior à índole aventureira e à valentia".

¹ Incorporo variação livre do título do Capítulo 8, em O Local da Cultura, "DissemiNação", e as referências conceituais apresentadas pelo autor.

Euclides da Cunha, em seu romance histórico², em inúmeras passagens ilustra e enriquece o que Bhabha discorre a respeito ao descrever, na primeira metade dos Sertões, as diferenças e identificações culturais na sociedade articuladas num mesmo tempo histórico, num mesmo presente que reúne e mantém o sentimento entre os sertanejos de... “sentir-se entre os seus”.

É justamente nessa articulação, nesse engenho, que está o hibridismo. E Bhabha dá ênfase à dimensão temporal para que haja a localidade. No romance Os Sertões, como citado acima, Euclides da Cunha apresenta e analisa essas diferenças sendo lentamente articuladas e associadas quando se iniciam as longas procissões de Antonio Conselheiro pelo interior dos sertões, e não quando se constitui no país a República. Mais, tal articulação opera-se pelas narrativas e não pelas necessidades extremas da população do interior de um país que se reconhece apenas na sua face litoral e de lenta urbanização.

Destacamos que a própria narrativa de Euclides da Cunha nessa primeira parte do livro é feita a partir do seu ponto de vista, de quem está inserido numa estrutura hierárquica de sociedade e de pátria; nos relatos deixa claro o crescente antagonismo social, citado por Bhabha, nada mais sendo do que uma “voz” da estrutura binária da época. Porém, ao longo deste ensaio, retornaremos a tais considerações ao refletir sobre a narrativa do próprio Euclides da Cunha. Seguimos nesta reflexão centrados nos eventos que levaram a Canudos.

No período longo de procissões, protagonizadas por Antonio Conselheiro, nessa temporalidade, a identificação cultural é crescente e agregadora em várias regiões por onde passa, na medida em que ganha força a sua ênfase mística; identificamos nesse processo o que Bhabha caracteriza como interpelação discursiva. Voltaremos a este último conceito mais à frente; por ora, consideramos que o misticismo de Conselheiro é uma representação que, como diz Bhabha, “se move em formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada; movimentos culturais que dispersam o tempo homogêneo da sociedade horizontal”³.

2 Consideramos correta a avaliação de Otto Maria Carpeaux sobre Os Sertões, ao considerá-lo um romance histórico e afirmando que “*Euclides da Cunha escreveu história e fez história*”; mas destaca que o elemento criador, através da imaginação, está presente, assim como em outros grandes livros fiéis a acontecimentos históricos. Ainda segundo Carpeaux, isto não diminui o valor excepcional da obra, pois que as referências científicas, geológicas, etnológicas, sociológicas e de psicologia social são atrasadas ou superadas e, mesmo assim, o relato não perde sua força tampouco deixa de ser uma grande obra de historiografia.

3 Bhabha, H.K., O Local da Cultura, p. 230.

Propomos a respeito a metáfora da nuvem: esses movimentos não são lineares, programados ou horizontais; são “conformes” culturais e temporais, inconstantes como as nuvens, e escapam de uma dada lógica. Dispersam para concentrar, reunir, em seguida; num tempo estão com uma forma, para mais à frente dispersarem em outra. Da mesma forma é interessante observar os fenômenos atuais protagonizados pelos refugiados, na Europa, e também pelos exilados, políticos do século XX.

Nas procissões e na narrativa de Antonio Conselheiro, que agregavam gentes de vários rincões, formavam-se as temporalidades ambivalentes que desaguaram, no romance, em Canudos – um espaço-nação. O que Bhabha afirma é ser a nação um processo temporal; a modernização do país, apresentada em Os Sertões associada à República, experimenta o tempo disjuntivo próprio da modernidade. O ‘povo’, citado e proclamado no discurso nacional feito desde o Litoral, que Homi Bhabha chama de “homogeneidade da modernidade”, não incluía tudo que se assemelhava ao arcaico ou que estava fora da visão da sociedade horizontal. Esta última localizada esta na extensa costa litorânea.

A narrativa mística de Conselheiro questiona essa “coesão social – muitos como um – que expressam experiências coletivas totalitárias”⁴. Acrescentamos mais “o tempo nacional torna-se concreto e visível no tempo local, do particular”⁵. Somente após as multidões arrebanhadas nas procissões se instalarem no arraial de Canudos, no sertão da Bahia, e ali se organizarem em torno de um fanatismo religioso que usava a volta da monarquia (e o sebastianismo) como contraponto às posições políticas oficiais, somente então foi que a nação de excluídos se tornou visível. E, com as sucessivas batalhas e derrotas impostas às polícias e exércitos da República, o “Litoral” passa a despertar, temer e não entender o espaço-nação ali manifesto.

Os movimentos e deslocamentos culturais dos sertões brasileiros que resultaram em Canudos, a vida e lutas que lá mesmo no arraial ocorreram por meses, questionaram visão e discurso homogêneos constitutivos da nação moderna, assim imaginada com a República.

Em documentos oficiais, consultados por Euclides da Cunha, a revolta de Canudos por vezes é chamada de insurreição; chamamos atenção, por isso, a

4 Bhabha, H. K., O Local da Cultura, p. 232.

5 *Ibid.* p. 233-234.

Bhabha e a sua referência interessante sobre o movimento de “insurreição radical (maroonage)”⁶ no livro *Maroon Societies*, de R. Price (citação de Baker):

“(...) esses guerreiros altamente adaptáveis e ágeis tiravam o máximo de vantagem dos ambientes locais, atacando e recuando com rapidez, usando os arbustos para pegar seus adversários em fogo cruzado, lutando somente quando e onde escolhessem, dependendo de redes de informação confiáveis entre os não quilombolas (...)”

(Baker, *Modernism*, p. 77)

Em longas e detalhadas descrições das batalhas travadas em Canudos, Euclides da Cunha expõe as estratégias de combate e o perfil de guerreiros que em muito, ou quase tudo, se assemelham ao descrito por Price e citado por Baker e Bhabha. Observem as breves referências abaixo.

(...) cangaceiros, vindos das incursões do sul (Minas, São Paulo) somavam-se aos jagunços, vindos das incursões do norte do país, convergiam com suas forças desvairadas, perdidas nos sertões.

(...) a força dos guerreiros esquivos estava na própria fraqueza, na fuga sistemática, no seio da natureza protetora.

(...) não vimos, por imprevidência, a formação desse núcleo de maníacos e o traço superior do acontecimento. Assim, tivemos um espanto ante aquelas aberrações monstruosas. Batemo-los a carga de baionetas, reeditando as entradas ao reabrir as trilhas apagadas das bandeiras. Vimos no agitador sertanejo adversário sério, paladino do extinto regime, capaz de destruir as instituições nascentes da República.

(...) Estes, ao menos, eram lógicos. Insulados no espaço e no tempo, jagunços, um anacronismo ético, só podiam fazer o que fizeram – bater, bater... (...) A nacionalidade que, depois de enjeitar esse povo cerca de três séculos, procurava levá-lo aos deslumbramentos da nossa época, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas de baionetas.

6 Ibid. p. 235-236.

É interessante que, assim como Bhabha e Baker citam episódios históricos, Euclides da Cunha faz referência a outro episódio histórico – a Revolta de Vendéia⁷, para explicar o que acontecia em Canudos.

(...) Canudos era a Vendéia, o mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias servidas pelas mesmas astúcias e a mesma natureza diversa. (...) permitiam que se lembrasse o lendário recanto da Bretanha, onde uma revolta cedeu ante divisões volantes de um general Turreau.

Voltamos à reflexão de Bhabha, quando afirma que a força da autoridade social ou subversiva manifesta-se a partir de significações deslocadas e descentradas. Então, convidamos a refletir sobre a impressionante força que a narrativa de Antonio Conselheiro teve, sua eficácia, pois ela mesma representava o que Bhabha indica como a liminaridade discursiva, de grande alcance para manobras e influência sobre os fiéis em Canudos.

Este espaço-nação abrigava um movimento narrativo duplo composto de muitos discursos – místico, raivoso, político – nos quais, de um lado, o povo é considerado um objeto histórico de uma pedagogia nacionalista; de outro, é considerado sujeito de significação – significava a vida nacional redimida. Então, tanto nos eventos de Canudos como na própria leitura que Euclides da Cunha faz, há um território conceitual, no qual Bhabha destaca ainda que o povo é sempre pensado nessa temporalidade dupla, manifesta pelo pedagógico e pelo performático.

No conceito de “nação como narração”⁸ há uma cisão entre o continuísmo próprio do pedagógico e a produção de signos oriundos da vida local, estes últimos exaustivamente repetidos em ladainhas, pregações e até em quadras⁹ – novamente, é a estratégia repetitiva do performático.

7 Revolta de artesãos e camponeses contra a Revolução Francesa e a favor da monarquia e da Igreja.

8 Bhabha, H.K., O Local da Cultura, p. 237.

9 Nas quadras citadas foi mantida a forma incluída por Euclides da Cunha, sem correções.

**Saiu D. Pedro segundo
Para o reino de Lisboa
Acabosse a monarquia
O Brazil ficou atôa!**

**Garantidos pela lei
Aquelles malvados estão
Nós temos a lei de Deus
Elles tem a lei do cão!**

**D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o civil
E fazendo o casamento!**

**Visita nos vem fazer
Nosso rei D. Sebastião.
Coitado daquele pobre
Que estiver na lei do cão!**

**Bem desgraçados são elles
Pra fazerem a eleição
Abatendo a lei de Deus
Suspendendo a lei do cão!**

Por fim, é nesta cisão entre a autoridade pedagógica e a autoridade performática que emerge a ambivalência conceitual, "o lugar de escrever a nação"¹⁰.

Onde há cisão há tensão. E esta tensão leva qualquer referência de 'povo' a ser compreendida como um problema... Para quem? Era um problema para a autoridade nacional, ameaçava sua formação simbólica. Este 'povo', uma visão generalizada e conveniente à autoridade nacional, nada tinha e tem a ver com a narrativa nacional, fica na fronteira entre os "poderes totalizadores do social e as forças de interpelação no interior de uma população"¹¹.

10 Bhabha, H.K., O Local da Cultura, p. 237-238.

11 Bhabha, H.K., O Local da Cultura; p. 238.

É interessante como Euclides da Cunha expõe tal cisão, ao discorrer os acontecimentos, do começo do livro até as sucessivas quatro vitórias do povo de Canudos, e expressa, ademais, a sua própria ambivalência.

(...) a guerra de Canudos foi um refluxo da história, feito em armas. Era uma sociedade morta galvanizada por um doido; não a reconhecemos.

(...) essas manifestações anacrônicas são inevitáveis na evolução desigual dos povos, quando camadas superiores impõem um movimento civilizador.

(...) a partir dos reflexos da vida civilizada, sentida no litoral vasto, tivemos inesperadamente a República, que veio pelo arrebatamento fácil dos ideais modernos, deixando na penumbra, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo, deparou-se com a nação em um profundo contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles do interior; (...) o que os separa são três séculos.

Está presente na representação de nação um discurso ideológico que aposta na generalização, na homogeneização de experiências comuns de uma sociedade que não necessariamente inclui experiências particulares de toda essa dita sociedade; muito dessa homogeneização acaba por traduzir-se em “a tradição desse país” (destaque nosso). Quando uma ou várias experiências escapam da narrativa homogênea, narrativa de representação de uma nação, e alcançam visibilidade ocorre o que Claude Lefort e Bhabha chamam de colapso da certeza e vacilação das representações, respectivamente.

A citada representação de nação funda sua autoridade narrativa nessa tradição do povo, pensada e aceita como homogênea, o que Bhabha indica como o pedagógico, ou pedagogia nacionalista, que, em Os Sertões, assume a visão e o discurso dos representantes da República “locados no litoral”¹² e que fundam sua autoridade narrativa na representação de nação feita a partir de momentos históricos sedimentados pelo passado.

12 Cunha, E.. Os Sertões, p. 446.

A vacilação dessa representação acontece quando as diferenças tornam-se visíveis – em situações limites a violência é uma maneira de chamar à visibilidade – e apresentam formas peculiares de interpelação, de intervenção nessa “autogeração” da nação ao lançar uma sombra entre o povo como imagem e sua significação como Outro”¹³, que não é o “exterior”, estrangeiro.

Novamente, retornamos ao arraial de Canudos para compreender o que ali se passou. Na perspectiva de Bhabha, em que aqueles eventos históricos chamaram à visibilidade uma parte relevante do real povo do país, com sua riqueza cultural, sua exclusão, e com uma narrativa diferente daquela imposta pelo pedagógico. O ‘povo’, como uma generalização ou imagem, finalmente viu e descobriu o Outro, não mais como aqueles que estão no estrangeiro, em outras nacionalidades, mas aqueles diferentes que interpelam e questionam um discurso ideológico de nação. E ao fazerem isto, a vulnerabilidade do poder nacional foi exposta.

(...) na República, patriotas satisfizeram-se com o auto-de-fé de alguns jornais, e o governo começou a agir. Agir era isto – agremiar batalhões. (...) pois que estava em jogo em Canudos a sorte da República. Diziam: aquilo não era um arraial de bandidos truculentos; existiam homens de raro valor, conhecidos oficiais... (do Império, que já não existia)

Observemos abaixo as análises de Euclides da Cunha quanto “às duas sociedades em formação com destinos rivais” e que ele chama:

Litoral

(...) maior tipos de atividades, maior vigor, povo mais heterogêneo, mais vivaz, prático e aventureiro, com um movimento progressista. (...) a história aqui é eloquente; acumulava a importação de escravos negros.

Interior

(...) capitâneas esparsas e incoerentes, amorfas e imóveis, a mesma rotina, a História é mais teatral. (...) o povo perdeu todo o aprumo e espírito de revolta pela política, sem o destempero viril dos conquistadores. (...) (sobre povoados do interior) cresceu forte, autônomo do litoral, obscuro, esquecido dos Estados, não produzia impostos ou renda; (...) o meio atraía-os e guardava-os.

13 Bhabha, H. K., O Local da Cultura, p. 240.

Propomos, assim, entender Canudos e os conflitos provocados por sua experiência, como o que Bhabha chama de performático; o performático “introduz a temporalidade do entre-lugar” e isto “desestabiliza o significado do povo como homogêneo”¹⁴. Assim, podemos considerar Canudos como a temporalidade do entre-lugar, na qual “a nação está dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população”¹⁵.

Retornemos, num átimo, ao início deste ensaio quando dissemos que Canudos poderia ser considerado um espaço-nação, já que este conceito está associado à temporalidade do entre-lugar. Torna-se, ademais, um espaço liminar de significação, “marcado internamente pelos discursos de minorias, por histórias heterogêneas, por autoridades antagônicas, por locais tensos de diferenças culturais”¹⁶. Vamos a alguns exemplos do que Bhabha elucidou na narrativa de Euclides da Cunha.

(...)Antonio Conselheiro esboça uma moral.(...) uma oratória bárbara, arrepiadora, desconexa, agravada pela ousadia extrema das citações latinas; frases sacudidas, uns confusos conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã.

(...) prega a insurreição contra a forma republicana. Reverencia D. Sebastião.(...) pregou a rebeldia contra as novas leis, assumiu uma feição combatente.

(...) reuniu o povo e mandou queimar as tábuas – avisos de impostos. Foi a primeira batalha vitoriosa.

(...) o jagunço não alcançava apreender a forma republicana, era uma abstração inacessível; só compreendia o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro.

Bhabha vai além e reforça que a liminaridade cultural, que se dá no interior¹⁷ da nação, é decorrência de um espaço de significação cultural que foi criado. Ou seja, o “colocar-se à frente do estabelecido”¹⁸, próprio do espaço-nação, “asseguraria que nenhuma ideologia política pudesse reivindicar autoridade para si, pois o sujeito do discurso cultural se encontra cindido na ambivalência”¹⁹, e esta manifesta-se

14 Ibid.,

15 Bhabha, H.K., O Local da Cultura, p. 240-241.

16 Id.

17 Aqui, não reduzir o “interior” apenas à referência geográfica.

18 Uma expressão correlata à *liminar*.

19 Bhabha, H. K., O local da Cultura, p. 241.

justamente na disputa pela autoridade entre o pedagógico e o performático, em quem, de fato, detém a narrativa.

Seria, então, possível entender que, para além da contenção de uma revolta (Canudos), a autoridade nacional – a que se refere Euclides da Cunha como República – disputa a autoridade de narrador da história do ‘povo’ com o povo-nação (Canudos), justamente na temporalidade disjuntiva do espaço-nação (Canudos). Tal temporalidade se encontra às margens da sociedade e emerge como uma contra-narrativa da nação, “contra-narrativas que rasuram fronteiras totalizadoras”²⁰, perturbam as ideologias da vez, que manobram para construir comunidades imaginadas – o ‘povo’.

Vamos voltar novamente para os nossos sertões do século XIX, e reconhecer nos eventos políticos e religiosos que criaram Canudos o que Bhabha chama de deslocamento ideológico; e a liminaridade apresenta a transformação da fronteira espacial, “o exterior, no tempo interior”; e este oferece “um lugar do qual se fala sobre – e se fala como – a minoria, o exilado, o marginal e o emergente”²¹.

Antonio Conselheiro, em anos de peregrinação solitária e, depois, em peregrinações pelos sertões, agregando multidões que se reconheciam na sua narrativa, apresenta-se já como uma figura liminar e expõe um discurso no qual o povo-Sertões está à frente e se mostra ante uma sociedade que não o incluía.

Bhabha cita o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” de Freud, e enfatiza o quanto de ressentimento pode estar nele contido; em consequência, a agressividade será projetada no Outro. Consideramos esta referência a Freud interessante tanto se refletirmos sobre a guerra/revolta de Canudos, quanto sobre a narrativa do próprio Euclides da Cunha, a respeito dos acontecimentos.

De fato, em todo o romance, Euclides da Cunha oscila entre uma análise clínica dos fatos e dos envolvidos (de ambos os lados) e uma indignação às fronteiras da agressividade, ora voltada aos revoltosos ora às forças e instituições da República.

20 Ibid.

21 Bhabha, H.K., *O Local da Cultura*, p.242.

Sobre o sertanejo e o povo do sertão.

(...) forte para apelar ao maravilhoso, pupilo da divindade, vive em função da terra, tinha a necessidade de uma tutela sobrenatural. (...) tem exaltação impulsiva versada com apatia enervadora, uma indiferença fatalista pelo futuro.

(...) aceitavam às cegas tudo quanto dizia Antonio Conselheiro, imersos no sonho religioso, preocupados de forma doentia com a outra vida. Canudos era o cosmos.

(...) Rostos baços, os arcabouços esmirrados e sujos; a vitória tão longamente apetecida decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo sobre Canudos – uma contraproducente compensação e com tão luxuosos gastos. Vidas passando pelos olhos dos soldados vitoriosos, num longo enxurro de carcaças e molambos.

(...) a raça forte e íntegra abatida dentro de um quadrado de mestiços indefinidos e pusilânimes. (sertanejos e soldados, respectivamente)

Segundo Bhabha, no espaço da liminaridade (no colapso das certezas) encontram-se essas neuroses narcísicas do discurso nacional, pois, porque o povo está dividido, não se sustenta mais a homogeneidade pretendida pela modernidade, porque o povo está dividido; o que há nesse espaço são representações ambivalentes e vacilantes, que causam as tensões e ressentimentos. Ainda, segundo ele, tais representações revelam a “contemporaneidade social”.

A descrição do povo e dos atos, empreendida por Euclides da Cunha, tem força porque em seu empenho acaba por apresentar ao país da época e à história futura a contemporaneidade social da nação. Os sujeitos nacionais puderam ser apreendidos na “passagem entre o contar e o contado, entre o aqui e algum outro lugar”²², entre o empenho de Euclides da Cunha em contar – ele mesmo um observador que é parte da sua observação – e a compreensão dos fatos sempre depurada pela história.

A liminaridade de um povo vacila entre ser objeto pedagógico – objeto do poder institucionalizado – e sujeito performático – sujeito de integração marginal e heterogêneo. Por isso, a liminaridade ser um espaço de tensão e lutas. Por vezes, de resistência. Seja como for, é passagem. Meia-passagem.

22 Bhabha, H. K., O Local da Cultura, p. 243.

(...) Fiéis vinham, chegavam, exaustos caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. Era o fim da romagem. O sertanejo simples transformava-se no fanático bruto e destemido. Absorvia-o a psicose coletiva e logo adotava o nome e feitio: jagunço. Chegavam também vaqueiros e matutos iludidos. Todos vendiam o que tinham no sertão e seguiam o Conselheiro; (...) vinham de lugares remotos, fiéis carregados de mobílias, oratórios, para o lugar eleito. (...) modelados pela religiosidade, promessas piedosas, irmandade moral pela fé.

O tempo performático é um movimento que os sujeitos moldam em cada momento; por isso, segundo Bhabha, “o presente da história do povo é uma prática que destrói os princípios da cultura nacional”²³, na tentativa de retomar um passado considerado o “verdadeiro”.

(...) era um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse. Uma insânia formidável. Era um místico do passado no vasto sertão. Era fora do nosso tempo.

(...) insurge-se contra a Igreja Romana, pois esta obedece a Satanás; introduz o pavor do anticristo, a derrocada universal da vida. O fim do mundo próximo. Exalta D. Sebastião, prega contra a República.

Bhabha, logo ao início de *O Local da Cultura*, afirma que a imagem pública de um povo ou comunidade é revelada por suas descontinuidades, suas desigualdades, suas minorias. Há, então, que se voltar para a narrativa marginal, fronteira e tensa. Essa narrativa que reconhece e manifesta a temporalidade do entre-lugar – um tempo presente transformado em um lugar expandido e “excêntrico de experiência e aquisição de poder”²⁴.

Uma narrativa, por fim, que diz, conta e também fecunda uma experiência de nação. Uma narrativa que expande as fronteiras de compreensão e inclusão, porque poderá disseminare(*), ir além²⁵ na própria experiência de interpelação e de narração.

Euclides da Cunha narra, ao final de *Os Sertões*, o povo-nação deixando Canudos em mãos de seus únicos defensores – apenas “quatro jagunços contra cinco mil soldados” – e chegando ao acampamento do exército; nesse momento,

23 Ibid., p. 247.

24 Bhabha, H.K., *O Local da Cultura*, p.24.

(*) Mantivemos a forma do latim, pois que reforça mais o significado de *semear, fecundar, fundar*.

25 Referência ao conceito de Bhabha: **“O ‘além’ não é um novo horizonte, nem um abandono do passado, (...) é um movimento exploratório incessante”**. *O Local da Cultura*, p. 19.

pela primeira vez, os diferentes ficaram frente a frente e sem as fronteiras horizontais, mas não lado a lado. E por assim ser, algo começava a se fazer presente.

(...) olhos presos no chão, passo cadente e tardo exercitado desde muito nas lentas procissões que faziam. Uma marcha verdadeiramente fúnebre. E os soldados contemplavam entristecidos; comoviam-se; punha-lhes diante uma legião desarmada, mutilada, faminta e claudicante, com a cor da terra, num assalto mais duro que o das trincheiras em fogo. Custava-lhes admitir que toda aquela gente inútil e frágil saísse tão numerosa ainda dos casebres bombardeados durante três meses.

(...) Um octogenário marchava devagar e às vezes parava. Olhava atrás a Igreja e reatava a marcha para, mais uma vez, repetir o olhar ao templo em ruínas. Em seus dedos as contas de um rosário. Rezava. Aguardava, talvez, o grande milagre prometido.

(...) em desfile, faces brônzeas, cabelos arredios e duros ou anelados, troncos deselegantes. Em roda, vitoriosos, o branco, o negro, o cafuz e o mulato proteiformes com todas as gradações da cor. Um contraste. A raça forte fora abatida.

Disse-me Nação - Nota bibliográfica

A leitura do Professor Homi K. Bhabha (O Local da Cultura. Brasil. Editora UFMG, 2014.) reivindica atenção e permite novas perspectivas a problemas nem sempre muito novos, porém atuais. Bhabha enriquece suas reflexões com a Literatura, este espaço no qual é possível recuperar ideias ou pensamentos inacessíveis, esquecidos, ao situar o leitor dentro de um contexto que pode ser íntimo, social, político, idílico, afetivo, desde que imaginário. Assim, o leitor pode experimentar o fundo de verdade contido nas teorias e relatos históricos. Como disse Vargas Llosa, na verdade das mentiras. Então, nessa leitura, não faltaram as associações a paisagens literárias e, dentre elas, Os Sertões, de Euclides da Cunha (Brasil. Ediouro, 2008.), utilizado como fio condutor, ou paisagem eleita, para orientar a reflexão dos conceitos apresentados por Homi Bhabha. Como esclarecimento do papel e perfil da obra de Euclides da Cunha, considerações de Otto Maria Carpeaux, publicadas em um ensaio de 1965, (Ensaio Reunidos – Volume II. Brasil. Topbooks, 2005) foram aproveitadas, principalmente quando caracteriza o livro como romance histórico.

ACASO LIMIAR:
A MADEIRA, O IMPROVISO E OS
ACONTECIMENTOS NA FRONTEIRA

Seizo Vinicius Soares

Acaso limiar

A madeira, o imprevisto e os acontecimentos na fronteira.

No filme Automata (2011) em uma Terra arrasada pela radiação do sol, a humanidade luta para sobreviver em meio a desertos radioativos, chuva ácida e a regressão tecnológica causada pelas tempestades elétricas que assolaram a atmosfera destruindo bancos de dados, dispositivos e circuitos eletrônicos. Em seus esforços de sobrevivência foi criada uma geração de robôs que ajudaria na construção de contenções e outras barreiras de proteção. Entretanto a ação não alcança sucesso e os robôs agora desempenham diferentes funções na sociedade. Estes robôs têm sua inteligência limitada por protocolos lógicos que garantem a segurança dos humanos. São também inalteráveis, ou seja, não podem sofrer modificações ou reparos a não ser pela companhia responsável. O ponto de mudança na história é a descoberta feita pelo investigador da seguradora da companhia. Os robôs estavam sendo alterados por alguém que não a companhia proprietária das máquinas. As investigações levam a uma revelação que constitui o clímax da história: os robôs inteligentes passaram a alterar-se a si mesmos e, portanto, os protocolos lógicos pareciam ter sido violados ou suprimidos.

O que surge então é uma nova forma de vida. Os robôs passam a ser seres conscientes, dotados da vontade de viver. É assim que um dos personagens-máquina define o que é ser vivo: a consciência para o desejo de viver.

O desfecho da história questiona diferentes aspectos da identidade humana, propondo uma forma de vida mecânica, não-orgânica. No último diálogo entre o investigador agonizante e um dos novos seres conscientes, o homem perplexo pergunta: "Quem os criou? Como

aconteceu?”, o robô responde: “Ninguém nos criou, nós simplesmente aparecemos, como vocês.

O que simplesmente acontece interessa a quem se abandonou de palavras. O que sem possível razão anula explicações, cala justificativas. Os frutos do acaso, cheirosos de caos e altos demais para as mãos de nosso pensamento é o acontecimento que muda tudo, que faz parar tudo e nos coloca diante do dorso invisível de Huldra, ser encantado do folclore norueguês que atrai lenhadores floresta adentro e ao dar-lhes as costas desaparece, deixando-os perdidos para sempre.

“Por traz do mito há ele mesmo”, nos diz Nachmanovitch (1993), e a forma do mito é seu conteúdo e não há tradução letrada possível. Os acontecimentos que me interessam agora são estes que nos fazem suspender esquemas de pensamento, que nos desligam dos aparelhos digitais de sobrevivência e nos colocam diante de algum mistério, de alguma memória indizível. Estes acontecimentos nos vivem na fronteira, esse lugar onde algo passa a existir”. Mas...será que a experiência de Larossa (2014) e Dewey (1934) ainda é possível?

A vida – ou sobrevida – datada e ditada pelas tecnologias de intermediações política, cultural e social, represada por convenções e discursos que parecem estar irremediavelmente pré-estabelecidos, fixados em sua ambivalência paradoxal, repetidos em qualquer circunstância. Bhabha (2013) em suas ideias sobre o discurso do colonialismo e o estereótipo – sua principal estratégia discursiva – explica esta ambivalência entre “a rigidez e ordem imutável” e “a desordem, degeneração e repetição demoníaca” (Bhabha p. 117), oscilando entre o que está sempre ‘no lugar’ e algo que deve ser ansiosamente repetido.

Haveria ainda espaços e tempos para a experiência como concebida nos termos de Dewey e Larossa ou ainda para o acontecimento de fronteira de Bhabha?

Incomoda sobreviver. Incomoda a existência feita sobrevivência nostálgica, sem sentido, automática, robótica, conectada. Até os robôs desejam viver, não sobreviver? E neste caso, o que seria viver? Como seria sentir-se vivo? Para quem serve ser vivo? Respiro, me alimento, falo, alerta, critico, me calo, reajo, destruo, fertilizo. Estou vivo?

Andar pela borda da Mata a tardinha sem nada o que esperar. Foram os cheiros da madeira que me seduziram. Minha Huldra desejada, a levar-me pelas mãos rumo à luz da escuridão. Os perfumes que exalavam enquanto o velho usava um disco de serra enorme em um toco centenário. Dava-se nada por aquele pedaço cinzento e rachado de madeira, entretanto, o barulho da máquina de serrar acompanha a nuvem de serragem e aquele cheiro que nunca havia sentido, de qual memória não havia imagem ou nada que a datasse: A primeira vez a cheirar um perfume inebriante. Dali em diante chegou a obsessão em serrar e lixar para que todas aquelas substâncias volatilizassem e alcançassem minhas narinas, em esculpir formas apenas para raspar aquele material e viver seu cheiro e ver suas cores escondidas.

Passei a trabalhar todos os dias na marcenaria da Mata, catando pedaços antigos, conversando com o velho, levando tocos para casa. Dormi com eles, olhei para eles o máximo que meus olhos aguentavam. E tudo ali me interessava e tudo dava sentido. Na biologia das árvores, sua história na nação, na cultura, na economia, na ciência, no planeta. Segui Huldra até o fundo da Mata e a vi desaparecer ao me dar as costas, mas para minha surpresa eu não estava perdido ou morto. Ao contrário. (Teria este autor mal escolhido o exemplo de mito? Ou ele apenas ainda não teria se realizado plenamente? Time will tell...)

Logo juntei algumas ferramentas e pude fazer parte do trabalho no quintal. A oficina foi surgindo aos poucos, com simplicidade improvisada e cuidado para não se render ao encanto da ferramenta, que deixa suas marcas indeléveis no trabalho. Demorei dois anos até convencer-me a trocar a serra de arco manual por uma máquina elétrica. Perdas e ganhos.

Manhã de maio. Bem cedo, o céu azul, uns dezoito graus centígrados. O silêncio da vizinhança abre espaço para que eu ouça mais que os passarinhos e a marreta do trabalhador lá longe. Ouço também a mim mesmo (ou seria outrem a socorrer-me?) em tom imperativo: 'vai pra a oficina'.

Reclamando de minha insistente disciplina, sigo meio a contragosto e apesar da aparência pacífica do subúrbio rural estou mesmo entre mil e uma conexões deslizantes. Mas nesse estado de relativa tranquilidade, com minhas ferramentas simples e a bancada de madeira, não sei o que fazer. Posto ali, de pé, entre objetos catados, madeira, cheiros e palavras rabiscadas a lápis branco por toda parte, sinto a solidude de que sempre fui afeito. Silêncio demais. Após algum tempo perdido naquela inércia matinal, sem poder encontrar na razão os meios para a ação, desisto da ideia de trabalhar e tendo tempo para fazer nada, coloco meu corpo em ação. Dar passos, estender a mão para apanhar um toco, rabiscar com a faca mais alguma palavra perene.

Olho minha xiloteca e todos aqueles blocos de madeira recém-arrumados em uma nova prateleira de segunda mão; apanho a faca que o Ivan fez para mim, um pedaço de jacarandá centenário e começo a lascar. Imagino meus antepassados, lembro-me de criança, sentado no meio fio, com os pés na corrente da água da chuva de verão, descascando a primeira laranja e vendo meu sangue escorrer de um corte pulsante.

Então eu vivia os conselhos indecifráveis do meu avô, fugava no quartinho de ferramentas e adorava o cheiro da caiação e a pátina de tinta e massa que se formava nas pás de mão, nas latas de óleo abertas a servir de balde e o arame retorcido reforçando a muitas vezes reparada peneira de areia. Vivia me perguntando por quanto tempo ficaria ali aquele banco trazido da obra, com respingos de tinta, marcas de serrote abandonadas, pregos de diferentes tamanhos amassados e cravados sobre a madeira e tantas outras marcas do trabalho e das mãos estendidas às ferramentas

dos pedreiros. Toda vez que eu o via sentia que algo provisório estava para mudar. Não me lembro de o banco ter sido removido de lá. Ficou provisório para sempre.

Cada ajuste improvisado, cada empreita cambaleantemente eficiente do pedreiro me fez ver, anos mais tarde que era possível modificar a matéria e transformá-la em algo útil ainda que provisório. A provisoriedade é desejável porque cria contextos abertos e ao mesmo tempo põe a agir o perspicaz, o bobo e a criança. No campo de obra o pedreiro é o protagonista distraído. Ali ele reina sobre a matéria porque é nas suas mãos que ela é moldada, esculpida, forjada. Porém, o pedreiro age entre o poder do saber técnico acadêmico do arquiteto e do engenheiro e o poder econômico, patronal do dono da obra. Este pedreiro de que falo é aquele que trabalha nos bairros das cidades, com pouca escolaridade, atuando como profissional ou fazendo um “bico”; é o pedreiro que aprendeu ao observar e ao fazer. O campo de obra onde estou agora é o da casinha de subúrbio, a pequena empreita ainda despojada do acesso aos avanços tecnológicos e técnicos, das empresas especializadas e formalmente mais sofisticadas.

O que acontece neste lugar é a lida com os materiais disponíveis, o conhecimento empírico, o tempo do dia e as intempéries. A despeito das instruções do arquiteto, do engenheiro e do dono da futura casa, o pedreiro se vale de artifícios não descritos previamente, usa as ferramentas e os materiais a sua maneira, cria relações e funções imprevistas e arma suas traquitanas buscando poupar tempo e energia. Aparecem as gambiarras.

“(Subst. Fem.) No Brasil, o significado predominante seria “improvisação”. Em Portugal, o significado predominante seria “extensão de luz”. Entre outros significados, destacam-se “ramificação de luzes” (Ferreira, 1999), “ligação fraudulenta; gato” (Houaiss, 2001), “relação extraconjugal” (Navarro, 2004). O termo “gambiarra” costuma ser usado também

como adjetivo, significando "precário", "feio", "tosco", "mal acabado". Inflexões modernas da palavra (gírias), no sentido de improvisação: Gambis; Gambi; Gambota. Contudo, usamos esta palavra para definir um acessório de iluminação num teatro: (Luzes da Ribalta), conjunto de lâmpadas montadas na ribalta do teatro para assegurar a iluminação frontal da cena e reduzir sombras indesejadas. A gambiarra também serve para que os artistas não percam a concentração durante o espetáculo, pois as luzes da ribalta encobrem a platéia." (Wikipedia)

Entre os dois significados do termo: o relativo ao improvisado, alternativo e mal acabado, e o significado que se refere à instalação de luz do palco (luzes da ribalta), estiro uma rede de possíveis relações.

A gambiarra ilumina o presente para que estejamos atentos? A gambiarra faz desaparecer o espectador que avalia e julga o trabalho? A gambiarra como improviso abre campos para novos poderes e sentidos? Ela pode dar voz a toda potência da matéria por agir num presente desatado do passado e do futuro?

A gambiarra não é desenhada previamente. Cumpre uma função específica com o mínimo esforço e uso de recursos. É temporária, estável o suficiente apenas para cumprir sua função naquele momento. A gambiarra é provisória mas desempenha um papel fundamental no trabalho: criar estruturas e ferramentas que viabilizem a construção com os recursos e poderes disponíveis. A utilização da ferramenta deixa sua marca no produto final de qualquer artífice, e sua escolha é portanto influência marcante nos desdobramentos da linguagem, das possibilidades técnicas e dos resultados estéticos.

Ao escolher uma ferramenta, sirvo-me dela e a ela me submeto. Entretanto, se construo minha própria ferramenta adiciono uma camada de subjetividade e de acaso a todo o processo. É como se eu

pudesse reformar a mim mesmo, pois se são extensões de meu corpo as ferramentas, ao criá-las, escapo à lógica da cultura do consumo, do fetiche, dos sistemas pré-moldados que trazem em seu bojo toda uma caixa de intenções e restrições desenhadas por outrem. A gambiarra do pedreiro pode ser um banco, uma 'chave-de-boca', uma passarela para carrinhos de mão, um tapume, um suporte, uma cama, uma escada, uma ferramenta para dobrar vergalhões de aço ou mesmo um banheiro.

A gambiarra acontece entre o lugar do design e o da arte e encontramos no rasquachismo mexicano (in Bhabha) um interessante paralelo. O termo rasquache era em princípio usado pejorativamente para referir-se a atitudes promovidas pelo empobrecimento material. Quando por exemplo reutilizamos uma embalagem para outro fim, estamos fazendo rasquache.

Este movimento artístico mexicano é exemplificado por Bhabha por meio dos *objets trouvés* de Pepon Osório, artista que a partir de objetos recolhidos na comunidade porto-riquenha de Nova Iorque constrói "alegorias barrocas da alienação social" que opera sua sobrevivência "nos interstícios de uma gama de práticas" (Bhabha p.29).

Para Bhabha, a estética híbrida mexicana do rasquachismo sintoniza com seu conceito do "espaço intermédio além" como o um espaço de residência para se "tocar o futuro em seu lado de cá" como "espaço de intervenção no aqui e no agora". Para o autor, residir no além é ser parte de um tempo revisionário do passado, seus contextos e lógica estética, social e material, e aponta para o trabalho fronteiriço da cultura que não seja consequência do continuum entre passado e presente, que interrompe a atuação do presente transformando o passado-presente "parte da necessidade, e não da nostalgia de viver." (Bhabha, 2013 p. 29)

Assim, "a estética híbrida chicana do rasquachismo" é o resultado do deslizamento do rasquache original, da tradição cultural, do fenômeno sócio-econômico traduzido para o campo da expressão artístico-crítica

passado-presente-futura. Tomás Ybarra-Frausto (in Bhabha) descreve esta estética como sendo o fazer ao “utilizar os recursos disponíveis para o sincretismo, a justaposição e a integração” (Ybarra, in Bhabha, 2013).

Ainda para Ybarra, “Rasquachismo é uma sensibilidade sintonizada com as misturas e a confluência...um deleite da textura e superfícies sensuais...a manipulação consciente de materiais ou iconografia....a combinação de material já existente e veia satírica...a manipulação de artefatos rasquache, código e sensibilidades de ambos os lados da fronteira.” (p.28)

Seria a gambiarra brasileira um passado a ser revisto pelo trabalho fronteiriço da cultura? Aquele trabalho que exige um encontro com “o novo” como “ato insurgente de tradução cultural”? Qual é a ponte até lá?

“Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia de viver”. (Bhabha, 2013 p.29)

Como seria esta refiguração necessária? Para onde olhar? A gambiarra acontece com a finalidade de servir e desaparecerá quando não for mais útil. Uma gambiarra que já fora utilizada e não mais é necessária pode transformar-se em outra gambiarra. Fazer uma gambiarra significa utilizar o que parece estar quebrado ou dar um uso diferente do originalmente designado para um determinado objeto, sistema ou material.

O inacabado, o por fazer, o incompleto que funciona de outra forma, o improvisado em cenário e narrativas sem língua, exigindo outras posturas diante da matéria e do corpo, do ambiente e de seu entendimento são os elementos que agora me atraem como pesquisador, educador e como artista.

Arranjei então uma oportunidade experimental. Deveria proporcionar um acontecimento em minha oficina, dirigido à pesquisadoras educadoras do grupo de estudo do qual participo, LEPED (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diferença) da UNICAMP.

Meus colegas de grupo são educadores e pesquisadores ocupados com diferentes temas e abordagens sobre a diferença e a inclusão, entretanto, seu traço comum é a busca por novas linguagens e outros esquemas de pensamento, evitando jargões e estereótipos da academia que sempre levam a saídas já mapeadas e conhecidas. A urgência de outros sentidos, de outras palavras e da experiência de fronteira move este grupo.

Meu propósito era vivenciar a oficina de madeira e apresentar a minha narrativa artística e a partir daí conversar sobre os significados de educação inclusiva e outros conceitos tendo como fundamentação teórica a leitura de Romi Bhabha e outros autores. Os participantes se envolveriam numa forma de expressão natural e contextualizada na oficina para perceber os sentidos de uma experiência fora do conhecido e familiar espaço institucional acadêmico.

Estava eu como o responsável por fazer isso acontecer. Nos dias que antecederam o acontecimento não consegui evitar a pré ocupação.

Não consegui porque tentei. Ao mesmo tempo que imaginava situações, um roteiro milimetricamente encaixado, havia também o desejo por deixar lacunas perigosas, havia a clara necessidade de evitar a segurança, um formato, um mapa, uma língua articulada para traduzir certos sentimentos.

Durante todo este processo de preparação as palavras de Larossa me faziam lembrar a improvável contenção da experiência em esquemas de pensamento constituídos: "Quando uma gramática, um esquema de pensamento está constituído, qualquer coisa que se produza em seu interior dá uma sensação de já dito, de já pensado." (Larossa 2014 p.37).

Abrir espaço e tempo para o improvável, o incontível, o impossível de imaginar, para o perigoso emergir como urgência, como única maneira de fazer da diferença o meio para que outras palavras surgissem, para que outras formulações pudessem surpreender cada um dos participantes ao dizerem palavras ainda não-ditas. Palavras que revelariam o sentimento experimentado no processo não planejado, acontecido simplesmente. De novo me vem a explicação daqueles que buscaram viver em lugar de sobreviver: "...Ninguém nos criou, nós simplesmente aparecemos..."

Este acontecimento faria viver? Este acontecimento teria lugar na fronteira, adentro da mata fechada, de tantas madeiras e verdes de intocáveis inomináveis tons? O manuseio livre das coisas disponíveis e poucas, observando de fora de si o que surge entre os dedos, sob as mãos em movimento, em sua obra primeira. Talvez sem querer, a pessoa ao observar de fora de si a coisa nas mãos vislumbraria outra dela mesma como o robô descobrindo que pode modificar a si próprio? As ferramentas - extensão do corpo, permitem reformar a si mesmo? Entendo que é este o papel das ramificações criadas pelo ato de fazer e manipular a matéria como meio de expressão. Como nos diz Wilson Marris (in Bhabha 2013):

"...e se de fato então qualquer sentido real pode surgir da mudança material, ele só se dará com a aceitação de um vazio simultâneo e com a disposição de descer até aquele vazio no qual, pode-se dizer, se começa a entrar em confronto com um espectro de invocação cuja liberdade de participar de um território e de um ermo estrangeiros tornou-se uma necessidade para a razão ou a salvação de alguém."

Wilson Marris, in Bhabha

Este pensamento fez mover-me com um tanto mais de confiança rumo ao acaso permitido, à uma forma de não-planejamento, embora comedida e parcial.

Entretanto faziam-se impreteríveis, igualmente necessários e urgentemente irrecusáveis um roteiro a seguir e um esquema de pensamento que passei a repetir internamente, como pedaços de um poema. “Isto é por isso, aquilo vem daqui, isso é assim, isso é assado...”, “Primeiro faremos isso, depois aquilo...”. Neste momento suspenso entre o antes e o acontecimento que acolheria em minha Casa eu me encontrava terrivelmente lançado à razão e a uma espécie de sentimento de “dever de cidadão”. Receber todas aquelas pessoas, admiráveis desconhecidos, em um contexto de pesquisa e ação profissional era uma pressão inegável.

Dentro deste emaranhado paradoxal e ambivalente, entre estes lugares do educador, do pesquisador e do artista, prevaleceu outra coisa. Como disse, escolhi favorecer o acaso. Mas antes disso, reorganizei as ferramentas, fiz um novo suporte para as brocas, selecionei alguns pedaços de madeira, espalhei cadeiras e mesas pelo quintal. Sobre elas apenas meus bonsais favoritos. Guardados noutro canto da casa e prontos para serem usados, estavam materiais para desenho, umas buchas naturais, cola, tesoura, barbantes.

No lugar de um plano, um cenário, no lugar de um discurso, sentimento. Assim eu esperava dar lugar possível a alguma experiência que ao misturar-se com as línguas dos participantes pudessem fazer brotar alguma fresca tradução. No dia marcado, bem cedinho em um dia quente e azul, a mesa posta e o cheiro do café alertavam o silêncio.

Um a um começaram a chegar os convivas e desta vez eu poria a prova a capacidade de criar um entre-lugar entre a sala de aula institucional e a experiência torneada em sentidos. Agora, semanas após o acontecido, quero crer que, como anuncia Larossa, busco o que houve entre as leituras de Bhabha, Larossa, Dewey, Fischer e outros, a experiência e a escrita sobre a qual agora me debruço. Assim, entendo que por ter evitado uma língua para deixar chegar a tal experiência, revidam fugindo agora as palavras para falar sobre o que acontecera.

E é neste mundo em silêncio, neste vão entre as palavras em que me atrevo a traduzir. É o mesmo sentimento que me acometera naqueles dias de oficina: a sensação de estar sem palavras ou mais, a sensação de não desejá-las mais. Mas ao invés de temer esta ausência, livro-me diante dela e empurro minhas fronteiras. Dizem que o silêncio dos seus amigos é o que no fim nos lembraremos. O silêncio de quem deveria falar e não diz nada é das coisas mais inquietantes que já senti. Paira um ar sem peso, como que rarefeito, e a cada segundo de silêncio de não-discurso o labirinto parece crescer, e se espera algo que não vem, como na sala vazia com os móveis arrastados para a festa, como o tempo entre a experiência e a escrita.

Todos já haviam chegado. Passei a ouvir, bebericando café com biscoitos. Traziam em sua conversa os afazeres, seus espaços pessoais, seus esquemas de pensamento, sua 'língua pátria' própria. Senti-me estrangeiro em minha casa e ao mesmo tempo percebi aquele grupo como uma canoa de migrantes. Estávamos todos enfim nas bordas de território estrangeiro. Os migrantes com sua língua, num ambiente desconhecido, desconhecedores de qualquer regra ou propósito, e eu – como anfitrião – com meu silêncio e minhas dúvidas.

As conversas se cruzavam, os assuntos colidiam e as línguas de cada qual fazia soar sua presença, registrava seu estar ali, em resistência. Percebi que não havia como lançar mão da minha já testada tática de professor de agarrar alguma fala para iniciar o trabalho e permaneci alguns minutos em pânico, por não saber o que fazer em seguida. Mas alguém me ajudou: "Bem, agora o SeiZo é quem diz..." O senso de pânico piorou antes de melhorar. Então, convidei a todos para seguirmos em passeio pelos arredores da mata. Enunciei rapidamente o que aconteceria em seguida e distribuí saquinhos de papel onde cada participante deveria trazer de volta do passeio, objetos e materiais que lhes despertassem atenção. Falava junto comigo, num amálgama de sentidos e outras cidades, Dewey:

"a emoção funciona como um ímã que atrai para si o material apropriado por ter uma afinidade emocional com o estado de ânimo já desencadeado. A escolha e a organização do material são, ao mesmo tempo, uma função e um teste da qualidade da emoção experimentada."

Dewey, 1934, p.159

No caminho ao ar livre, na beira da mata, coletando objetos, é o corpo e o que pode o corpo em seu andar, observar, sentir, fletir-se, transpirar, aquecer-se que leva a mente a desconectar-se e enfim concentrar-se no presente, nesse espaço estrangeiro e inóspito. Para mim estas caminhadas são um exercício de desconexão, de presença, uma espécie de férias da língua.

Pequenos grupos se formaram, pela similitude dos passos ou das palavras, uns auxiliando os outros, catando amoras, dizendo nomes de plantas e de cores e aos poucos estávamos juntos. Esta caminhada teve um sentido diferente para mim desta vez. Eu também saí a cata de coisas, de objetos e de palavras a serem usadas adiante, e deixei seguir sem saber, mimetizando talvez o sentimento do grupo. Deixar falar sem falar. Fiz conviver em mim o desapego necessário para fazer fluir o acontecimento e a infame necessidade de falar que insistia em me cutucar. Enfim chegamos a um lugar de história. O lugar das minhas primeiras experiências com a madeira e resolvi falar. Oscilante e incerto à falar. Senti-me incomodamente a representar e não a apresentar o que eu sentia de fato.

Falei um pouco sobre os primeiros experimentos com a madeira, sobre como surgiram as primeiras visões e ideias, sobre as pessoas que me ajudaram... Talvez esta história que decidira contar ali estivesse deslocada de mim mesmo, distante demais, amarrada por deslizamentos de sentidos e culturas internas. Senti que contar aquela história de origem não me

fazia mais tão bem quanto um dia me fizera sentir. Algo havia me deixado e não me dera conta até aquele momento em que precisei fazer soar aquelas palavras novamente. Já não eram minhas. Já se desmanchavam em minha boca como fungos apodrecidos, como cita Larossa (2014). Essa terrível descoberta fez retornar o pânico. Quisera eu ter ficado quieto. Senti-me traidor de mim mesmo, um tagarela repetitivo que sucumbira à tradição.

Enfim, como um músico que erra a nota no concerto, segui em frente e logo ali, diante do cenário de bosque da praça Peroba Poca encontramos um tronco. E pude então voltar a me equilibrar sobre ele. O toco falou comigo e voltei a falar agora sobre as características da madeira, sobre como ela reage à ferramenta, da orientação dos feixes, de suas texturas e qualidade físicas.

Era preciso combater o tempo todo a tendência em querer fazer sentido para quem ouvia, eu deveria apenas seguir atento ao fluxo do acontecimento presente e às formas e conteúdos de minhas intervenções: sem pressa ou dever de produzir unidade de sentido, suspendendo o fluxo entre passado e presente.

O acontecimento têm seu lugar no vão entre a leitura e a escrita, entre a lida com o corpo o ambiente e a matéria, deixando vibrar sentidos em cada participante-migrante. Porém, uma certa tensão, uma certa pressão deveria emergir do cenário e das palavras pronunciadas. Era preciso formular um propósito. Como nos diz Fischer, para que haja expressão é necessário pressão. Este fio estirante que faz vibrar a expressão ia sendo composto em parte pelos meus planos pré desenhados em parte pelo acaso favorecido: ao convidar cada participante a recolher seu material e em seguida disponibilizar meios, ferramentas e possibilidades de manipulação, composição, modelagem e escultura.

Então, ao voltarmos para a oficina, saquinhos cheios de objetos, apresentei a minha língua: a lixadeira, a serra de fita, minhas facas e lâminas, as lixas. Demonstrei o uso de cada uma delas e os participantes

puderam experimentá-las sob minha supervisão. É quando surgem os 'sotaques' que na reprodução do exemplo, cada participante com seu corpo e inexpugnáveis complexidades apresenta em gestos e objetos sua própria leitura do que eu acabara de demonstrar, adicionando sua própria expressão do acontecimento.

O exercício na oficina é um lugar de tradução. A atração por determinados materiais e ferramentas e a maneira como são efetivamente utilizadas concretiza essa tradução, uma língua de cada um, híbrida e desterritorializada.

Como nos diz Bhabha, o trabalho de fronteira é aquele que cria pontes como passagens que atravessam passado-presente-futuro. Fazem ir e voltar outro, "tocam o futuro de seu lado de cá" porque suspendem o *continuum* passado presente. O acontecimento é este momento que emerge no entre-lugar das culturas. No trabalho improvisado com a madeira, nas gambiarras da oficina eternamente provisória, na quietude desconectada de uma quente manhã de primavera, entre a máquina e o organismo, entre a matéria e a mão, entre a experiência e o sentido, entre sobreviver e viver. Preciso ir. Embarco as quatro e meia.

Aeroporto now!

"É preciso que a pessoa saia de si mesma para de fato ver o que está fazendo."

Renée Green

Aeroporto de Goiânia, embebido de café e de palavras frescas, vejo através da vitrine que dá para a pista de decolagem o sol e o azul seco do céu do planalto central do Brasil. Turbinas, cores e todas as pessoas debruçadas no parapeito, crianças no colo em encanto pela ferramenta. Silhuetas acenando, bagagem, rodinhas. O entreposto de pessoas entre o passado e o

presente num espaço de libertadora impessoalidade arquitetônica provendo o tempo e o espaço adequado para lançar-se sobre si mesmo. O aeroporto é uma fronteira? O aeroporto é um entre-lugar? Que perfeita metáfora? No entanto, o zumbido metálico do sistema mal funcionando e os slogans em vermelho - “Despache aqui a sua sede” e os postes com tomadas para recarregar baterias recarregando as pessoas e os fios dependurados nas orelhas e o zumbido metálico do sistema de ar condicionado mal funcionando, (funcionando), me desfazem o foco feito a partir das leituras de Bhabha - que acabei tendo de despachar com a outra mala – Perdi a imagem do entre-lugar e pus-me a expor o meu engano. Deslizei outra vez para o lado de cá e só pude ver o aeroporto como uma espécie de boia. Um aparato que agora me parece como uma boia para fazer sobreviver as pessoas à terrível tarefa de esperar a sós.

Mas eu tento escapar. E sentado bem aqui (boto o celular de lado) posto a escrever nesse caderninho, catando palavras no passado, palavras opacas, palavras repetidas demais para que eu possa sentir de fato seu sabor, me agarro a algum sentido. E insisto e me debato sobre mim mesmo e incito.

Ao buscar em um além ciência fugidio investigo como quem fareja alguma coisa: Por ali, para cá, uma brisa morna, a mulher que passa, os fungos do ar condicionado, o pedaço de pau brasil no meu dedo. E avanço sem poder parar, farejando, como se não pudesse haver um fim. Mas é tarde e preciso embarcar.

Nesse traço azul e nas tremulações da caligrafia no colo, toco o futuro do seu lado de cá e vivo na fronteira.

ESPAÇOS DO POSSÍVEL:
ESCOLA, DIFERENÇA, ARTE E INCLUSÃO

Carolina Bosco

*"A Arte não um espelho para refletir o mundo, mas um martelo
para forjá-lo"*

Maiakovski

A CAIXA MÁGICA

O local é uma escola pública de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, Alfabetização de Adultos, pouco importa! O que realmente conta é estarmos numa sala de aula, em círculo, formado por crianças ou jovens ou adultos, todos sem distinção, sentados em torno de uma área central onde repousa uma caixa tangível, quadrada e vermelha, que é mágica.

O lugar central do círculo é a área do sagrado, das celebrações, para onde converge a imaginação de cada um dos participantes. Dentro da caixa mágica, foram depositados objetos, lugares, personagens e sentimentos, todos sempre imaginários, os quais constituem o sagrado criativo de cada um. Os objetos imaginários passam a viver na Caixa Mágica e, ao longo do ano escolar, são revisitados de diversas e diferentes maneiras, cantados, dançados, dramatizados, desenhados para, finalmente, tornarem-se Personagens que passam a habitar uma história criada coletivamente pelos participantes do ateliê. História que pode ser contida e contada em um livro, um cartaz, uma peça de teatro ou em todos estes formatos, mas sempre passando pela expressão escrita e falada de um Conto.

Produzido por um pequeno instrumento de origem asiática, ouve-se o retinir de um som de "PIMMMMM", o qual pode remeter ao som uma brisa suave percorrendo montanhas, a sinos longínquos que badalam e remetem a lembranças remotas perdidas nos meandros das memórias presentes e ausentes. Todos o recebem de olhos fechados, sem falar, apenas ouvindo. Aliás, no ateliê, procura-se deixar as palavras faladas descansarem. Em seguida, todos

se olham nos olhos e repassam um para o outro esse olhar, e quem o recebe repassa para o seguinte, que o recolhe e o repassa, assim sucessivamente, até que se fecha o círculo. Recomeça-se, agora com o ouvido, o qual deve ser igual e cuidadosamente repassado uns para os outros, colando-se orelhas com orelhas, até que novamente o círculo se fecha. Com essas “atitudes simbólicas”, os presentes “dizem” que estão juntos, cúmplices, atentos uns aos outros.

Pronto! Levantam-se todos e se espreguiçam, o ritual de abertura do ateliê está concluído. O inconsciente de cada um já se encontra informado que aquelas pessoas estão em situação de jogo, de simulacro e habitam, mesmo que temporariamente, o espaço concreto e subjetivo do Imaginário. Com essa informação crucial, ele, o inconsciente, pode liberar-se e liberar os materiais importantes das vivências e experiências que vão constituir os frutos da criatividade artística dos participantes. Criações materializadas em objetos, gestos, movimentos, cantos, falas e execuções musicais que traduzem e revelam, paradoxalmente sem revelar, portanto, sem expor, as peculiaridades e necessidades de cada um. Especificidades no modo de aprender, de se comunicar e de estar no mundo, que se expressam, sobretudo, no modo como cada participante habita o espaço de jogo do ateliê. Espaço este, que por sua natureza intrínseca, respeita as diferenças de todos, simplesmente porque, para a área de jogo, obrigatoriamente, cada um pode trazer o que realmente é, no aqui e agora de sua criação artística.

Realiza-se a atividade de criação do dia, a qual é, em suas linhas gerais, planejada com antecedência. No entanto, com frequência, no desenrolar das ações o planejamento prévio é modificado pelos participantes, os quais, por motivos subjetivos de um ou de vários deles ou por imposição da própria criação coletiva, costumam enveredar por caminhos insuspeitos, mas sempre pertinentes às necessidades do grupo naquele dia e momento. Cabe ao professor-coordenador do ateliê estar atento e sensível.

As atividades de criação podem ser uma dança e ou um jogo dramático, um canto, tocar instrumentos e ou cantar, inventar um conto e dramatizá-lo com ou sem fantoches, enfim as possibilidades e combinações são quase infinitas, como a vida, aliás!

Em ateliês de Teatro, Jogo Dramático, Conto, Música, Dança, Poesia realizados no ambiente escolar, grande parte dos materiais utilizados estão disponíveis na escola e ou na casa das pessoas que ali trabalham, estudam, trazem seus filhos. Alguns poucos precisam ser comprados, o que não impede que grandes produções possam ser realizadas. Utilizam-se sucatas variadas, retalhos de tecidos de diversos tamanhos, cores e texturas, roupas e acessórios usados como chapéus, coletes, cachecóis, bengalas, bolsas. Materiais artísticos das áreas de Teatro, Música, Dança e Artes Plásticas em geral, espelhos, objetos descartados de uso cotidiano, tais como telefones, vidros vazios de perfumes, caixas. Livros de contos, histórias, poesias em geral. Discos e instrumentos de música variados, criados ou comprados. Aparelamentos de som, vídeo, filmagens e fotos. Imagens fotografadas, pintadas, desenhadas, recortadas. Recursos diversificados de iluminação.

O espaço físico precisa propiciar tranquilidade, privacidade, as portas permanecem fechadas, sem interrupções da realidade exterior à área de jogo, para que se estabeleça uma atmosfera propícia a um mergulho no Imaginário, em atividades de criação artísticas em grupo e individuais.

Após uma hora, em média, de tempo de ateliê, chega-se ao final. Os participantes se reúnem, novamente, em círculo em torno da caixa mágica, a qual permaneceu todo o tempo no centro da sala, como testemunha, campo de projeção e catalizador do Imaginário de todos. Sempre com a mesma música, anteriormente escolhida pelo grupo, é realizada a dança da roda final e, como no ritual de abertura, o inconsciente de cada um é notificado que vamos nos retirar da área de jogo, emergir do mergulho no Imaginário, encerrar nosso ateliê do dia.

Com alguns grupos, ainda sentados em círculo, avaliamos nosso ateliê, sem julgamentos de valor sobre as performances de ninguém. Sem obrigatoriedade, cada participante verbaliza as dificuldades e prazeres experimentados quando realizou ou não as atividades criativas. Pensam juntos maneiras de melhorar a criação coletiva.

Ao longo de todo o ateliê apenas uma atitude é obrigatória, estimulada, proposta, repensada, o esforço de ESCUTA, de si mesmo e do outro, traduzindo

um encontro, respeito e abertura para estar presente, profundamente implicado, compartilhando o aqui e agora do jogo de criação coletiva.

Na função de professora de Educação Especial, realizamos as atividades pedagógicas, mediadas por dispositivos artísticos, acima descritas, em ateliês de arte, nas escolas municipais onde atuamos. Mostram-se acolhedoras para com as diferenças entre os alunos e profundamente inclusivas. Considero-as como “entre-lugares, lugares de encontro entre margens, “espaços do possível”, “espaços potenciais”, conceitos cujos fundamentos teóricos discutiremos brevemente a seguir.

DIFERENÇAS E ENTRE-LUGARES

“A arte nos foi dada para não morrermos da Verdade”
Nietzsche

O conceito de Outrem: *“Há, nesse momento, um mundo calmo e repousante. Surge, de repente, um rosto assustado que olha alguma coisa fora do campo. Outrem não aparece aqui como um sujeito, nem como objeto, mas, o que é muito diferente, como um mundo possível...”* (3, p. 28).

Mostafa, S.P. e Nova Cruz, D.V. em sua obra explicativa “Para Ler a Filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari”, tentativa de nos auxiliar a compreender o pensamento desses autores, informa (7, p. 27) que, para ilustrar seu conceito de “Outrem”, Deleuze se baseou na recriação da história de Robson Crusoé, escrita já no século XX, por Michel Tournier (8), filósofo-romancista francês, nascido em 1924. Esse autor, situou a ilha onde se desenrola a saga no Pacífico Sul, tropical, quente, portanto.

O Robson Crusoé original, criado por Daniel Dafoe em 1719 (2), naufraga na costa do Caribe, e torna-se um vitorioso sobre si mesmo, que, através de seus esforços, desbravou e transformou num império do tipo ocidental a ilha onde

ficou confinado e que salvou o nativo Sexta-Feira de ser imolado por outros e o “civilizou”, retornando inclusive com ele para o mundo “civilizado”, quando, após vinte e sete anos, finalmente, um navio aportou na ilha. Ou seja, um herói europeu branco e romântico que salva um nativo, muito provavelmente de pele escura, de si mesmo.

Michel Tournier, recontou a saga do personagem, mostrando-o não como um herói, mas como um náufrago a realizar um esforço imenso para vencer o desejo de se entregar ao desespero da solidão, através do trabalho disciplinado para conquistar e “territorializar-se” em sua ilha perdida.

“Assim, ele tinha tudo de que precisava naquela ilha; tinha o que comer e beber, uma casa, uma cama para dormir, mas para sorrir não tinha ninguém (grifo meu), e seu rosto parecia uma máscara gélida (8, p. 43)”.

“...É muito difícil continuar sendo um homem quando não há ninguém por perto para ajudar...(idem, p. 32)”.

Ainda segundo as autoras citadas (7, p. 29), Deleuze (5, p. 32) traduziu esse mundo sem Outrem “...como cru e negro, sem potencialidades nem virtualidades: é a categoria do possível que se desmoronou...Nada além de Elementos... Tudo é implacável...”

Assim, num esforço gigantesco, Crusoé reconstrói em sua ilha o único estilo de vida que conhecia, organizada de modo rígido e milimetricamente determinado. Nessa rotina, o único descanso que se permitia era, ocasionalmente, internar-se nas profundezas de uma gruta, onde permanecia por horas e até dia, recolhido, reconfortado, como no útero de sua mãe. Voltava para a realidade de sua ilha, até que o cotidiano implacável o consumisse novamente, levando-o de volta à gruta para refazer-se. Até que, um dia, aparece Sexta-Feira, o “Outrem”, e, com ele, todo um novo mundo possível (7, p. 29).

Sexta-Feira, literal e acidentalmente, explodiu a ilha com reservas de pólvora, restos do naufrágio trazidos pelo mar e que o insano e “civilizado” Crusoé havia armazenado “para uma eventual necessidade”. Viram-se, pois, na contingência de reconstruí-la. Mas, agora havia o “Outrem”, aquele que

agrega diferenças, novas propostas, forja novas identidades. Havia alguém para ajudar, com quem sorrir e continuar a ser um homem.

Tudo se transforma na reconstrução: a ilha que, segundo Deleuze (4, p. 312), também é herói na história, tanto quanto os humanos, modifica-se, ganha novos contornos. Sexta-Feira reassume-se como selvagem e mostra ao europeu Crusoé novas possibilidades de vida, mais apropriada ao território onde vive, uma ilha tropical.

“O conceito de outrem, como mundo possível, criado e construído assim por Deleuze (4, p. 315) assegura as margens e as possíveis transições (grifo nosso) dessa nova estrutura possível de existência... Conceito filosófico que se ocupa de um estranhamento, de uma situação de experimentação de vida, trata de um acontecimento. Uma possibilidade virtual, retirada do caos possível, trazida por outrem, atualizada no real, em uma mudança absoluta do pensamento: viver na ilha, instaurando um novo plano imanente a essa ilha, uma nova existência para os homens que a habitam, os animais, as plantas e, principalmente, para o próprio território-ilha. Ilha que se configura pelos movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização que ali se realizam: Geofilosofia.” (7, p. 31)”

FRONTEIRAS – HIBRIDISMOS - ENTRE-LUGARES “ALÉM”

“Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente.”

Martin Heidegger,
(Building, Dwelling, Thinking)”

Os conceitos desenvolvidos por Deleuze sobre outrem, territorialização, desterritorialização e reterritorialização, levam-me a ousar algumas analogias com outro autor, Homi Bhabha, especialmente na Introdução do livro "O Local da Cultura", Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998. (1, p. 19)

Para Deleuze, encontros, abertura, margens e transições possíveis que possibilitem mudanças paradigmáticas de pensamento e novas existências para os homens e seus lugares de vida compartilhada. Tudo a partir de experimentação do que foi trazido por outrem, sugerindo experiências inusitadas, atualizadas no aqui e agora dos acontecimentos. Bhabha nos propõe novos conceitos sobre identidades e fronteiras, e suas possibilidades de ir "além", de recriar identidades a partir de interstícios que podem ocorrer em "entre-lugares", espaços intermediários de circulação, que favorecem encontros transformadores.

Na recriação da saga "Robson Crusóé", de Michel Tournier, Sexta-Feira surge como "Outrem", aquele que vem trazer novas possibilidades de viver "além", como definido por Bhabha

"Além não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, neste fin de siècle, encontramos-nos no momento de transito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade (grifo meu), passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Isso porque há uma sensação de desorientação, um distúrbio de direção, no "além": uma movimentação exploratória incessante, que o termo francês au-dela capta tão bem - aqui e lá, de todos os lados, fort/da, para lá e para cá, para a frente e para trás!" (1, p. 17)

Sexta-Feira e Robson Crusóé poderiam, portanto, representar, de acordo com os conceitos de Bhabha, duas culturas diferentes, que produziram hibridismos, novas "...figuras complexas de diferenças e identidades..." (Idem), pois não permaneceram entrincheirados em suas fronteiras identitárias. Foram além, abandonaram as margens onde habitavam e encontraram-se no "entre-lugares" dos espaços simbólicos da ilha, em movimentos dinâmicos de

territorialização, desterritorialização e reterritorialização, que transformaram e suas existências e o espaço físico da ilha. Entre-lugares, que são definidos por Bhabha (Idem, p.20) como:

“...aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novas signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade.”

E A GRUTA? O ESPAÇO TRANSICIONAL

“Nas margens de todos os rios do mundo, as crianças brincam ”

R. Thagore

Retomando o personagem Robson Crusoé, agora considerado apenas como um indivíduo que, em alguns momentos, rompia com sua dura e solitária rotina de vida, refugiando-se nos fundos de uma gruta, onde permanecia algum tempo como que regredido, em posição fetal, habitando um útero, o que lhe restituía um pouco de refazimento e consolo.

O conceito de “entre-lugares” acima citado, levou-me a pensar no “espaço-potencial”, espaço psíquico, descrito por David Winnicott (10), onde ocorre a negociação entre as duas ordens de realidade, externa e interna, a qual todo ser humano está, inexoravelmente, submetido. Espaço de jogo, que se desenvolve através do balançar e das canções infantis, na relação primária com a mãe (entenda-se aqui “mãe” no sentido mais amplo de “maternagem”, o que engloba as relações que a criança estabelece, progressivamente, com o pai), onde se iniciam os processos de simbolização, que são complementados no Imaginário e permitem ao ser humano dar sentido às experiências que vive. O que o impede de ser massacrado, porque submetido, pela realidade externa e nela interferir de maneira criativa e, portanto, transformadora.

Ao longo da vida, se desde as primeiras interações afetivo-culturais, o desenvolvimento global do indivíduo vem ocorrendo de maneira positiva, o espaço potencial continua a expandir-se, englobando as experiências culturais da Arte, Religião e Filosofia, as quais constituem tentativas de dar sentido às experiências sociais desse sujeito.

Seria possível uma analogia entre os conceitos de espaço potencial de Winnicott e o de entre-lugares de Bhabha ? Sendo que, se nestes últimos ocorrem os interstícios entre diferenças culturais, as quais engendram novos signos paradigmáticos de identidade, o “espaço potencial” seria o lugar interno, psicológico onde o indivíduo “negocia” a realidade externa, objetiva, compartilhada com seus pares humanos e a sua realidade interna, oriunda de suas experiências afetivas, subjetivas, conscientes e inconscientes.

Trata-se de um espaço de repouso e jogo, como o brincar das crianças, onde tudo é possível, do faz-de-conta, no qual o indivíduo mentalmente saudável, embora consciente da condição de simulacro, de imaginação do jogo, deixa-se levar em sua fantasia, num faz-de-conta que leva-o a revisitar seus espaços interiores, carregados de afetividade positiva. Um movimento que lhe permitiria não somente sobreviver ao mundo exterior, mas compreendê-lo e transformá-lo.

Para Robson Crusoé, então, a gruta seria a metáfora de um espaço-potencial concreto e simbólico de refúgio e repouso mental, onde seria possível se religar com seus antigos caminhos afetivos interiores. Em seu interior, mesmo consciente de ser um jogo, ele poderia imaginar-se regredir ao estado de uma criança pequena, nos braços de sua mãe ou, até mesmo, retornar para uma visita ao seu útero protetor. Ao emergir do mergulho no imaginário, Crusoé poderia novamente enfrentar a dura realidade exterior de ser um náufrago solitário, perdido em uma ilha e isolado do mundo.

Será que sem essas imersões no Imaginário, seria possível a Robson Crusoé preservar sua saúde mental, a ponto de, ao encontrar-se com Sexta-Feira, poder se abrir à experiência “intersticial” de produzir hibridismos culturais e recriar lugares e novas experiências de vida ? Por outro lado, podemos supor, observando como eram boas as visitas ao mundo da imaginação, que Crusoé

viveu excelentes experiências afetivas primárias com o objeto (a maternagem), o que lhe rendeu um espaço-transicional de início bem constituído.

O QUE TUDO ISSO TEM A VER COM ESCOLA?

COM A DIFERENÇA NA ESCOLA?

COM A INCLUSÃO NA ESCOLA?

“E quando o inesperado chegar, precisamos ser capazes de rever nossas ideias e teorias, em vez de encaixar o novo fato a fórceps na teoria incapaz de enquadrá-lo”

E. Morin

Nos últimos vinte anos, na maior parte da sociedade ocidental, incluindo o Brasil, intensificou-se a discussão sobre a escola e suas qualidades. Sobre tudo no anos básicos de escolarização, nunca se questionou tanto sua eficiência como local, não só, de produção de conhecimento, mas de Educação, de formação global de um ser humano crítico, capaz de pensar o mundo e, até, de contribuir para o transformar, tornando-o melhor. Resumindo, a escola tem sido questionada e avaliada intensamente em sua capacidade de ser inclusiva.

No Brasil, é relativamente recente a discussão da escola ser ou não inclusiva, com ênfase na inclusão das pessoas com deficiência. Contudo, na realidade, a discussão engloba fatores que indicam qualidade de educação para todos os alunos, sem distinção. Intensificou-se ao longo dos últimos doze anos, em função, da regulamentação da legislação referente aos compromissos internacionais firmados por nossos representantes, sobretudo na Guatemala (1999) e, mais recentemente, na ONU (2006), os quais já haviam sido contemplados na reforma constitucional de 1988.

Todavia, o “chão da escola”, em nosso caso pública, vem confirmando que, de fato, o que acirrou as discussões sobre a natureza inclusiva de uma escola, foi a matrícula massiva de pessoas com deficiência em nossas instituições de ensino.

Como no poético título da obra de Carlo Lepri (5), que trata da inclusão social das pessoas com deficiência, vieram como “Viajantes Inesperados” e, sem cerimônias e com o amparo da Lei, instalaram-se nos bancos escolares. Como justificativa para o título da obra, o autor diz que “...ele parece transmitir uma imagem poeticamente evocativa da condição humana das pessoas com deficiência” (p. 18).

Apropriando-nos da bela definição, não poderíamos ampliar a imagem poética para evocar a questão da diferença, de qualquer tipo, na condição humana? Diferença, que embora inerente, é quase sempre percebida socialmente como algo inesperado, que provoca estranhamento e sobre a qual os esquemas fechados de representações sociais lançam seus tentáculos imobilisantes, procurando enquadrá-la de tal maneira que, no dizer de Deleuze, em seu livro “Diferença e repetição”, citado no prefácio por Maria Tereza Egler Mantoan (idem, p. 14), ela não pode ser pensada por si mesma.

Na mesma obra, Mantoan afirma, ainda, que “De fato, as representações são criações, são inventadas para atender a interesses da ciência, da sociedade, dos poderes que nos controlam, mas a diferença, como a qualifica Deleuze, é maldita (grifo nosso), por escapar de qualquer força que a torne finita, que a restrinja e a sujeite a um modelo.”(idem, p. 14)

Os “Viajantes Inesperados”, os alunos com deficiência, que apresentam nada mais do que diferenças acentuadas, trouxeram, pois, para o âmago da escola a discussão sobre nossas diferenças, sobre o normal e o anormal, sobre o direito mesmo de sermos como somos, todos imensamente diferentes! Na verdade, nos presentearam com espelhos, que refletem nossas representações preconceituosas e obsoletas sobre o outro. Nos obrigam, enquanto profissionais da Educação, equipe escolar como um todo e as famílias, a abandonarmos as máscaras atrás das quais habilmente nos escondemos uns dos outros, perseverando a laborar num modelo de escola, quiçá de vida, que reproduz saberes, poderes e valores de dominação.

Todavia, como fato dado, cujo direito é indisponível, a presença de alunos com deficiência vem abalando a mesmice, o marasmo pedagógico dessa escola tradicional, elitista e ineficaz, reintroduzindo de forma intensa

discussões técnicas, éticas e filosóficas, que nos obriga a sermos criativos e reinventar métodos, práticas, teorias e, sobretudo, nos obriga a nos enxergar e ouvir mutuamente, para nos relacionarmos de maneira mais verdadeira e igualitária.

As reações têm sido apaixonadas! Temos nos debatido como náufragos e as atitudes são diversas.

Como na saga de Robson Crusoé, há aqueles que reagem ao aluno com deficiência como o Crusoé da versão original, na qual, ao encontrar Sexta-Feira, inicia um processo para "civilizá-lo", ensinando a ele toda a organização europeia que procedeu na ilha, tornando-o um "integrado adaptado". Diferente e felizmente, já existem os profissionais e famílias que, como na segunda versão da estória, recebem e incluem o "viajante inesperado", dá-lhes boas vindas um pouco tímidas, mas plenas de interesse em saber do que precisa, em ver e ouvir o que ele carrega na bagagem e o que tem a dizer. Abrem, assim, "espaços do possível"

Os colegas desses alunos com deficiência, ao contrário, quanto mais novos mais facilmente se mostram abertos e colaborativos. É sabido que crianças transitam muito mais facilmente entre fronteiras, entre diferenças, pois ainda não há representações sociais cristalizadas. Enquanto educadores, precisamos cultivar atitudes de quem verdadeiramente entra em relação com o "outrem", como definido por Deleuze, aqui representado pelo aluno com deficiência. É necessário propiciar a todos alunos, indistintamente, oportunidades de encontros, favorecendo as descobertas das próprias e das diferenças que permeiam a vida. Para isso, é preciso criar na escola espaços e práticas pedagógicas que possam funcionar como os "entre-lugares", propostos por Bhabha, e estimulem interstícios e hibridismos culturais e novos paradigmas identitários.

A ESCOLA QUE SONHO

“A perspectiva de se formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação e da fraternidade, do reconhecimento e do valor das diferenças, o que não exclui a interação com o universo do conhecimento em suas diferentes áreas.” (6, p. 9)

Partilhamos da concepção que escola para todos, inclusiva, adapta-se aos alunos e não ao contrário. Está centrada nos processos de aprendizagem, nos diferentes modos de aprender.

Funciona como um campo de pesquisa, onde coexistem obrigações e liberdade de escolha. Onde é possível pesquisar e descobrir.

Adota currículos abertos, em construção coletiva, de acordo com os interesses e necessidades dos envolvidos e não há adaptações para os alunos mais ou menos dotados. Não há hierarquia de valores entre conteúdos, pois valoriza a construção de conhecimentos acadêmicos e atitudinais. Nunca, em tempo algum, nem de nenhum modo, adota terminalidade específica, como norma, para alunos com deficiência.

Privilegia métodos, práticas e posturas pedagógicas que respeitem o ritmo de cada aluno e seus singulares modos de se apropriar do conhecimento; favoreçam a iniciativa pessoal, a pesquisa sobre assuntos diversificados e os diferentes pontos de vista sobre eles; procurem estimular o livre debate e a circulação de opiniões. Para tanto, oferece espaços, materiais, oportunidades e recursos educacionais diversificados, para que cada um possa se apropriar dos processos de construção de qualquer tipo de conhecimento de acordo com suas possibilidades pessoais.

A escola inclusiva tem um modo de gestão coletiva e democrática, pois, sem distinção de idade, raça, gênero ou função, estimula a participação de todos os atores da comunidade escolar. Todos são responsáveis, podem e devem oferecer sua contribuição para a contínua melhoria da própria instituição.

Sobretudo, na escola inclusiva os conflitos e sua gestão são tratados como conteúdos, onde as relações de cooperação e, como dizia mestre Paulo Freire, a amorosidade são privilegiadas.

Quanto ao bom professor-educador dessa escola que sonho, faço minhas as palavras da professora Mantoan quando o define como aquele que ensina a turma toda e declara que considera a educação "...como uma expressão de amor verdadeiro pelo outro, pois educar é empenhar-se por fazer o outro crescer, desenvolver-se, evoluir."(6 p. 5). Seja quem for esse outro, aluno com ou sem deficiência.

MINHA CONTRIBUIÇÃO: POR QUÊ A ARTE COMO MEDIAÇÃO NO TRABALHO EDUCACIONAL ?

"...os cegos e os poetas enxergam na escuridão. "

Chico Buarque de Holanda

TEATRO - CONTO - POESIA - MÚSICA - DANÇA: Espaços Possíveis em Educação Comum e Especial

A Educação trabalha com o pensamento e a emoção do aluno, em atividades que favoreçam o desbloqueio dos entraves que dificultam a aprendizagem, procurando facilitar um modo global de aprender, que integre o sentir, o fazer e o pensar. Busca, dessa maneira, um "aprender significativo", com o desenvolvimento e expansão do nível de consciência do sujeito, através da sua participação ativa na construção do conhecimento.

Em defesa de uma Pedagogia da Criatividade, declarou Vygotsky (9) que para formar alunos ativos e atores em sua aprendizagem, é indispensável favorecer o desenvolvimento da criatividade e imaginação, ou seja que a capacidade de simbolização e as funções "imaginativas" sejam estimuladas.

Pela sua própria natureza, atividades de criação artística mobilizam esses níveis da atividade psíquica. A participação em um ateliê de teatro, conto, música, poesia e ou dança favorece, pela prática do jogo e através da ficção, que o sujeito aperfeiçoe sua memória, atenção e concentração, desenvolva seu raciocínio lógico-matemático, suas capacidades criativas, imaginativas e de comunicação; descubra ou redescubra o senso de humor e a possibilidade de sentir prazer.

Requalifica o ser humano, porque contribui para aumentar sua autoestima e integração social, na medida em que desenvolve sua capacidade de ser solidário, de respeito, escuta e abertura aos outros. Nesse encontro com o outro há um movimento duplo, no qual a pessoa, no espaço do “aqui-e-agora” do jogo, aprende ou reaprende também a descobrir e a ocupar seu próprio espaço no grupo.

Pela sua natureza intrínseca, a criação artística é uma aprendizagem que acontece no contexto de experiências que se vive. Vivendo essa experiência, o aluno pode compreender, com a integralidade do seu ser, o que é deixar de “existir passivamente” e se tornar “ator”, atuar, dizer, interferir, modificar, criar.

No caso do Teatro/Dramatização, o ato teatral, implicando a totalidade da pessoa do ator, é metaforicamente uma “discussão-reflexão-ação” sobre a vida, que se passa no espaço concreto e na dimensão simbólica do palco. Por isso, depois de uma representação, do ato simulado de manifestar o outro, o duplo, o alhures no presente e na realidade do palco, quando o indivíduo, que se torna “indivíduo-ator”, volta à vida cotidiana não é mais totalmente o mesmo, podendo assim, enriquecido pela sua criação e pela interação no grupo de teatro, melhor situar-se na vida em todos os seus setores, sobretudo na sua condição de ser cognoscente. No processo de criação teatral, a pessoa recria-se a si mesma, pois no movimento das passagens “pessoa-ator-personagem” trabalha suas dificuldades, dúvidas e anseios através das vivências do personagem.

A criação, leitura, dramatização de Contos, enquanto área afim ao Teatro e, igualmente, recurso mediador de aprendizagem, têm o poder de incitar a

imaginação a viver os tempos fabulosos de ficções que narram as aventuras humildes e maravilhosas de homens de todos os lugares e de todos os tempos, que procuraram, em cenas imaginárias, através de seus mitos individuais e coletivos, inventar realidades para melhor enfrentá-las.

A Poesia, por sua vez, a linguagem pictórica verbal, comum a todos os homens, possui o poder de guardar “as palavras da tribo”, que ressurgem através da sensibilidade. Palavras que guardam, como nos contos, o maravilhoso, narrações da vida, que os ajudam a viver e reviver a infância, para ganhar energias e assim continuar a sonhar seus atos e serem capazes de realizá-los.

Ouvir, ler contos e inventar histórias, é utilizar as palavras para criar um personagem, constituindo pouco a pouco sua ossatura e sua carne. Num primeiro momento, o personagem só existe na linguagem, que deve ser suficientemente forte para dar-lhe vida e, eventualmente, existência própria. Além de propiciar uma aprendizagem vivenciada e intensiva das estruturas da língua materna do sujeito, inventar e escrever uma história, constituindo assim um espaço e vida para os personagens, é um trabalho psicológico de dar forma criativa a si mesmo, mas no artifício de uma descrição exterior.

Como mediações no Atendimento Educacional Especializado-AEE em particular e na Educação em geral, o Teatro, o Conto, a Poesia, a Música e a Dança são, basicamente, instrumentos de criação de um “espaço do possível” - o espaço do Jogo. Implica globalmente o aluno, seu corpo (tão esquecido no universo escolar!) e seu espírito, em uma aprendizagem do vir-a-ser, um aprender de si, do outro, das coisas da vida. Um aprender vivendo, indireto, sem ser confrontado às suas dificuldades, mas através do jogo, na magia da ficção, que fala da pessoa para a própria pessoa, sem nomeá-la, sem desvelar e, portanto, sem mobilizar máscaras e defesas.

Todos estes diferentes “palcos” de criação artística coexistem num “outro palco”, “o espaço transicional”, espaço psíquico onde interagem, como personagens, as vivências interiores e exteriores do sujeito, abrindo as portas para o imaginário e para a simbolização. Função através da qual ele dá significado às suas experiências, o que favorece o desabrochar da criatividade e possibilita intervenções mais criativas no mundo.

O trabalho educacional com mediação da Arte estimula a criatividade, contribuindo de modo indireto, porquê através da criação artística, para que o aluno supere os obstáculos que entravam o pleno uso e brilho de sua inteligência e bem-estar no mundo.

ARTE E ENTRE-LUGARES

"Eu gostaria de traçar formas ou estabelecer situações que estejam como que abertas..."

Meu trabalho tem muito a ver com um tipo de fluidez, um movimento de vai e vem sem aspirar a nenhum modo específico ou essencial de ser.

Usei a arquitetura literalmente como referência, usando o sótão, o compartimento da caldeira e o poço da escada para fazer associações entre certas divisões binárias como superior e inferior, céu e inferno. O poço da escada tornou-se um espaço liminar, uma passagem entre as áreas superior e inferior, sendo que cada uma delas recebeu placas referentes ao negro e ao branco."

Renée Green
artista afro-americana

Na elaboração deste texto, permiti-me ousar várias analogias entre propostas conceituais que me pareceram próximas.

Ocupou-me, especialmente, o conceito de "entre-lugares", espaço de passagem entre margens, que no dizer de Bhabha (1, p. 22), interpretando a instalação da artista Renée Green, seria:

"A posição da escada como espaço liminar, situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades a

cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais (grifo nosso). Essa passagem intersticial entre identidades fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta:..”

Interessou-me, particularmente, em função do meu exercício profissional, ao longo dos últimos quatorze anos, como professora de Educação Especial em rede de escolas municipais. Isso, devido a maneira como os alunos com deficiência foram recebidos, e às vezes ainda o são, no ambiente escolar, o estranhamento que causam, majoritariamente nos adultos, como se fossem alienígenas pertencentes a outra cultura. Ocorrem reações de profissionais que se dizem despreparados para trabalhar com “esse alunado”, a preocupação de pais de alunos “normais e sãos” com a integridade física e as atenções pedagógicas devidas a seus filhos e outras tantas desculpas.

Desculpas que, na verdade, expressam a não aceitação da diferença, reações comuns para com as minorias, muitas e muitas vezes motivada pelo desconhecimento.

Forçados pela legislação, no entanto, a conviver com o aluno com deficiência, apesar de ainda encontrar resistência, venho presenciando mudanças importantes no comportamento das pessoas adultas, que compõem a comunidade escolar e seu entorno, sobretudo quando se permitem conhecer, descobrir as potencialidades desses alunos tão diferentes.

As experiências que vimos conduzindo dos processos de criações artísticas coletivas, compartilhadas entre alunos com e sem deficiência, têm sido coroadas de êxito e revelado, tanto na intimidade do ateliê quanto à comunidade escolar em geral, capacidades insuspeitadas das pessoas com deficiência, as quais sempre tiveram suas identidades reduzidas à deficiência que possuem. O êxito a que nos referimos aqui é aquele verificado na evolução positiva do desenvolvimento global dos alunos, com ou sem deficiência.

Seria lícito pensar que a sala de aula da escola regular, onde acontecem os ateliês de criação artística coletivos, por serem espaços de jogo, não poderiam

funcionar, simbolicamente, como "entre-lugares" proposto por Bhabha, onde "... A passagem intersticial entre identidades fixas [o "normal" e o "deficiente"-ressalva minha] abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta..."(idem) ?

Permito-me propor outra analogia entre o espaço simbólico do ateliê de arte, o "entre-lugares" e o "mundo possível", quando me reporto, novamente, a Deleuze, com seu conceito do "outrem" inesperado, aquele que traz na bagagem o necessário para a construção de novas experiências identitárias, cuja chegada propicia a abertura de espaço para um novo " mundo possível" e assegura "... as margens e as possíveis transições dessa nova estrutura possível de existência... Conceito filosófico que se ocupa de um estranhamento, de uma situação de experimentação de vida, trata de um acontecimento. Uma possibilidade virtual, retirada do caos possível, trazida por outrem, atualizada no real, em uma mudança absoluta do pensamento...". Por sua natureza intrínseca como área de jogo, de criação, o ateliê de Arte funcionaria, simbolicamente, como um espaço propiciador de experiências atualizadas no aqui e agora, em vivências compartilhadas entre o aluno com deficiência - o "outrem", o "viajante inesperado " - seus colegas sem deficiências acentuadas e os profissionais. Experiências que propiciariam "mudanças absolutas de pensamento".

Finalmente, como já feito alhures, em minha dissertação de fim de curso para o diploma de "Maitrise" em "Arte em Therapie et em Psychopedagogie", (Université René Descartes-Paris V, Paris, 1998), permito-me, ainda, atualizar e associar às outras analogias, o espaço simbólico do ateliê de Arte ao conceito de "espaço potencial" de Winnicott. Devido à natureza dos movimentos psicológicos dos sujeitos implicados na criação artística, a área de jogo do ateliê de Arte seria, a representação concreta do "espaço transicional", outra denominação dada pelo autor para o "espaço potencial", no qual a pessoa pode atualizar continuamente as negociações entre a sua realidade interna e aquela externa, compartilhada por seus pares humanos. Atividade psíquica à qual estamos condenados realizar eternamente, que, ao mesmo tempo, testemunha e preserva nossa saúde mental, ligada à capacidade de simbolizar as experiências vividas pelo sujeito e conferindo-lhes sentido.

O “espaço transicional ou potencial” do ateliê, local de criações artísticas coletivas em Teatro, Conto, Poesia, Música e Dança, é uma área de jogo, que propiciaria repouso mental e onde os alunos poderiam, através da ficção e das vicissitudes das experiências imaginárias dos personagens, preservar e atualizar a saúde mental, tutora da afetiva, cognitiva e relacional, o que contribuiria para abrir espaços de abertura pessoal para acolher as diferenças e construir mundos do possível.

Espaço possível, transicional ou potencial, entre-lugares, onde ocorrem negociações, movimentos intersticiais, úteros geradores de novas e complexas identidades híbridas, culturas além, irrepresentáveis, novas representações do “outrem” e novas formas de vida. Tudo a ver com o caos, o desconstruir, com criar e com o fazer Arte!!!!

Para terminar, queremos homenagear as crianças e os adolescentes, meus alunos que “Compreendem” tudo, mas tudo mesmo que foi aqui escrito, com um poema de Maiakovski :

GAROTO

***“Fui agraciado com o amor sem limites.
Mas, quando garoto,
a gente preocupada trabalhava
e eu escapava
para as margens do rio Rion
e vagava sem fazer nada.
Aborrecia-se minha mãe:
“Garoto danado!”
Meu pai me ameaçava com o cinturão.
Mas eu,
com três rublos falsos,
jogava com os soldados sob os muros.
Sem o peso da camisa,
sem o peso das botas,
de costas ou de barriga no chão,
torrava-me ao sol de Kutaís
até sentir pontadas no coração.
O sol se assombrava:
“Daquele tamaninho
e com um tal coração!
Vai partir-lhe a espinha!
Como, será que cabem
neste tico de gente
o rio,
o coração,
eu
e cem quilômetros de montanhas ?”***

**EU SOU MARIA, DAS MUITAS MARIAS
DE PORTUGAL E DO BRASIL**

Maria da Luz C. M. Veiga

[...] Se o povo de determinada nação é a articulação do movimento ambivalente[...], a própria nação deixa de ser signo de modernidade sob o qual as diferenças culturais são homogeneizadas, em uma visão horizontal da sociedade. A nação, ao contrário, revela, em sua representação ambivalente e vacilante, a etnografia de sua própria historicidade e abre a possibilidade para outras narrações de seu povo e suas diferenças – chamado de “disseminação”

BHABHA

As imagens e reportagens dos refugiados caminhando pelos países da Europa, a chocante fotografia da morte do menino sírio numa praia, e o bombardeio diário das notícias sobre os países da Europa com diferentes atitudes frente a esses seres humanos que buscam condições de vida melhor em outros países e continentes me fizeram questionar, entre outras coisas, como as pessoas se integram aos novos costumes, usos, enfim culturas tão diferentes de seu local de origem. Também me reporta a pensar o que é e como se constitui uma identidade de um povo, de uma nação, quando há essa mobilidade de pessoas de uma região para outra, qual o impacto da chegada de leva de imigrantes a um país? Como esses imigrantes se constituem e se integram ou não a uma nova cultura ?

Inicialmente cabe uma distinção entre o que é ser refugiado e ser imigrante.

Um refugiado é alguém que se enquadra nas definições da convenção de Genebra: *aquele indivíduo que teve de deixar seu país natal por causa de sua etnia, religião, nacionalidade, convicção política ou pertencimento a certo grupo social*. Ao chegar ao país de

destino, essas pessoas podem fazer um requerimento para receber asilo. Na Alemanha, por exemplo, destino de grande número desses refugiados que chegam à Europa, a decisão fica a cargo do Serviço Federal de Migração e Refugiados (Bamf, sigla em alemão). O órgão determina se o requerente tem direito ao asilo, se ele pode receber o status de refugiado ou se ambos lhe são negados. Até que a decisão seja tomada, os requerentes só podem viver em alojamentos, sem permissão para trabalhar.

Grande parte desses refugiados, personagens dos noticiários, são oriundos da Síria, país que está em guerra civil desde 2011 e por conta da violência que se instalou nas diferentes cidades, milhares de pessoas têm deixado o país todos os dias. Uma parte do povo sírio quer a saída de Bashar Al-Assad, ditador que comanda o país desde 2000, quando recebeu o cargo de seu pai, o qual ficou no poder por mais de 30 anos. A revolta popular contra o ditador sírio, surgida no contexto da Primavera Árabe, aos poucos se converteu em violento conflito envolvendo os principais países da região, milícias radicais e as maiores potências do planeta.

Além disso, o grupo terrorista Estado Islâmico está invadindo cidades no país e, com medo de serem presas e mortas pelo EI, as pessoas têm fugido.

Os países da Europa têm reagido de diferentes formas em relação aos refugiados, mas *“a questão mundial dos refugiados nos recoloca sempre de novo o imperativo ético da hospitalidade, no nível internacional e também no nível nacional. São milhões que buscam novas pátrias para sobreviver ou simplesmente para fugir das guerras*

e encontrar um mínimo de paz” - como nos relata Leonardo Boff. E continua: “por que exatamente a hospitalidade? Porque todos os seres humanos estão sobre o planeta Terra e todos, sem exceção, têm o direito de estar nele e visitar seus lugares e os povos que o habitam. A Terra pertence comunitariamente a todos”, citando Kant, quando o filósofo propõe a república mundial (Weltrepublik) ou o Estado dos povos (Völkerstaat) fundada no direito da cidadania mundial (Weltbürgerrecht). Esta, diz Kant, tem como primeira característica a “hospitalidade geral”¹.

Essa questão da hospitalidade é o ponto crucial nos diferentes países, em especial nos países europeus, onde se concentra o maior número de refugiados no momento.

Quanto à imigração, em geral ela ocorre por motivos pessoais ou pela busca de melhores condições de vida e de trabalho ou ainda para fugir de perseguições ou discriminações por motivos religiosos ou políticos. Estes foram o principal motivo dos movimentos migratórios ocorridos da Europa e da Ásia para as Américas no século XIX e também no início do século XX. Muitas pessoas saíram dos países da Europa no pós guerra, por motivos de perseguição ou ainda por conta de fatores econômicos. Sabe-se também que pode ocorrer o interesse na entrada de imigrantes, por razões demográficas por parte dos países de acolhimento ou ainda esse processo pode ser incentivado por governos de países que queiram aumentar o tamanho e/ou a qualificação de sua população, como ainda fazem, por exemplo, o Canadá e Austrália desde o século XX.

¹ *algemeine Hospitalität: § 357, in Hospitalidad: derecho de todos y deber para todos – 11-10-2015- Leonardo Boff*

Temos que se considerar também os migrantes. Um migrante é, em princípio, alguém que se muda para outro lugar – dentro do próprio país ou além de suas fronteiras, para buscar uma vida melhor. No Brasil, temos como exemplo mais próximo de nós, os migrantes nordestinos, que no século passado deixavam sua terra natal por conta da seca, e se dirigiam a São Paulo em busca de melhores oportunidades de vida para si e seus filhos.

Eu sou uma “imigrante”, pois nasci em Portugal, numa pequena aldeia rural. Cheguei a São Paulo com apenas dois anos, aqui cresci e formei minha identidade.

Mas qual é essa a minha identidade: de imigrante portuguesa no Brasil, uma estrangeira em outra nação? O que me diferencia das demais pessoas (brasileiras, coreanas, judias, etc) que vivem nesta cidade de São Paulo, no meu bairro, no meu trabalho?

Ao ler o livro de Homi Bhabha – “O local da cultura” – um tópico me chamou a atenção, quando trata da questão dos colonizadores e colonizados, e como um influencia na formação da identidade do outro. Embora os portugueses tenham sido os colonizadores da nação brasileira, me entendi como uma colonizada na cultura do povo brasileiro atual. E assim como se formou a minha identidade?

Essas questões nunca haviam aflorado, pelo menos conscientemente, em minha vida, mas foram suscitadas a partir do texto.

Outras questões ainda afloram: o que é identidade de um povo, de uma cultura, dos colonizadores e colonizados?

Afinal o que vem a ser identidade? E qual a relação entre identidade e diferença? E entre identidade e diversidade ? Essas questões poderão ser pensadas ao longo deste texto.

Buscando o significado de identidade, podemos dizer que ***“Identidade é o conjunto de caracteres próprios e exclusivos com os quais se podem diferenciar pessoas, animais, plantas e objetos inanimados uns dos outros, quer diante do conjunto das diversidades, quer ante seus semelhantes. Sua conceituação interessa a vários ramos do conhecimento (história, sociologia, antropologia, direito, etc.), e tem portanto diversas definições, conforme o enfoque que se lhe dê, podendo ainda haver uma identidade individual ou coletiva, falsa ou verdadeira, presumida ou ideal, perdida ou resgatada. Identidade ainda pode ser uma contituição legal, e portanto traduzida em sinais e documentos, que acompanham o indivíduo.”***²

Meus pais vieram ao Brasil para iniciar uma nova vida, dar melhores condições a seus filhos, e “fugir” das dificuldades dos países europeus no pós guerra, além da ditadura de Salazar que dificultava a vida dos portugueses, em especial na questão econômica.

Aqui trabalharam, construíram sua casa, criaram os 6 filhos, todos estudaram e se formaram na faculdade – este era o grande objetivo de vida da minha mãe.

Ela sempre manteve seu sotaque português muito carregado, utilizava vocábulos que muitas vezes eram desconhecidos dos interlocutores, fora da família. Nós, os filhos e netos sabíamos

² DAFOE, (D.) : *Robson Crusoe: a aventura de um naufrago numa ilha deserta – Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2006*

exatamente o significado de todas as palavras e funcionávamos como tradutores. Meu marido e os demais genros tinham muita dificuldade, no início, em conversar com ela, pois diziam que ela falava muito rápido e “enrolado”.

Mas isso nunca a impediu de se relacionar bem com todas as pessoas, tendo construído muitas amizades no Sumaré e Pompéia, bairros em que morou desde que chegou ao Brasil.

Os netos que conviviam com ela cotidianamente desde o nascimento, assim como os filhos, não tinham dificuldade na comunicação – um fato que demonstra essa relação é contado pela minha filha. Quando na escola aprendeu a conjugar os verbos, tinha facilidade, pois no dia a dia a avó dizia: tu vais, vós ides; tu comes, vós comeis, etc. E ela se sentia em vantagem em relação aos colegas que não entendiam o porquê da conjugação do verbo em todas as pessoas do singular e plural.

Aqui minha mãe aprendeu a culinária, os costumes dos paulistas, as festas, a usar as roupas coloridas, embora mantivesse o uso de luto prolongado quando da morte dos pais e irmãos. Também relutou em cortar o cabelo, usando a típica trança, que eu me lembro durante toda a minha infância.

Preservou os costumes de sua aldeia natal como as comemorações de Natal e Páscoa, em especial, seguindo os costumes portugueses - mas também acrescentando as novas formas de viver e conviver deste país, aprendendo, utilizando e valorizando a culinária, por exemplo. A feijoada, a macarronada e o churrasco foram incorporados ao uso de muita batata, arroz, carne de porco e bacalhau. A noite de Natal (24

de dezembro) ainda hoje é comemorada pela nossa família, com um jantar tipicamente português onde se prepara bacalhau com batata, cebola e couve cozidos somente com água e temperados à mesa com muito azeite; além das tradicionais rabanadas, arroz doce e aletria. Mas também se comemora, depois, com a ceia, a troca de presentes e o amigo secreto, aprendido na convivência com a cultura da cidade em que vivemos.

Hoje, revendo as seis décadas que ela aqui viveu, me questiono: a identidade dela foi ou não modificada pela cultura brasileira, em especial a paulistana?

Como diz Bhabha, citando Goethe: *“não poderiam retornar a sua vida estabelecida e independente sem perceber que tinham aprendido muitas ideias e modos estrangeiros, que inconscientemente adotaram, e vir a sentir aqui e ali necessidades espirituais e intelectuais antes não reconhecidas”*³

Sim, inconscientemente minha família foi se aculturando, adquirindo modos de vida e costumes locais, vivendo a nova cultura sem abandonar suas tradições e memória portuguesas. Como afirma Hall “o conceito de identidade é um processo em movimento”. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.⁴

Stuart Hall destaca ainda que: *“A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e*

3 DELEUSE, (G.), GUATTARI, (F.): *O que é Filosofia* - Editora 34, São Paulo, 1997

4 DELEUSE, (G.): *Lógica do sentido - Perspectiva*, São Paulo, 2007b

fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.”

Se a identidade pode ser individual ou coletiva, como escrito acima, e por outro lado, ela está sempre em constante mutação, como propõe Hall, retomando uma vez mais a questão da imigração/migração, posso afirmar que “colonização” e “imigração” são campos temáticos bastante consolidados na historiografia e que tem grande influência na formação das identidades individuais ou coletivas.

A “imigração” é um tema, por assim dizer, “universal”, pois, seja qual for o período histórico que estivermos enfocando, sempre haverá habitantes de um lugar movendo-se para outro, em levadas ou por redes de parentesco: *A migração é mais que um ato de liberdade, expressão e autonomia; ela esconde jogos políticos, econômicos e sociais que oscilam entre movimentos populacionais de atração e de expulsão; ressaltando-se que os lugares que recebem os novos sujeitos experimentam a emergência e consolidação de diferentes formas culturais.*⁵

Os imigrantes enfrentam muitas dificuldades em seu deslocamento pelos países, conforme se observa no noticiário diário: dificuldade para sair de um continente a outro, a questão da travessia pelo mar, dificuldade em entrar nos diferentes países, a questão da sobrevivência

5 LEPRI, (C.): *Viajantes Inesperados – Saberes Editora, Campinas, Sp, 2012*

(alimentação, acomodação), do transporte de um país a outro. A dificuldade da ONU em agilizar o processo e oferecer segurança no trânsito de refugiados virou terreno fértil para os coiotes e traficantes de pessoas. Além dos mortos no Mediterrâneo, a descoberta, na Áustria, de um caminhão com 71 pessoas mortas, vítimas abandonadas por seus transportadores, somou-se como mais um trágico exemplo da falência da política de repressão aos fluxos migratórios.

“Segundo a ONU, o número de refugiados, hoje, é o maior da história, comparável ao contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. Mas a crise não é de agora. O número de refugiados no mundo vem crescendo há alguns anos, e apesar do atual peso da Síria como um país que gera refugiados significativamente, ela é apenas um deles. A própria diversidade de mais de 80 nacionalidades representadas na população de refugiados no Brasil sustenta este fato. De acordo com o CONARE (Comitê Nacional para Refugiados), as maiores comunidades de refugiados no Brasil são: síria (24,7%), angolana (17,6%), colombiana (13%) e congolesa (10%).⁶

Pensando na constituição da identidade da nação brasileira, remeto-me à história da formação pluricultural da nossa sociedade e dos sujeitos-trabalhadores que constituíram, o corpo (território) e a alma (cultura) do nosso país.

Nesse contexto me reporto novamente à questão da formação da identidade: a partir de quais referenciais, ela se dá? Num mundo globalizado como se constitui a identidade?

⁶ MANTOAN (M.T.E.): *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?* – Moderna, São Paulo, 2008

Em “A produção social da identidade e da diferença” Tomaz Tadeu da Silva escreve que *“Em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir “identidade”. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou homossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente”*.⁷

Minha família de imigrantes, a meu ver, constituiu sua identidade de forma bastante dinâmica, preservando sua cultura original.

Como afirma Hall: *“uma concepção de identidade que permita uma certa dinâmica: essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos”*.

E retornando aos refugiados, oriundos da Síria ou de países do norte da África, com seus hábitos, costumes, religião em busca de uma vida nova nos países do Ocidente, mais especificamente da Europa e do Brasil, quais aspectos de sua cultura podem ser preservados?

Considerando por ex. os imigrantes/refugiados sírios que vivem em São Paulo: com a vinda desses imigrantes, foram diversas as influências que exerceram na cultura brasileira, como por exemplo na comida (kibe, esfiha, pão árabe, kafta, entre outros), nas danças (dança

⁷ MOSTAFA, (S.P.), NOVA CRUZ, (D.V.): *Para ler a Filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari* - Alínea Editora, Campinas, Sp, 2009

do ventre, por exemplo), na religião (principalmente Islamismo) e nos costumes (como a pintura nos olhos e nas unhas). Os primeiros imigrantes sírios chegaram ao Brasil nos anos setenta, porém já havia outros que viviam no Brasil desde a época colonial, quando Portugal já mantinha relações comerciais com a Síria. Trouxeram conhecimentos para a cultura do país, inserindo novas palavras ao nosso vocabulário e contribuindo na literatura, tapeçaria; introduziram novas técnicas agrícolas e de produtos orientais, trouxeram para o Brasil o limão, o arroz, a plantação de uva e de figo. Observo ainda que muitos descendentes dessa etnia tem destaque na medicina, filosofia e química, além de sua presença na política.

Assim o Brasil, este imenso país continental, foi habitado originalmente pelos indígenas, e colonizado pelos europeus: portugueses, espanhóis, holandeses, italianos, etc. e também por orientais: japoneses, chineses e coreanos, além da população africana trazida ao Brasil como escravos. Atualmente ainda se encontram levadas de pessoas que chegam da própria América como os bolivianos e também agora os haitianos. Este é um país de grande miscigenação étnica e cultural, conforme se pode comprovar a partir da grande diversidade de sua população. *“A migração é mais que um ato de liberdade, expressão e autonomia; ela esconde jogos políticos, econômicos e sociais que oscilam entre movimentos populacionais de atração e de expulsão; ressaltando-se que os lugares que recebem os novos sujeitos experimentam a emergência e consolidação de diferentes formas culturais. E é relevante assinalar que o Brasil, em particular, promoveu algumas políticas para a entrada de imigrantes em que o país (ou suas classes dominantes) se mobilizou/mobilizaram na*

tentativa de reorganizar as estruturas culturais e sociopolíticas da nação. Porém, o que o governo não esperava é que os diversos grupos, com as suas culturas, formas de vida, diferentes maneiras de integração social, compreendidos e apresentados pela sua herança cultural, não fossem atender às suas expectativas – em cada etapa histórica no sentido da assimilação da cultura dos imigrantes para a formulação/criação de uma nova identidade no território nacional. O que as políticas de imigração locais conseguiram criar de fato, foi a pluralidade cultural no nosso país, que é conhecido (recorrentemente até...) como o país das inúmeras cores, raças e credos.”⁸

A identidade brasileira nesses 500 anos foi se constituindo da forma que como diz Hall, tem sua origem “em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência “.

Posso afirmar que “a identidade brasileira não é uma essência, mas o processo de construção de uma grande narração coletiva em que o mito exerce papel decisivo. Porque é o mito que consolida em lendas e figuras toda experiência mágico-fantástica do povo. Tudo que apavora, tudo que alegra fundamente o povo está no mito, em suas raízes. Ele narra, conta. Se não faz isso, as coisas se perdem por entre rezas, rituais, festanças, assombrações – coisas míticas também – mas que o vento pode levar. Isso se evidencia na literatura, especialmente na obra de autores românticos e modernistas, que insistiram na providência do folclore, das festas rurais, no registro das façanhas caboclas...Todas dão o perfil de nossa identidade. Mas o mito tem também o poder de destilar realidades nunca imaginadas antes, e, neste sentido, ele não é só passado, mas vanguarda, nem só

8 TOURNIER, (M.) : *Sexta-Feira ou a vida selvagem* – Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2001

Brasil, mas universo. Idealizadora ou crítica, a literatura apropria-se do mito para reconstruir o imaginário nacional.”⁹

A literatura brasileira se constitui num vasto campo para o estudo da formação do povo brasileiro. Grandes escritores como Gonçalves Dias, tido como, senão o maior, um dos maiores autores da poesia indianista no Brasil e o primeiro a executar os ideais de nacionalismo neste país, é considerado também o responsável pela consolidação da identidade nacional da literatura no Brasil. Outro autor que cabe ressaltar é José de Alencar, que também descreve a cultura brasileira a partir do indianismo, utilizando a imagem do índio como personagem-símbolo da nacionalidade.

Como nos diz Gilberto Freire *“todo brasileiro traz na alma e no corpo a sombra do indígena ou do negro”*.

Observamos que os movimentos de migração são uma constante na história mundial, e que hoje, com a globalização e as diferentes mídias, em especial a internet, fica mais difícil falar em uma cultura local. Bhabha cita identidade original associada a tradição. E o que é tradição, frente ao advento das tecnologias globalizadas?

“O imigrante, com a tentativa de estabelecer algum vínculo com o local de destino, promove relações de trocas culturais, mesmo nas culturas de estreitamento mais tradicionais, conquistando alguns traços simbólicos do outro espaço que passa a ser, aos poucos, também, o seu lugar, formando novas identificações com o ambiente. E, desta forma, as relações sociais se fundem em trocas de valores, crenças, normas, condutas e credos, promovendo, então, uma pluralidade de ideias e formações de processos identitários em constante fusão, não

9 VYGOTSKY, (L.S.): *Imaginação e criatividade na infância* – SMF Martins Fontes, São Paulo, 2014

ocorrendo, totalmente, a troca de uma formação cultural pelos seus processos históricos, mas ativando identidades entre diversos lugares que os fazem vivenciar, experimentar o lugar em sua dinâmica.”¹⁰ (10)

Stuart Hall destaca que o imigrante realiza trocas de experiências como necessidade de negociação social, pois, no caso dessas pessoas: *“[...] elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente a sua identidade... devem aprender a habitar no mínimo duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas, a viver em parte delas sem esquecer delas mesmas.”*

Refletindo sobre a questão da formação da minha identidade e da minha mãe, penso que nossa identidade é multifacetada, híbrida. Sem dúvida, parafraseando Stuart Hall, sem perder a identidade portuguesa, conservando o sentimento de pertencimento à “terrinha”, em nós habitam duas identidades, duas culturas e duas linguagens: a portuguesa e a brasileira.

¹⁰ WINNICOTT, (D.) *Jeu et Réalité: l'espace potentiel* – Gallimard, Paris, 1975
O brincar e a realidade - Imago, Rio de Janeiro, 1975

CULTURA NO USO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL

João Vilhete Viegas d'Abreu

Cultura no Uso da Robótica Educacional

João Vilhete Viegas d'Abreu¹

Podemos admitir que existem várias formas de se entender e interpretar a cultura. T. S Eliot² a define como um modelo estruturado em três instâncias: o indivíduo, o grupo ou elite e a sociedade no seu conjunto (Llosa, 2012). Isto é, como um sistema que, em um país, cresce e nutre regional e nacionalmente para que a pessoa não se sinta somente cidadão de um local em particular, mas cidadão de uma nação como um todo. Numa visão mais ampla desta ideia, no contexto do mundo globalizado, podemos conceber a ideia de uma cultura de países desenvolvidos que dominam tecnologicamente determinados conhecimentos que são utilizados para nutrir países em desenvolvimento. Este processo tem sido praticado ao longo dos séculos em todas as áreas de conhecimento, em todos os países, independentemente da sua dimensão territorial e da(s) sua(s) cultura(s). Neste sentido, no Brasil, no campo da educação, a cultura da prática da Robótica Educacional tem sido nutrida por outras culturas, sobretudo de países como os Estados Unidos com as suas diversas universidades e também por alguns países europeus. Isto se dá mais especificamente no que diz respeito à produção e difusão de conhecimentos nesta área. Entretanto, vale refletir sobre o que significa este nutrir. Uma ação permanente? Existe uma condição de melhoria paulatina de apropriação e de adequação desta cultura por parte da escola que está sendo nutrida. Este sonho é real, ele se concretiza? Ancorado nestas questões este texto buscará tecer um panorama sobre o uso da RE.

1 Núcleo de Informática Aplicada à Educação -Universidade Estadual de Campinas - NIED/NICAMP
e-mail: jvilhete@unicamp.br

2 Thomas Stearns Eliot foi poeta modernista, dramaturgo e crítico literário inglês, mas nascido nos Estados Unidos. (https://pt.wikipedia.org/wiki/T._S._Eliot).

Frantz Fanon, no seu livro *Pele Negra e Máscaras Brancas*, usa uma linguagem filosófica para lembrar que todo indivíduo como ser social é integrado, enquadrado e aculturado. Porém, por outro lado, os recursos culturais que o indivíduo adquire aumentam o seu poder de intervenção (Fanon, 2008). Para Homi Bhabha, *”o trabalho fronteiriço de cultura exige um encontro com o novo que não seja parte do continuum de passado e presente”* (Bhabha, 1998). Uma abstração tanto da ideia do Fanon quanto do Bhabha, tomando como base o uso da tecnologia na educação, de forma abrangente e, de Robótica na Educação, de forma mais específica, nos leva a considerar a possibilidade de implantação/instalação e desenvolvimento de uma cultura de RE na escola que possa propiciar a comunidade escolar (professores, pais, administradores e a população no entorno a escola) ferramentas que os ajude a se apoderar para intervir na realidade que os cerca. Que o novo a ser trazido e incorporado à cultura da escola seja uma ação em prol da modernidade sem, contudo, apagar ou asfixiar as tradições e os saberes da cultura local. Isto é, que venha para nutrir e aprimorar o que já existe. É com base nestas ideias que discutiremos a questão da cultura de uso da RE na escola. A seguir apresentamos a Robótica Educacional.

Robótica Educacional

O estudo da Robótica Educacional iniciou nos EUA, no início dos anos 80, com pesquisa sobre a linguagem de programação Logo (Papert, 1985). No Brasil, a Robótica Educacional teve os seus primeiros estudos desenvolvidos em Universidades como a UNICAMP, UFRGS e UFRJ. Portanto, podemos considerar que a tentativa de se implantar a RE no Brasil iniciou-se nesta época. A Robótica Educacional tem como objetivo

o aprendizado de ciências de forma lúdica e dessa maneira despertar o interesse dos alunos nas áreas tecnológicas. Para uma escola desenvolver atividades de Robótica Educacional, é preciso criar as condições para que isso ocorra. Basicamente isso implica na formação de professores para desenvolver esta atividade. Criação de um espaço na escola no qual esta atividade pode ser desenvolvida e, aquisição de material, Kits de montar, componentes eletroeletrônicos, aquisição de software específico da área, dentre outros insumos.

Das condições de se praticar a RE vale ressaltar o processo de formação de professores, por se constituir em uma ação importantíssima e indispensável. No contexto do projeto de Robótica Educacional desenvolvido pelo NIED, na maioria das vezes, este processo inicia com a realização de palestras para alunos, professores e a direção escolar. Em seguida são ministradas Oficinas Piloto para alunos e professores interessados em trabalhar com a Robótica Educacional. Estas Oficinas que têm, em média, uma duração de 30 horas, possibilitam o aprendizado dos conceitos e princípios básicos para desenvolvimento de projetos de robótica, do ponto de vista de hardware, software e construção de dispositivos robóticos com propósito educacional. Terminadas as Oficinas Piloto os professores iniciam o desenvolvimento de atividades com seus alunos. Nesta fase, normalmente os professores são assessorados pelos pesquisadores da universidade. Processo que se dá por meio de encontros esporádicos de pesquisadores na escola e discussões à distância utilizando recursos de internet. Terminada esta fase passa-se a etapa de consolidação da Robótica Educacional na escola na qual o professor e a direção escolar desenvolvem atividades visando à sustentabilidade do projeto e implantação robótica no currículo. É ao término desta fase que eventualmente se pode avaliar se a cultura de uso da RE se incorporou as atividades pedagógicas

da escola. Ou seja, se a robótica foi inserida no currículo e se ela passou a fazer parte do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Todavia, esta é uma questão de cunho político inerente à administração escolar, muitas vezes, de âmbito, Municipal, Estadual ou Federal, portanto, fora da ingerência dos pesquisadores da Universidade. Enquanto fomentadores da implantação da RE os pesquisadores basicamente atuam na formação de professores.

Durante o processo de formação os professores desenvolvem tarefas com vistas ao aprendizado de conceitos científicos de um ambiente de Robótica Educacional envolvendo:

- **Concepção e *Design* do dispositivo robótico:** Discussão e troca de ideias sobre o desenvolvimento de um robô, nesta oportunidade, com base na proposta da tarefa a ser executada, o grupo discute e decide sobre que tipo de robô deve ser desenvolvido;
- **Construção e Implementação:** Montagem do robô, implementação do sistema mecânico do dispositivo robótico, por exemplo, um carro, um elevador, um androide, etc.
- **Automação:** Elaboração de programas para automação e controle do robô. Desenvolvimento de programas em uma determinada linguagem de programação que, ao ser executada, possibilita com que o robô realize uma determinada tarefa. Por exemplo, permitir com que um robô androide entre e saia de um labirinto. Ou, como dizia Fanon, (2008) “*na linguagem está a promessa do reconhecimento; dominar a linguagem, um certo idioma, é assumir a identidade da cultura*” neste caso entendendo a linguagem de programação cumprirá esse papel.

Portanto, o processo de formação de professores trata-se de uma atividade de construção de conhecimento que pode, pelo menos, possibilitar o desenvolvimento das seguintes inteligências: Corporal sinestésica e musical; Lógico-matemática; Linguística; Espacial; Intrapessoal e Interpessoal. Além disso, a Robótica Educacional é uma atividade que propicia criar situações de ensino e aprendizagem interdisciplinar que possibilitam entender outras culturas, outros modos de compreender a realidade. Ou seja, do ponto de vista científico-tecnológico, entender os princípios básicos de funcionamento de muitas tecnologias que fazem parte no nosso dia a dia. Em um ambiente de Robótica Educacional espera-se que tanto o professor quanto os alunos tenham condições de desenvolverem um trabalho mais amplo que perpassa a sala de aula e vá além dos limites de uma única disciplina que se aproprie e se nutra tecnologicamente de outras culturas. Neste ambiente o professor deve ser:

- **Autônomo:** preparado para diagnosticar problemas de seus alunos e necessidades do seu contexto.
- **Competente:** com sólida “cultura” geral que lhe possibilite uma prática interdisciplinar e contextualizada.
- **Reflexivo/crítico:** apto a exercer a docência e realizar atividades de investigação.
- **Sensível:** que desenvolve a sua própria sensibilidade e não somente um acúmulo de conhecimentos, e, capacidade de convivência, conquistando espaço junto com o aluno, numa relação de reciprocidade e cooperação que provoque mudanças mútuas, nele próprio e no aluno, no sentido que define (Llosa, 2012).
- **Comprometido:** com as transformações sociais e políticas, com o projeto político-pedagógico assumido com e pela escola.

É com base nestas ideias que a Robótica Educacional tem sido desenvolvida, desde 1987, no NIED buscando sempre outro caminho, a partir da realidade da escola, e com base no currículo desta, produzir conhecimentos científicos que auxiliem o aprendizado de conceitos que na maioria das vezes são somente anunciados e nunca trabalhados de forma contextualizada. Ou seja, ao longo destes anos seguimos/prosseguimos construindo trilhas para a implantação de uma cultura de uso da robótica como ferramenta educacional. A seguir apresentamos de forma cronológica esse processo a partir década ano 1980.

Década de 1980

Nesta década, mais precisamente em 1987, junto com o aprendizado da Linguagem de Programação LOGO, inicia-se no NIED os primeiros projetos voltados para o uso do computador para controlar dispositivos robóticos. Esses dispositivos eram o Traçador Gráfico Educacional e a Tartaruga Mecânica de Solo que, dotados de uma caneta, reproduziam no papel ou no chão, respectivamente, os movimentos da Tartaruga de tela do computador. Com o surgimento dos primeiros Kits de brinquedo LEGO, importados dos Estados Unidos, que possuíam componentes elétricos (motor, sensor e luz), capazes de serem controlados pelo computador, foi desenvolvido o ambiente LEGO-Logo. O ambiente LEGO-Logo consistia de um conjunto de peças LEGO para montagem de robôs (máquinas e animais) e de um conjunto de comandos da Linguagem de Programação Logo para programar as tarefas que o robô iria executar. Neste percurso, em 1989, o NIED realizou a primeira Oficina de Robótica Educacional, ministrada por um pesquisador do Massachusetts Institute of Technology (MIT), como mostrada na Figura 1, com o objetivo de

formar os pesquisadores do Núcleo para utilização de robótica no contexto educacional.



Figura 1: Primeira Oficina LEGO-Logo com pesquisador Steve Ocko do MIT

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2010)

Esta oficina foi o que podemos considerar hoje como troca cultural entre duas universidades na qual conhecimentos de robótica desenvolvidos no MIT foram ensinados aos pesquisadores do NIED.

Década de 1990

No início desta década o NIED havia desenvolvido uma interface eletrônica para ser utilizada com computadores MSX, de 08 bits, mostrado na Figura 2. Com este computador juntamente com o LOGO e Kits LEGO, eram realizadas atividades de robótica no então chamado ambiente LEGO-Logo. Uma vez já formados os pesquisadores do NIED, a partir de 1993, coube ao Núcleo desenvolver atividades de formação dos professores dos Centros de Informática na Educação (CIEs) ao longo do país. Nesta ocasião, por meio de convênio firmado com a empresa LEGO Dinamarquesa, o Núcleo tinha a responsabilidade de desenvolver ações que possibilitassem a implantação de Robótica Educacional em algumas regiões estratégicas do País, como representada na Figura 3. Com o surgimento dos PCs,

utilizando o software TcLogo, uma versão do Logo para PC, por volta de 1997, passou-se a desenvolver robótica utilizando este ambiente em algumas instituições no Brasil, em países da América Latina e nos Estados Unidos. O NIED utilizou este ambiente, numa situação não formal de aprendizagem, para ensinar conceitos de automação para operários de uma fábrica como ilustrado na Figura 4.



Figura 2: Ambiente LEGO-Logo com MSX.



Figura 3: Mapa das regiões nas quais seriam implantadas a Robótica Educacional.



Figura 4: Operários trabalhando no ambiente LEGO TcLogo.

Na década de 1990 a cultura da RE desenvolvida no NIED se difundiu pelo Brasil.

Década de 2000

O grande destaque desta década na área de Robótica Educacional, foi à criação Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR), (www.obr.org.br). Suportada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Ministério da Educação em parceria com a Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE/MEC). A OBR tem por objetivo divulgar difundir a cultura de uso da robótica, suas aplicações, possibilidades, produtos e

tendências, como forma de estimular a formação de uma cultura associada ao tema tecnológico. Nesta década, a partir de 2008, foi criado o Workshop de Robótica Educacional (WRE), (www.natalnet.br/wre2014/), um fórum científico que tinha os seguintes propósitos: em 2008: **capacitar professores** do ensino médio e fundamental para inserir a Robótica Educacional nos conteúdos das disciplinas de matemática e física; 2010-2012: **expor resultados de pesquisas** e possibilitar troca de experiências acerca da utilização da Robótica Educacional como uma ferramenta interdisciplinar e 2013-2014: **discutir aspectos técnicos**, educacionais do uso da robótica envolvendo temas como:

- Robótica na escola.
- Formação de professores de robótica.
- Competições de robótica.
- Plataformas de robótica educacional.
- Robótica na educação não formal (extraclasse).
- Estudos de casos.
- Metodologias e materiais para o ensino.
- Robótica baseado na Web.
- Simulação robótica educacional.
- Robótica em currículos de educação.
- Projetos de robôs educacionais de baixo custo, resultados e estudos de caso.

Denota-se, portanto, que desde a sua origem o WRE vem se evoluindo e cumprindo com o seu papel de ser um fórum que discute aspectos técnicos, educacionais, inclusão social, dentre outros com os quais o uso da robótica pode contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil e do mundo. Portanto, trata-se de mais uma ação de disseminação da cultura de uso da Robótica Educacional.

No que diz respeito a esta década, vale destacar alguns projetos da atualidade, que se enquadram na ideia da cultura de uso da RE fora do Brasil, tais como:

- **TERECop-Teacher Education on Robotics** (<http://www.terecop.eu/>), trata-se de projeto europeu implementado com a participação de 08 instituições educacionais europeias, de 06 países, com o objetivo de desenvolver um conjunto de atividades de caráter construtivista e construcionista para o ensino médio, com base na construção de robôs programáveis.
- **HUMMINGBIRD Duo Projects** (<https://www.kickstarter.com/projects/938274194/hummingbird-duo-a-robotics-kit-for-ages-10-to-110>), como ilustrado na Figura 5, trata-se de um “open source robot-designing kit” que permite níveis de aprendizagem de robótica para estudantes a partir de quarta série.
- **Projeto Arts & Bots** (<http://www.cmucreatelab.org/>) da Carnegie Mellon University, como ilustrado na Figura 6, trabalha a questão da inclusão de conteúdos tecnológicos no ensino fundamental e médio, num contexto que denominam de “A Robótica Comunitária, Educação e Tecnologia para Empoderamento”. O projeto explora a inovação e a implantação de tecnologias robóticas socialmente significativas.

- **URA** projeto Um Robô por Aluno (<http://www.natalnet.br/ura/>) como ilustrado na Figura 7, é um projeto dos pesquisadores do Laboratório NatalNet da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que têm o objetivo de utilizar a robótica educacional para difundir o interesse por tecnologia em todos os níveis de ensino no País. A pretensão é levar o projeto um Robô por Aluno para todas as escolas brasileiras. Difusão do uso da RE no âmbito nacional.

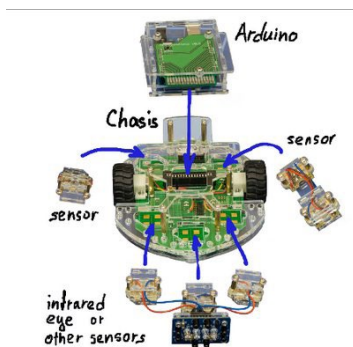


Figura 5: Robô Scratch Duino projetado para trabalhar em condições difíceis.



Figura 6: Robótica Comunitária, Educação e Tecnologia para Empoderamento.



Figura 7: Equipe do projeto Um Robô por Aluno – URA.

Ainda nesta década, desde 2003 a RE também desenvolvemos projetos de inclusão voltados para pessoas com deficiência visual. Neste contexto, estudos com base em mapas táteis sonoros que expressam conceitos do Desenho Universal e incorporam orientações de acessibilidade tem sido uma das atividades de um grupo que integra pesquisadores do Núcleo de Informática Aplicada à Educação – NIED e Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo – FEC ambos da UNICAMP, envolvendo também alunos das Engenharias Mecânica/Mecatrônica, Elétrica/Eletrônica e Arquitetura. Um dos enfoques de pesquisa desse

grupo é a concepção, a implementação e a disponibilização de recursos tecnológicos que possibilitam pessoas com deficiência visual obterem informação de forma autônoma, fácil e segura sobre locais por onde elas circulam, sobretudo no espaço urbano: abrigo de ônibus; estação de transporte coletivo; saguão de entrada de prédios, etc. Um equipamento que tem sido utilizado para este fim é o Mapa Tátil Sonoro. A utilização e manipulação de Maquete Tátil Sonora e/ou Mapa Tátil Sonoro como ferramenta para propiciar autonomia no uso de um ambiente físico faz parte, desde 2003, de uma das linhas de pesquisa do grupo de Robótica Pedagógica do NIED. Essa atividade iniciou-se com o projeto desenvolvido de 2003 a 2005, em uma escola Pública no Município de Araras-SP, numa parceria entre o Núcleo de Informática Aplicada à Educação- NIED e Centro de Análise e Planejamento Ambiental – Ceapla/Unesp, Rio Claro-SP. Nesta ocasião, foram implementados diferentes dispositivos robóticos para serem usados por alunos com deficiência intelectual, auditiva e visual. A partir do ano 2009, com a aprovação do projeto Orientação Espacial no Campus da Unicamp: Desenvolvimento de Um Mapa de Uso Tátil e Sonoro como Ferramenta de Auxílio ao Percurso do Usuário, a atividade passou a ser desenvolvida junto aos pesquisadores da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Unicamp, que já atuavam nesta linha de estudo. Esta parceria tem possibilitado novas pesquisas e avanços que têm contribuído com ações afirmativas na área da inclusão social, espacial e digital de pessoas com deficiência visual. A partir As pesquisas, atualmente nesta área estão direcionadas para o aprimoramento de equipamentos até então desenvolvidos e estudo de sobre possibilidades de utilização/integração de tecnologias móveis no controle e comunicação com maquetes táteis.

Os projetos, anteriormente descritos, apontam para a atualidade e perspectivas do Estado da Arte da Robótica Educacional numa abordagem

na qual se vislumbra um futuro de uso de tecnologias que auxiliam na promoção de interdisciplinaridade, no trabalho colaborativo, cooperativo, e compartilhado e também de cunho social, voltados para inclusão de pessoas com deficiência visual. Isto, por sua vez, está em consonância com o Guia do Ministério da Educação (MEC) que tem por objetivo oferecer aos sistemas de ensino uma ferramenta a mais que auxilie na decisão sobre aquisição de materiais e tecnologias para uso nas escolas brasileiras de Educação Básica pública (Guia de Tecnologias Educacionais do MEC, 2011/12).

O tópico década de 2000 corrobora com a ideia de (Llosa, 2012) de que numa sociedade, podemos pensar em cultura regional que nutre a cultura nacional e que se extrapola para uma cultura do mundo globalizado, no qual universidades de países desenvolvidos que dominam tecnologicamente determinados conhecimentos os disponibilizam, às vezes na formação de cooperação direta, com suas congêneres, para nutrir universidades de países em desenvolvimento. Este contexto nos remete ao (Bhabha, 1998) que *“nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma nem simplesmente dualista na relação do **“Eu com o Outro”**”,* entretanto, faz-se importante não perder de vista a especificidade e a riqueza cultural intrínseca de cada uma. Como descrito anteriormente, no Brasil, a cultura sobre como produzir e disseminar conhecimentos de robótica tem sido nutrida fortemente por culturas, de universidades americanas, europeias e, por vezes, asiáticas e latino americanas. Tentando responder à questão levantada no início deste texto, esse nutrir tem que ser sim uma ação permanente. Uma condição de melhoria paulatina e contínua de apropriação e de adequação da cultura do **Outro** por parte da escola que está sendo nutrida. Este sonho é real sim, entretanto, para concretizá-lo vale continuarmos construindo trilhas para a implantação de uma cultura de uso da robótica como ferramenta

educacional. Além disso, vale inovar no sentido de buscar constantemente novas trilhas, fazer disto uma ação contínua, uma espiral crescente de construção de conhecimentos. Neste sentido, uma das trilhas pode ser a de desenvolvimento de RE para Inclusão de pessoas com deficiência. Esta, por sua vez, pode se adequar a proposta da Educação em Tempo Integral para uma Escola em Tempo Integral com como forma de se desenvolver a cultura de uso da robótica educacional. A seguir discutiremos de forma um pouco mais profunda a ideia de Escola em Tempo Integral porque entendemos ser esta a forma mais apropriada de consolidação da cultura de uso da RE.

Conforme aponta o Texto Referência para o Debate Nacional (Série Mais Educação, 2009), a Educação Integral se caracteriza pela ideia de uma formação “mais completa possível” para o ser humano, praticada em uma escola de tempo integral, que propicia vivência de novas oportunidades de aprendizagem, para a reapropriação pedagógica de espaços de sociabilidade e de diálogo com a comunidade local, regional e global. A educação integral exige mais do que compromissos: impõe também e principalmente projeto pedagógico; formação de seus agentes infraestrutura e meios para sua implantação; variáveis como **tempo** com referência à ampliação da jornada escolar, e **espaço**, com referência aos territórios em que cada escola está situada. É sob esta ótica, que tem como base a perspectiva de universalizar o acesso, a permanência e a aprendizagem em escola pública, que os aspectos relacionados à cultura de uso da RE se enquadram. Reforçamos o fato de que o desenvolvimento de atividades de RE também necessita de tempo e espaço ampliado para que se possa propiciar aos alunos um aprendizado de qualidade. Isso está condizente também com um dos propósitos do Guia, de Tecnologias Educacionais do MEC (2011/12) que define a RE como uma “disciplina” que tem por objetivo

implementar nas instituições educacionais que oferecem Educação Básica nas etapas da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, um programa inovador de aprendizagem. Nesse contexto, em sintonia com os macrocampos³, entendemos inovar como sendo a construção de conhecimentos a partir da utilização da robótica integrada ao currículo em um ambiente interdisciplinar. Por exemplo, para criar um dispositivo robótico que correlaciona os macrocampos de Cultura e Artes, e Cultura Digital, temos: Cultura, no que diz respeito à história da robótica, os seus princípios e a questão tecnológica inerente a esta área de conhecimento. Artes, no processo de construção do robô e de sua performance para realização de tarefas. Cultura Digital, no que diz respeito ao processo de comandar eletronicamente o robô utilizando tecnologia digital para automação e controle. Isto consiste em trabalhar no sentido de que a RE auxilie no processo preconizado de se organizar o currículo a partir de um eixo comum. Neste contexto, no campo da Robótica Educacional é preciso estudar a sua articulação com o currículo. Para tanto, temos que ter em mente que o currículo se constitui a partir da seleção e organização de experiências, práticas, saberes, conhecimentos. E, a tal seleção, corresponde sempre uma visão e concepção de sociedade, de diferentes culturas, uma visão de ser humano e de mundo. Aspectos como cuidados com o ser vivo sócio-bio-ético e com o planeta apresentam-se alinhados em tais concepções. O currículo é feito de escolhas, mas também de práticas que o subjazem, sejam elas explícitas ou ocultas, prescritivas, formais ou problematizadoras. O campo do currículo também incorpora os conteúdos

3 Compreende-se por macrocampo um campo de ação pedagógico-curricular no qual se desenvolvem atividades interativas, integradas e integradoras dos conhecimentos e saberes, dos tempos, dos espaços e dos sujeitos envolvidos com a ação educacional. Na Série Mais Educação do MEC, os 10 Macrocampos, (Acompanhamento Pedagógico, Educação Ambiental, Esporte e Lazer Direitos Humanos em Educação, Cultura e Artes, Cultura Digital, Promoção da Saúde, Comunicação e Uso de Mídias; Investigação no Campo das Ciências da Natureza, Educação Econômica) são tratados como forma de ampliação do cenário educativo e, portanto, das oportunidades formativas oferecidas pelas escolas.

universais acumulados pela humanidade e os conhecimentos produzidos pelas disciplinas científicas dos diversos campos do conhecimento. Porém, como é amplamente sabido por todos, o currículo escolar se constitui pelas disciplinas escolares que, em sua gênese, guardam semelhança com as disciplinas de cunho científico, também denominadas como disciplinas de referência. Para exemplificar podemos citar a Matemática, a Biologia, a Química, a História e a Geografia enquanto disciplinas científicas responsáveis pelas pesquisas e produção de conhecimento científico, possibilitadoras do avanço científico nessas áreas. O currículo escolarizado, por sua vez, tem nestas a sua principal referência em relação aos conteúdos e conceitos trabalhados com crianças e jovens da educação básica, no entanto, reside aqui uma diferença entre a matemática, a história, a geografia escolar, dentre outras matérias trabalhadas nas escolas: daquelas (da Ciência) para estas (curricularizadas) há o que se denomina – pelos estudos dos campos da Didática e do Currículo - de **Transposição Didática**.

A concepção de Transposição Didática foi desenvolvida por Chevallard, didata francês⁴ a partir de seus estudos acerca das diferenças epistemológicas entre o conhecimento matemático produzido pelos investigadores, cientistas desse campo, e a matemática ensinada na escola (Lopes e Macedo, 2012). A RE pode também ser entendida como uma ferramenta mediadora da transposição didática dos conceitos científicos para os saberes escolarizados (Dall'Asta e Brandão, 2004). Esta discussão deixaremos para trabalhos futuros em uma próxima oportunidade.

4 Yves Chevallard é “Professor do Institut Universitaire de Formation de Maîtres de l’Académie d’Aix-Marseille, da Universidade de Provence, na França. Tem pesquisas no campo da Didática, com particular interesse na Didática da Matemática. Sua principal obra é A transposição didática: do saber sábio ao saber ensinado” (Lopes e Macedo, 2012, P. 261).

Exemplo de atividade Robótica Educacional desenvolvidas por alunos de Ensino Médio.

Trata-se de um projeto de Robótica Educacional desenvolvido por alunos de Ensino Médio, do Programa de Iniciação Científica Junior da Unicamp. PIBIC-EM. O PIBIC-EM é um programa do CNPq que tem por objetivo fortalecer o processo de disseminação das informações e conhecimentos científicos e tecnológicos básicos e, desenvolver atitudes, habilidades e valores necessários à educação científica e tecnológica dos estudantes. No contexto da Unicamp, mais especificamente no NIED os alunos de Ensino Médio deste programa desenvolvem no núcleo, no período contrário de suas aulas na rede estadual de ensino de Campinas, atividades de Robótica Educacional. Duas vezes por semana esses alunos, veem para o NIED e junto aos seus orientadores e monitores, desenvolvem projetos na área de robótica, numa abordagem interdisciplinar que contribui com a sua formação. Esses alunos recebem, durante um ano, uma bolsa do CNPq e a eles são atribuídos um perfil de pesquisador júnior, com Currículo Lattes e obrigações de apresentar e aprovar relatórios parcial e final de suas pesquisas. Podemos caracterizar as atividades desenvolvidas por esses alunos como uma ação de educação integral em escola de tempo integral em função da ampliação do tempo da jornada escolar, realizada nos territórios da Unicamp. A seguir, será apresentado o projeto Carro Autoguiado.

Projeto do Carro Autoguiado

Com base na ideia de desenvolver atividades em um ambiente de Robótica Educacional que envolve: concepção, implementação, construção, automação e controle de dispositivos robóticos, o projeto do carro autoguiado foi idealizado com o objetivo de ser um carro cuja principal funcionalidade fosse desviar de obstáculos ao se deslocar. O carro possuía dois sensores de proximidade (sensor direito e sensor esquerdo), na sua parte dianteira, que permitia detectar obstáculos. Ou seja, quando em deslocamento para frente, ao se aproximar de algum obstáculo o carro para por 01 segundo, realiza uma marcha ré, por 01 segundo, em seguida, dependendo de qual sensor captou o obstáculo, vira para a direita ou esquerda e continua o seu percurso. No processo de montagem do carro, como representado nas Figuras 8 a 13, foram utilizadas peças do kit pETe. Foram utilizados dois sensores de proximidade e dois motores, além de rodas e estruturas metálicas para montagem de chassis.



Figura 8:Rodas



Figura 9: Motores



Figura 10:Porcas, parafusos e peças metálicas para montagem



Programação do Carro Autoguiado

A programação do Carro Autoguiado foi elaborada no ambiente de programação Legal Alfa 2012, comercializado pela empresa PNCA Robótica e Eletrônica Ltda. Este software foi utilizado no denominado, Nível 2 que possibilita o controle de sensores. Os eventos programados para a automação do carro estão mostrados nas Figuras 14 a 16.

Principal	Evento S1	Evento S2	Evento S3	Evento S4	Evento S5	Evento S6	Evento S7	Evento S8
1 Por Favor								
2 Frente Sempre # Instalar motores em ME e MD								
3 Obrigado								

Figura 14: Evento Principal

Principal	Evento S1	Evento S2	Evento S3	Evento S4	Evento S5	Evento S6	Evento S7	Evento S8
1 Ré 1 s # Instalar motores em ME e MD								
2 Giro Direita 1 s # Instalar motores em ME e MD								

Figura 15: Evento S1

Principal	Evento S1	Evento S2	Evento S3	Evento S4	Evento S5	Evento S6	Evento S7	Evento S8
1 Ré 1 s # Instalar motores em ME e MD								
2 Giro Esquerda 1 s # Instalar motores em ME e MD								

Figura 16: Evento S5

Na programação foram usados três eventos. O Evento Principal, mostrado na Figura 14, possibilita com que o carro desloque para frente. O Evento da Figura 15 possibilita que este desloque para trás e gire durante 01 segundo no sentido horário. O Evento da Figura 16 possibilita que o carro se desloque para trás e gire durante 01 segundo no sentido anti-horário. De posse destes três eventos foi possível controlar o Carro Autoguiado conforme previsto.

Vale destacar que o software LEGAL Alfa e o material utilizado na construção do carro são da empresa pETe – Planejamento em Educação Tecnológica, um dos Kits recomendadas pelo Guia de Tecnologia Educacional do MEC para desenvolvimento de Projeto de Alfabetização Tecnológica no uso da robótica no ensino médio. Do ponto de vista educacional o projeto do carro autoguiado, uma máquina socialmente importante utilizada por todos, correlaciona, com alguns macrocampos como: Acompanhamento Pedagógico, Educação, Cultura e Artes, Cultura Digital, Uso de Mídias. Isso tudo se constitui na cultura de uso da robótica na educação.

Considerações Finais

Iniciamos este texto apontando as diferentes abordagens de se entender à cultura. Como um modelo estruturado em três instâncias: o indivíduo, o grupo ou elite e a sociedade no seu conjunto. Como um sistema que, num país, cresce e nutre regional e nacionalmente para que a pessoa não se sinta somente cidadão de um local em particular, mas cidadão de uma nação como um todo. Numa linguagem filosófica, como um sistema que integra e enquadra todo indivíduo. E, finalmente, como

um trabalho fronteiriço que exige um encontro com o novo que não seja parte do continuum de passado e presente. Extrapolamos essas abordagens para o mundo globalizado, incluindo aí a cultura de países desenvolvidos que dominam tecnologicamente determinados conhecimentos que são utilizados para nutrir países em desenvolvimento. E, com base nisso, discutimos a Cultura de Uso da Robótica na Educação. Essa discussão se deu entorno das seguintes questões: definição conceitual da RE; desenvolvimento histórico da RE no NIED, no Brasil e, envolvendo o que é feito, nesta área em algumas universidades americanas e europeias; formação dos professores dos Centros de Informática na Educação (CIEs) ao longo do país para desenvolver a RE; RE no contexto de educação em tempo integral; articulação da RE com o currículo envolvendo a questão de transposição didática e, finalmente, apresentamos um exemplo de atividade prática de RE desenvolvida por alunos do Ensino Médio. Tudo isso nos leva a afirmar que cultura de uso da Robótica Educacional há muito vem se incorporando às práticas educativas de muitas escolas, por meio de experiências que se desenvolvem Brasil afora. É bem verdade que não se atingiu, ainda, a universalização da prática da cultura de uso da RE, no entanto, não podemos mais ignorar a sua existência. Nas escolas onde se vivencia a experiência de uso da RE, pode-se afirmar que a robótica tem sido nutrida por outras culturas de países como os Estados Unidos e também de alguns países europeus. Neste sentido, levando em consideração o (Bhabha, 1998) quando coloca que “ainda há um colonialismo entre a elite que lidera e os grupos sociais das periferias/submissos”, no que tange a uso de RE e as demais tecnologias educacionais nossa luta está em desenvolver e adequar o uso desses recursos para que tenham, cada vez mais, a nossa identidade. Entretanto, isto é um processo demorado, mas que de alguma forma já vem sendo implementado. Ações como Escola em

Tempo Integral, inserção de RE no PPP da escola e uso massivo da RE em escola pública certamente contribuirão para desenvolvermos uma RE nacional e criativa. Enfim, a RE vem paulatina se penetrando na cultura de nossas escolas. Porém, nosso desafio ainda está em como fazer a cultura da RE se articular ao currículo, para que sua prática passe a fazer parte do PPP de todas as Escolas Públicas do Ensino Básico, Fundamental e Médio.

NARRATIVAS CONCEITUAIS:
UMA QUASE FICÇÃO

Suely Galli

“Eu preciso dos mundos da ficção para me separar provisoriamente da vida que levo [...],sem, no entanto, rasgar o tecido dos laços que me constituem”.

Thomas Pavel¹

Tudo começou quando um livro costurado veio parar em minhas mãos. Era “Bartleby, o Escrivão” conto do escritor norte-americano Herman Melville² sobre um antigo advogado que comanda um confortável negócio, onde ajuda homens ricos a lidar com hipotecas e títulos de propriedade. Herman narra a história do homem mais estranho que ele já conheceu. Bartleby a quem o advogado acolheu, deu-lhe emprego em seu escritório e tentou ajudá-lo.

Erá véspera de terça feira, dia em que me encontro com outros colegas que também se veem como eu, com livros costurados caindo em suas mãos.

Bartleby era um sujeito que causava indignação pelo seu modo de reagir às coisas do dia a dia. Mostrava-se diferente da maioria das pessoas de onde vivia. Inicialmente revelava-se assaz inteligente e interessado, realizando uma quantidade extraordinária de trabalho. Certo dia, quando o narrador pede a Bartleby para revisar um documento ele simplesmente responde “Eu preferia não fazer”, recusa que passa a ser constante a tudo que se lhe solicita. Houve um tempo em que Bartleby não fazia mais nada! A história progride chegando a extremos que valem a pena conhecer, pois, por meio de Bartleby o narrador olhou o mundo como os miseráveis escrivães o vêem. Suas últimas palavras na história são: “Oh Bartleby! Oh Humanidade!”.

¹ Thomas Pavel (nascido em 04 de abril de 1941 em Bucareste, Romênia) é um teórico literário, crítico e romancista atualmente lecionando na Universidade de Chicago.

² Escritor norte-americano Herman Melville (1819-1891). A história apareceu pela primeira vez, anonimamente, na revista americana Putnam's Magazine, dividida em duas partes. A primeira parte foi publicada em Novembro de 1853, e concluída na publicação em Dezembro do mesmo ano. A novela foi relançada no livro The Piazza Tales em 1856 com pequenas alterações.

Juntamente com Bartley havia também sobre minha mesa, o Funes um conto inserido nas ficções de Borges sobre Funes³ rapaz que tinha uma memória prodigiosa, mas que, sem conseguir articulá-la com sua pouca inteligência, era tido como curiosidade no vilarejo. Funes era uma verdadeira enciclopédia, pois se lembrava de incontáveis textos, apesar de que não conseguia abstrair seus conhecimentos.

Por aqueles dias encontrei-me na cantina da Universidade com João Gabriel Alves Domingos⁴ que comentou brevemente comigo sobre seus estudos e publicações. Tomamos um café e ele deixou-me a cópia de um de seus textos, responsável pela referência que me levou ao livro costurado do Bartleby e ao Funes de Borges.

Debrucei-me sobre as histórias desses dois personagens causadores de indignação, Funes e Bartleby. Empenhada em compreender a razão de terem sido citados para ilustrar a explicação sobre o tema *diferença* em seus estudos sobre o Materialismo da Ideia, que está desenvolvendo a partir do pensamento de Deleuze⁵, e que começa exatamente assim:

“Talvez um pouco intuitivamente, o tema da diferença em Gilles Deleuze é referido à diferença qualitativa. Assim, trata-se ou da proliferação do diverso (o fluxo do devir), ou da particularidade radical de um ente (aquilo que difere de todas as coisas), fazendo eco ao Funes de Borges...(p.281)”

3 *Funes, o Memorioso (no Brasil) ou Funes ou a memória (na tradução portuguesa de José Colaço Barreiros) – no original Funes el memorioso – é um conto de Jorge Luis Borges, pertencente ao livro Ficciones(Ficções), de 1944. Escreveu Materialismo da Ideia: Por que a diferença não é o diverso” Na obra coletânea Deleuze Hoje, diversos organizadores. Coordenador/Editor Fornazari Sandro Kobol. Editora FAP-UNIFESP, São Paulo 2.014.*

4 *João Gabriel Alves Domingos Doutorando em Filosofia/UFMG. joaog@ufmg.br MACHADO, Roberto. Deleuze, a Arte e a Filosofia, Rio de Janeiro, Zahar, 2009.*

5 *Gilles Deleuze - Diferença e Repetição (Différence et répétition), critica o conhecimento via representação mental e a ciência derivada desta forma clássica lógica e representativa. O trabalho de Deleuze se divide em dois grupos: por um lado, monografias interpretando filósofos modernos (Spinoza, Leibniz, Hume, Kant, Nietzsche, Bergson, Foucault) e por outro, interpretando obras de artistas (Proust, Kafka, Francis Bacon, este último o pintor moderno, não o filósofo renascentista); por outro lado, temas filosóficos, ecléticos, centrados na produção de conceitos como diferença, sentido, evento, rizoma, etc. Deleuze foi um dos filósofos que teorizou as instâncias do atual e do virtual (já elaboradas por outros pensadores), construindo um olhar sobre o mundo a partir das possibilidades: “Um pouco de possível, senão sufoco” (Foucault).*

Lendo o conto Funes de Borges, pude destacar essa proliferação do diverso a que se refere o autor sugerindo que, para se buscar a compreensão de Deleuze, é preciso transpor o debate para um outro problema - os modos de subjetivação.

“...Será a proliferação ininterrupta de diferentes engajamentos ou posições subjetivas o tipo de projeto deleuziano para a subjetividade quando sabemos que, em um momento importante de sua obra, ele privilegia um personagem nada móvel ou “aventureiro” (mas ao contrário, excessivamente ascético) como Bartleby?” (pg.282).

Tenho que confessar que essa leitura se nos mostra ainda hoje exigente de um exercício malabarístico para seu pleno entendimento. Voltei aos dois personagens e ao João Gabriel, para continuar a conversa sobre Deleuze, em que ele identifica uma reformulação do materialismo. Tarde da noite, fiz algumas anotações, imprimi alguns dados e fui me deitar para lê-las. Na cabeceira o Borges e suas ficções, que nos permitem unir a beleza poética e literária à interpretação das ideias e, perceber no conto e suas metáforas, uma síntese da realidade circundante.

Na noite já avançada, o silêncio ocupava apressado a casa, a rua, o quarteirão, o bairro, a cidade. Os sons longínquos vinham do movimento de carros da rodovia. Apesar de distantes, ganhavam volume pelo silêncio instalado. Precisava dormir pois pela manhã decerto encontraria um trânsito congestionado e lento até chegar à reunião com meus colegas de grupo de estudos. O sono deu lugar aos efeitos da leitura.

Bartleby e Funes se misturavam em meus pensamentos, com Herman Melville, Borges, João Gabriel, Deleuze e outros tantos que habitam minha estante mental. Tirei desta outro personagem, que poderia juntar-se aos dois trazidos por João Gabriel - Kaspar Hause⁶, personagem

6 Jeder für sich und Gott gegen alle (no Brasil e em Portugal, O Enigma de Kaspar Hauser) é um filme alemão ocidental de 1974, um dos mais celebrados do diretor Werner Herzog. O trabalho, cujo título significa, em tradução literal, “cada um por si e Deus contra todos” narra a história de Kaspar Hauser, uma criança abandonada envolta em mistério, encontrada na Alemanha Ocidental do século XIX, com alegadas ligações à

do filme alemão, *Jeder für sich und Gott gegen alle*, no Brasil e Portugal: “O Enigma de Kaspar Hause” dirigido por Werner Herzog.

Kaspar é um jovem acorrentado em um porão, alimentado por um homem misterioso. O prisioneiro brinca com um cavalo de madeira, e o nome do objeto é a única palavra que pronuncia: cavalo. O homem quer que o jovem aprenda escrever e lhe dá papel e tinta. Kaspar aprende seu nome. O misterioso homem o retira do porão durante a noite e o deixa numa cidade próxima, com uma carta para o oficial da guarda. Perplexos com a figura, os moradores o tornam prisioneiro numa torre. O rapaz não é violento e se mostra inteligente, surgindo rumores de que ele pertença à nobreza. Durante dois anos, ele amplia seu vocabulário ensinado por uma família e um padre que o ajudam. Aprende facilmente música, tricô e jardinagem, mas é um fracasso em compreender as convenções da época, principalmente às ligadas à sociedade, ciência e religião.

Nas histórias de Kaspar, Funes e Bartleby repete-se a existência de alguém generoso que se envolve com um personagem, querendo ajudá-lo de alguma forma. Do mesmo modo, repete-se a perplexidade e indignação dessas pessoas diante da diferença.

Um ruído em meu estúdio chamou-me a atenção. Fui ver o que era. Sob o foco de luz, sentado á minha mesa de estudos, um homem que não reconheci folheava um livro que eu separara para ler mais tarde. Era o “Documentos de Identidade, uma introdução às teorias do currículo”. Antes mesmo que eu falasse qualquer coisa, ele se levantou e apontando com o dedo a página aberta, disse:

“... a diferença é sempre uma relação: não se pode ser “diferente” de forma absoluta; é-se diferente relativamente a alguma outra coisa, considerada precisamente como “não diferente”... mas até essa “outra coisa” “não diferente”, também só faz sentido na relação de diferença” que opõe ao “diferente” (p.87).

família real de Baden. O filme fez parte da competição para a Palma de Ouro no Festival de Cannes 1975, onde ganhou três prêmios.

Esse “invasor” era Tomaz Tadeu da Silva⁷, estudioso autor de muitos livros. Agradei por sua referência e, como já estava amanhecendo, ofereci-lhe um café ao que aceitou de pronto. Descemos até cozinha e mostrei-lhe onde sentar-se enquanto eu fazia o café. Ele continuou conversando e dando mais elementos para entendermos a indignação das pessoas diante de Bartleby, Funes e Kaspar. Tomaz Tadeu esclareceu-me numa visão crítica, que as diferenças são produzidas pelas relações de poder e a “generosidade” ou tolerância em relação ao “diferente” é uma manifestação de superioridade e poder. Ao contrário da tolerância, o respeito, implica certo essencialismo cultural pelo qual as diferenças culturais são vistas como fixas como já definitivamente estabelecidas, restando apenas “respeitá-la” (p.88).

Coloquei o café com torradinhas e manteiga sobre a mesa e continuamos nossa conversa e fui percebendo em suas palavras que não há que se tolerar ou respeitar as diferenças, uma vez que elas são constantemente produzidas e reproduzidas. Há sim que se focalizar precisamente, nas relações de poder responsáveis por essa produção. A preocupação de Tomaz Tadeu é nos fazer compreender que é a educação e, mais precisamente o currículo educacional, que deve se inspirar nessa concepção crítica sobre a diferença. Não se deve ensinar a tolerância e o respeito, mas promover-se a discussão sobre os processos pelos quais as diferenças são produzidas nas relações de discrepâncias e desigualdades.

A leitura de Tomaz Tadeu nos fez trazer de volta à cena o questionamento “Por que a diferença não é o diverso?” nos esforços da filosofia contemporânea para pensar essa questão que o próprio Deleuze em sua obra *Diferença e Repetição*, assume como parte do espírito do tempo. Penso eu, do contexto e suas circunstâncias.

7 SILVA, Tomaz Tadeu Da “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo”. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. Para o autor a diferença é concebida como uma entidade independente. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido. De certa forma, é exatamente isto que ocorre com nossa identidade de “humanos”. É apenas em circunstâncias muito raras e especiais que precisamos afirmar que “somos humanos”...

Procuro reter de toda a leitura exercitada até aqui dois conceitos: diversidade e diferença, mas inquieta-me ainda o materialismo da ideia, e volto às anotações e grifos da leitura: Para Deleuze não há uma faculdade específica da ideia, pois as ideias são “instâncias que vão da sensibilidade ao pensamento e do pensamento à sensibilidade e são capazes de engendrar cada caso, seguindo uma ordem a que lhe pertence o objeto ou o que transcende de cada faculdade (p.288/289).

Uma das formas que eu sugeria aos meus alunos nas aulas de filosofia, diante de um parágrafo complexo ao entendimento, era ter em mãos ou aberto na tela o dicionário, para buscar palavras novas, desmontar as afirmações, relacionar com outro conhecimento, no esforço de encontrar o entendimento. É isto o que eu faço agora para mim mesma, com a explicação acima sobre o que é ideia para Deleuze.

Entendo que a ideia no seu devir não depende de uma capacidade específica do sujeito, mas de interesses despertados pela sua sensibilidade e percepção que geram pensamentos e esses pensamentos voltam para a sensibilidade, mais equipados e amadurecidos tornando-se capazes de penetrar cada situação problema, indo além da capacidade específica para resolver o problema, desdobrando-o em outras questões dando curso alongado da ideia e seu movimento.

Tive uma ideia!!! Gritou o menino na preguiçosa tarde de domingo, sem energia elétrica, um calor sufocante, racionamento de água, mosquitos grudentos... As outras crianças, como que salvas em tempo de agonizar de tédio, se voltam curiosas.

Vemos claramente aqui, as *circunstâncias*: a tarde de domingo sem energia elétrica, calor sufocante, racionamento de água, mosquitos grudentos... *Sensibilidade*, demonstrada por um menino que divaga em busca de uma saída do estado de tédio num exercício do *pensamento*, que se processa por meio da *sensibilidade* de um menino que tem a arte de quebrar rotinas enfadonhas e lentas, resultando na = *IDEIA*!

Não resisti. Tive que escrever na folha a minha frente: “Deus quer, o homem cria (sonha), a obra nasce” Fernando Pessoa⁸ também escreveu “Para mim, pensar é viver e sentir não é mais do que o alimento de pensar.” Essas palavras nos remetem ao movimento explicado por Deleuze sobre a ideia= sensibilidade, pensamento, que volta alimentado ao pensamento para a sensibilidade: Ideia!

Amanheceu mais cedo do que eu esperava. E já me vejo no trânsito quase parado. Vou me atrasar. Envio mensagem justificando e me concentro ao volante. Reconheço-me nessa difícil travessia que requer coragem para abandonar valores da tradição e transformar a caminhada. Abraham Lincoln em um discurso proferido ao povo americano em Dezembro de 1862 fala que muitas de nossas ideias são formadas para atender circunstâncias do passado, não servem ao presente, mas permanecemos cativos delas.

A rodovia congestionada é um dado que me foi dado mesmo antes de eu dirigir um carro, ensinada pelo meu pai que era maquinista na ferrovia e entendia tudo de pedreiro. Mas antes eu já sabia o que era uma via com o trânsito congestionado. Dado que foi-me dado a partir do valor que considera a particularidade radical, que define o trânsito fluente como melhor, e o congestionado, como pior. O certo e o errado. Sem considerar a proliferação do diverso no seu fluxo do devir (p.281). O diverso é o não semelhante, está em movimento e é dado pela percepção. A rodovia congestionada é um dado. Diferente é o como esse dado me é dado, ou seja: como diverso ou como particularidade radical.

Às vezes as palavras que temos não conseguem nos equipar suficientemente para explicarmos o processo cognitivo no qual nos embrenhamos; na areia movediça onde caímos e somos sugados. Temos

⁸ Fernando Pessoa (1888-1935) poeta e escritor português, nascido em Lisboa. É considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa e da literatura universal. http://pensador.uol.com.br/autor/fernando_pessoa/

de nos puxar a nós mesmos pelos cabelos, como o Barão de Münchhausen⁹ na aventura do pântano. Chegar ao entendimento é a única forma de ter as palavras que sintetizam uma ideia e possibilitam a travessia. Experiência individual onde nos puxamos pelos próprios cabelos para nos tirar do pântano que nos engole. Portanto, devemos lançar mão de toda e qualquer linguagem que nos leve ao entendimento, que nos ofereça a palavra que compõe o argumento... *Ideia são instâncias que vão da sensibilidade ao pensamento e do pensamento à sensibilidade...* (pg.289). A sensibilidade nos aproxima de linguagens que nos tocam, como por exemplo, a arte e suas expressões, tornando-as mais acessíveis à nossa compreensão do fenômeno, proporcionando-nos pensamento fértil de sensibilidade, ideias que esbanjam palavras, argumento que nos satisfazem porque produzem conhecimento.

O entendimento é a chave! Lembrei-me de um tempo em que eu vivia às voltas com a cientificidade, trabalhando com as metodologias de pesquisa. Preocupava-me o método conduzido pelo duo: conhecimento e interesse, conceitos expostos por Habermas nas análises das relações entre ambos. Para esse autor deve-se manter o nexos teoria-práxis, porém, evitando-se qualquer hierarquização, pois o que hoje é teoria, amanhã poderá ser práxis e vice-versa. Habermas entende que, o conhecimento é posto em movimento por interesses que o orientam, que o dirigem e comandam e é por esses interesses e não pela imparcialidade do método científico que a pretensão de universalidade do saber pode ser avaliada. Ele ainda diz que o único interesse que se legitima por si próprio é o da emancipação da espécie.

Recuperar Habermas e esse movimento teoria-práxis me fez lembrar um sonho que tive certa vez. Eu estava na praia diante do mar barulhento e aproximou-se de mim, Ítalo Calvino. Não o conhecia

9 Karl Friedrich Hieronymus von Münchhausen (11 de maio de 1720 – 22 de fevereiro de 1797) foi um militar e senhor rural alemão. Os relatos de suas aventuras serviram de base para a célebre série *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, compiladas por Rudolph Erich Raspe e publicadas em Londres em 1785. São histórias fantásticas e bastante exageradas, propagadas, sobretudo na literatura juvenil.

pessoalmente, mas foi ele quem se dirigiu a mim dizendo meio brincalhão: Olhando as ondas? Eu sorri e, antes que eu respondesse ele me apresentou Palomar, um personagem que estava compondo para explicar o método da observação. O objeto a ser observado era uma onda e o contexto era o mar e o título do capítulo “Palomar na praia, Leitura de uma onda”. As ideias de Habermas estavam todas lá:

“Prestar atenção em um aspecto faz com que este salte para o primeiro plano, invadindo o quadro, como em certos desenhos diante dos quais basta fecharmos os olhos e reabri-los a perspectiva já mudou. Além do mais, nesse entrecruzar-se de cristas diversamente orientadas, o desenho do conjunto se torna fragmentado em espaços que afloram e desvanecem. Acresce que o refluxo de cada onda também possui uma força que se opõe às ondas supervenientes. E se concentrarmos a atenção nesses impulsos retroativos vai nos parecer que o verdadeiro movimento é aquele que parte da praia em direção ao largo” (p.10)

Acordei no meio da noite revirando minha estante de livros. Sabia que tinha os livros de Ítalo Calvino! Certeza! E estavam lá os volumes de *Cidades Invisíveis*¹⁰ e do *Visconde Partido ao Meio*¹¹. Iniciei uma busca frenética pelas livrarias virtuais e, no meio da madrugada comprei Palomar que passou a andar comigo pelas praias. Aprendi com esse personagem que, para se compreender como uma onda (um fenômeno qualquer) é feita é necessário ter-se em conta esse impulso em direções opostas que em certa medida se contrabalançam e, se somam, produzindo um quebrar

10 *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, um dos escritores mais importantes e instigantes da segunda metade do século XX, conta a história do famoso viajante Marco Polo, que descreve para Kublai Khan as incontáveis cidades do imenso império do conquistador mongol. Neste livro, a cidade deixa de ser um conceito geográfico para se tornar o símbolo complexo e inesgotável da existência humana.

11 *O visconde partido ao meio*, publicado originalmente em 1952, veio a compor com *O cavaleiro inexistente* e *O barão nas árvores* uma trilogia a que Ítalo Calvino (1923-85) chamou de *Os nossos antepassados*, uma espécie de árvore genealógica do homem contemporâneo, alienado, dividido, incompleto. É a história de Medardo di Terralba, o voluntarioso visconde que, na defesa da cristandade contra os turcos, leva um tiro de canhão no peito, mas sobrevive, ficando absurdamente partido ao meio. A metade direita atormentada pela maldade, e a esquerda, pela bondade. “Ainda bem que a bala de canhão dividiu-o apenas em dois”, comentam aliviadas suas vítimas. <http://www.companhiadasletras.com.br>.

geral de todos os impulsos, no mesmo alagar de espuma (p.9). Era esse o entendimento necessário para eu prosseguir a busca do que são: diferença, diversidade, repetição, multiplicidade, num mar de ondas arrebatando sobre nós, desafiando-nos a buscar os sentidos das teorias.

A aventura de Palomar não era menos desafiante que a minha. Mas eu não estava só. Meus colegas de grupo também tinham livros costurados em suas mãos. Somos definidos inicialmente pela multiplicidade de ideias e interesses, necessidades e motivações e caracterizados como um aglomerado de singularidades.

Mais um encontro de estudos. Todos participávamos da discussão sobre o materialismo da ideia, conhecemos o Bartleby, o Funes, o livro costurado. Tropeçávamos nas frases complexas, nos caminhos tortuosos do entendimento do textos e suas provocações. Mas ninguém desiste! É como se um embate no interior de cada um, não quisesse ceder, até que o enunciado se formulasse, sinalizando o entendimento ou pistas para ele.

O final da manhã se mostra lá fora pelo sol do meio dia tropical. E nesse clima, misturando alegria com insatisfação, pelas ainda limitações dos estudos, ouvem-se passos no corredor e alguém se aproxima da sala. Mas quem se atrasaria tanto? Estamos no final da reunião!

Alguns segundos e a porta suavemente se abre. Avistamos um homem alto e moreno, vestindo paletó cinza claro e camisa xadrez, tem um meio sorriso emoldurado por bigodes prateados, cavanhaque e barba, testa alongada pela calvície, olhar sereno, seu braço direito apoia uma das mãos na parede...

Era Homi Bhabha¹² sem dúvida! Já tínhamos conhecido o autor na

12 Homi K. Bhabha ([/b a: b a: /](#); nascido em 1949 em Bombaim na Índia) é a Anne F. Rothenberg Professor de Inglês e Literatura e Língua americano, e o Diretor do Centro de Humanidades da Universidade de Harvard. Ele é uma das figuras mais importantes na contemporâneos estudos pós-coloniais, e tem desenvolvido uma série de neologismos do campo e conceitos-chave, como hibridismo, mimetismo, diferença e ambivalência. Tais termos descrevem maneiras em que colonizaram povos resistiram ao poder do colonizador, de acordo com a teoria de Bhabha. Em 2012, ele recebeu o Padma Bhushan prêmio no domínio da literatura e educação do governo indiano.

terça anterior, quando percebemos a necessidade de nos aprofundarmos nas noções de cultura, tendo como fronteira a arte! Bhabha nos dá um bom dia com sotaque, misturando o inglês e o indiano de Bombaim, dizendo: *Vim estudar com vocês. Trouxe comigo O Local da Cultura, meu estudo traduzido para a língua portuguesa.*

Nós o convidamos a participar da reunião, mas ele foi logo se desculpando:

Estou de passagem. Deixo aqui meu texto e estarei nele e com vocês durante a sua leitura e discussão. E para você, olhando na minha direção, ele diz: o conceito de além vai lhe encantar.

Bhabha deita seu olhar na sala, como que fotografando o nosso entre-lugar, do qual ele agora fazia parte com sua valiosa produção literária, conceitual, artística. Despede-se juntando as palmas das mãos junto ao peito, inclinando levemente a cabeça.

Retira-se tão magicamente como chegou. Em silêncio, ficamos ouvindo seus passos até que se fizesse um silêncio total. Sobre a mesa o volume que já fazia parte das leituras de alguns de nós mas, que aguardava o momento de sua apresentação.

Retomamos os trabalhos. Contextualizar a teoria de Deleuze, nos fizera esbarrar nas fronteiras do tempo e lugar. Assim tomamos como compromisso a leitura de Homi K. Bhabha.

Uma nova travessia se iniciava com Bhabha, que passou a fazer parte de muitos encontros e comunicações on line do grupo de estudos.

Ao terminar a reunião, despedi-me dos colegas, corri até a livraria e comprei o último volume do Local da Cultura. Era o meu! Queria lê-lo e nele o que ouvira quase num sussurro: o além! Um lugar entre-lugares! O agora!

Chego em casa, rego meus bonsais e atualizo os e-mails. Tomo banho, faço uma refeição natural e preparo o chá para me acompanhar o resto do dia dedicado para: ler, compreender, e interpretar e estabelecer relações, e escrever. Acomodada em meu estúdio, entre os textos, as anotações, me preparo para a empreitada a que me propuz: escrever um artigo, numa escrita livre, sobre os conceitos que temos estudado em nosso grupo, o que resultará na publicação de um livro traduzindo nossas linguagens, nossas formas de expressar o entedimento, que cada um processou a partir de seu universo e bagagem de conhecimento.

Nesse estado de sentimentos vejo-me na fronteira da escrita a se fazer presente na leitura. Não vislumbro seu final, seu desfecho ou conclusões e nem tampouco me atento ao que a escrita era ontem quando fechei o arquivo e fui dormir sem nenhuma linha! Evito as delimitações de passado, presente e qualquer elo com o futuro. Vejo-me no trânsito dessa experiência, no atravessamento que se fará acontecimento!

A tarde já estava chegando ao fim quando ouço baterem à porta, atendo e me vejo diante de três mulheres. Uma delas apresenta o grupo dizendo: Somos as tradutoras do Bhabha que você tem em mãos. Viemos alertá-la sobre o possível estranhamento que, de certo, se sentirá. Mostrando-me surpresa e ao mesmo tempo honrada pela visita, como não tinha nada para oferecer de pronto oferecí-lhes água e, convidei-as para um café no pequeno Mall há cinquenta metros de casa. Elas aceitaram. Fomos caminhando, e enquanto falavam, eu absorvia cada palavra que empregavam para exemplificar os desafios da tradução.

No Mall passamos pela livraria e entramos na cafeteria. Fizemos o pedido e então Gláucia falou em nome das demais sobre a ambiguidade que perpassa a obra de Bhabha e os neologismos criados pelo autor. Dizia que, desses neologismos alguns constituem conceitos chave da obra o que coloca ainda mais em risco o trabalho de tradução. Myriam interrompe falando da opção por traduzir ora no sentido literal ora

inspiradas nos neologismos já incorporados na linguagem crítica. Refere-se a formulação de “entre-lugar” já conhecida de Silviano Santiago¹³ bem como “entre-meio”, “entre-tempo”. Enquanto falavam e saboreavam em pequenos goles o café, eu pressentia o desafio da leitura em continuação ao desafio da tradução. Mas era nítida a satisfação das três ao dizerem que entregavam ao público o resultado de um trabalho demorado e árduo, porém na esperança de proporcionar ao leitor não apenas o acesso direto à teoria, mas também o sabor – singular e inusitado – da fina escrita de Homi K. Bhabha. (p.10).

As três mulheres resolveram passar a noite e conhecer um pouco mais a região. Despedi-me delas deixando-as no hotel no centro da cidade e voltei a leitura.

O dia se fora. Escurecia rapidamente e um frio silencioso entrava pelas frestas e vãos das janelas. Vesti uma roupa aconchegante, mais um reforço do chá que sempre me acompanha e por fim o trabalho!

Quando me vejo nesse estágio inicial da criação sinto-me escrava do modelo da redação escolar. Começo, meio e fim. Era como se eu estivesse num quadrado e precisasse, para entender Bhabha, livrar-me das paredes, saltar para fora e conquistar a autonomia, liberdade, reconhecimento. Lembrando o propósito deste livro: a liberdade da escrita.

Ao redigir as primeiras palavras, sentia-me como transpor o imenso portal em forma de arco, esculpido em bronze, percebi minha experiência de leitura como o Portal do Inferno de Rodin. De educação tradicional, Rodin levou grande parte de sua vida buscando perfeição e credibilidade para sua arte. Davam-lhe trabalhos que não o realizava em seu potencial. Foi por fim sua amizade com Turquet que lhe deu participar da comissão

13 Silviano Santiago, escritor, crítico literário, considerado um dos mais brilhantes ensaístas brasileiros, professor universitário e teórico de literatura, nasceu em 29 de setembro de 1936 na cidade mineira de Formiga. Em 2010, recebeu o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura 2010, pelo conjunto de sua obra. <http://fontessobresilviano.blogspot.com.br/p/biografia.html>

para criar um portal para um museu de artes decorativas de Paris. Rodin dedicou grande parte de quatro décadas ao Gates of Hell, o portal de um museu que não viu ser instalada.



Agora torno-me a leitura, o entendimento, a linguagem e a escrita para seguir os passos de Bhabha e realizar o desiderato de escrever sobre o Além. Reporto-me à posição de Theodor Adorno citado pelas tradutoras do Bhabha (p.9), segundo o qual banalizar a linguagem é banalizar o pensamento que ele veicula. Encontro-me agora na posição de leitora, esculpindo o portal de Rodin, que não me dará vê-lo erguido em um museu de Paris, mas a liberdade artística para me expressar, após assimilar as ideias de Bhabha, alcançar o entendimento e interpretar num novo texto. Meu interesse já se consolida e agradeço a Habermas a relação entre conhecimento e interesse.

A noite já se faz adulta cobrindo de sombras frescas projetadas pela luz as paredes de meu estúdio. Sobre minha mesa estão os livros, a caneca de chá esfriado, uma torrada e a casca da banana que adoçou o começo da tarde. No computador a tela está aberta para pesquisas: Sim, pois Bhabha recorre à literatura, à arquitetura, às artes para explicar seus conceitos, demandando ao leitor pesquisas constantes sobre as obras e os artistas citados.

O ALÉM COMO LUGAR DA CULTURA

Walter Benjamin, com quem eu já havia me encontrado em outras leituras, reaparece em diversos momentos para explicar que o “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado, mas o “*tempo do agora*” (p.24). O além é onde se dá o acontecimento, promovendo rupturas e transformações. Para Bhabha: “Sempre e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para cá e para lá, de modo que eles possam alcançar outras margens... a ponte reúne enquanto passagem que atravessa” (p. 25). Além de Benjamin, Bhabha traz em sua obra arquitetos e suas arquiteturas, escritores e suas literaturas, artistas e suas instalações causadoras de curiosidade, inquietação e estranhamento provocador, ilustrações que ele usa para realizar enunciados da teoria que desenvolve sobre o Lugar da Cultura. Bhabha nos faz inaugurar percursos nunca antes experimentados. Surpreende-nos com a forma como cria metáforas e mistura conceitos que os dogmas que nos hipnotizam proíbem. Faz arte com sua escrita, quando promove o descativar, nos libertando do modelo apreendido desde a escola, cativos dele! Dando-nos perspectivas do além.

Interrompi a leitura e abri meu arquivo de fotos. Decidi viajar por meio delas. Seguir os percursos que o próprio Bhabha construiu na sua

travessia literária. Precisava me mover da leitura para encontrar elementos que me oportunizassem outras formas de apreender suas ideias. Busquei a pasta com os arquivos de Paris e separei dentre eles, um acontecimento registrado nas imagens de um dado dia.

De manhã quase madrugada, muito cedo! O céu nublado e a ausência do sol deixava uma sombra úmida espalhada pelo vento que nos enregelava a face. Havia poucas pessoas nativas pelas redondezas de Giverny.

Mais uma pequena viagem e chegaríamos à singela comuna francesa da Alta Normandia, Giverny com cerca de 500 habitantes e um jardim para cuidar.

Sem tempo a perder, seguimos todos para ver de perto, fora das telas e dos livros, o Jardim de Monet, suas flores, a singela canoa ancorada na margem revestidas de relvas floridas, frescas como no brilho do óleo nas telas, e a famosa ponte.

A ponte dos jardins de Monet foi escolhida para entender o Além. O imaginário da distância espacial (p 24). Os visitantes querem fazer parte da paisagem que inspirou Monet. Querem, quem sabe, sair delas mesmas, deixar para traz o que foi dado pela tradição.

Os jardins de Monet é um ponto turístico comum, mas, para alguns, a experiência de estar nele é o Além de cada um, é única como fantasias infantis. Experiência que, para uns será apenas como habitar, estar de passagem, sem pretensões transformadoras, para outros, residir os jardins e viver suas provocações sensoriais.

Para Bhabha (p.28) estar no Além é habitar um espaço intermédio, mas residir no Além é ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; é reinscrever nossa história, é tocar o futuro em seu lado de cá. Estar nesse intermédio, entre o que deixo para traz e onde deverei estar amanhã, me situa no agora! O impalpável agora!

Naquele lugar, para aqueles turistas de diferentes culturas e idiomas, a ponte era Babel. O ponto comum que os ligava: a travessia da ponte. O acontecimento é essa travessia sem pressa, é olhar o lago contornado de arbustos debruçados, lambendo suas águas esverdeadas, espelhando o horizonte de flores e cores, é misturar-se com as cores das outras pessoas, seus semblantes, seu sentimentos, suas singularidades!

Monet é a ponte a ponte é Monet... O momento intervalar do antes e do depois do atravessar a ponte. A sensação de sair de dentro de nós mesmos para perceber quem somos. Experiência que pode ultrapassar o *habitar* e tornar o *residir* citado por Bhabha e nos levar para além de nós mesmos, para então retornar com o espírito de revisão e reconstrução de nossas verdades: numa auto-intervenção. Por que o próprio ato de ir além (p.23) sem um retorno ao presente, e num processo de repetição, torna-se desconexo e deslocado (p.24). Eu diria estéril, inócuo!



Volto às palavras do Bhabha, nas quais o presente não pode ser encarado como uma ruptura ou vínculo com o passado e o futuro. É preciso reconhecer as descontinuidades marcadas pelas diferenças. O conceito “pós” atribuído à pós-modernidade, pós-colonialismo, indicam uma sequencialidade. Não pressupõe interrupções ou ruptura. Para o autor, esses termos apontam insistentemente para um Além, só poderão incorporar sua energia inquieta e revisionária se transformarem o presente num lugar expandido de experiências, como pode ser a travessia da ponte dos jardins de Monet, como podem ser o ateliê, a oficina, a fantasia do brincar, a invenção, a arte!

Na auto-intervenção, me fez constatar que era tempo de voltar para casa. Em um novo estado de estranhamento, voltar levando a experiência dessa travessia e nela todos e tudo que a compõe! Descativada de ideias do passado quieto inadequadas ao presente turbulento que experimentava então.

Para Bhabha (p.31) estar estranho ao lar, não é estar sem casa. Entendo que o estranho se move escondido, como a nossa própria sombra, revendo nossa habitação, o nosso ser. Estar no mundo, com tudo o que somos, acreditamos, e fazemos de forma dura, que o autor chama de “terror incrédulo”. É o estranhamento é o que move a transformação.

Paulo Freire pensador da educação crítica, sinalizava a práxis fundamentada na dialética com a realidade, em contraposição ao que ele denominou de educação bancária, tecnicista e alienante: o educando criaria sua própria educação, fazendo ele próprio o caminho, e não seguindo um, já previamente construído. Freire usava o termo “espanto”. E ele dizia que tudo está perdido quando não há mais espanto. Quando a realidade passa a fazer parte do nosso cotidiano, quando a tragédia torna-se comum em nossa habitação, é sinal da falta do “Terror incrédulo”, do espanto, do estranhamento, ferramentas da transformação e da inauguração.

Ao chegar em casa confiro a caixa de correios. Há mensagens das colegas do grupo relatando os desafios da escola, da educação especial e da inclusão. Alguns comentários da leitura do Bhabha e outras. Essas mensagens indicavam-me que era hora de voltar para casa. Casa esta, dentre as outras que habito: a escola! Meu outro lugar. Juntei os textos e livros, fotos e objetos, lembranças e anotações e fui desta vez sem o desejo de problematizar a realidade, mas de convidar a todos os meus colegas para irmos à praia olhar o mar, no próximo feriado.

Todos juntos, andaríamos pela areia, pés descalços invadidos pelo vai e vem das ondas, a brisa suave e úmida a tocar nossas faces, uma doce sensação de liberdade a nos guiar o pensamento. Nosso silêncio seria em coro e a nossa melodia, a educação e a escola, lugar de onde nos vêm fenômenos que geram questionamentos, mas também nos inspiram canções de esperança. O lugar onde a diversidade se confunde, equivocadamente, com diferença. Lugar que ignora a multiplicidade e o respeito às singularidades!

Sabíamos que era preciso viver além das fronteiras da escola, dos livros didáticos, do currículo. Sair de nós mesmos e olhar para além do que somos, do que fez de nós a tradição e seus dogmas, tornando-nos cativos deles. Por fim, do que sabemos e do como externamos as coisas das quais somos feitos. Era preciso promover na educação o exercício do além da travessia! Experimentar a liberdade do entre lugar! Causar estranhamentos! Causar terror incrédulo!

Olho para o horizonte e vejo uma nova onda que se forma e se derrama juntando-se a outras em minha direção...Sem pressa, abro o ateliê, ventilo a oficina, liberto os brinquedos, espalho as fotografias, a música e as cores, imagens e filmes.

Fiz uma travessia e sigo de volta ao presente! Ao agora, onde a realidade acontece!

Palavras de minha editora sobre o texto na primeira versão, revisada a partir de seus comentários:

“Querida Suely

Mergulhei no seu texto, com a leveza e a sensação de quem se joga em um colchão de paina, debaixo de uma paineira. E fui além.

Gostei tanto que resolvi, sem pedir licença, dedicar-me a cada frase escrita para torná-la mais e mais fluida, fofa, acolhedora de outras formas de narrar. Não quis interferir no conteúdo, mas participar com meus sentimentos e com meus possíveis dons, da sua travessia. É uma marca que quis deixar nela, pela alegria que você me concedeu de ser a editora de seu texto”.

Maria Tereza Egler Mantoan.

NOSSA VIAGEM

Maria Regina Viana Pannuti

NOSSA VIAGEM

Maria Regina Viana Pannuti

“ uma única verdadeira viagem não é ir em busca de novas paisagens, mas a de ter outros olhos ”

Marcel Proust - A prisioneira

Uma viagem começa quando decidimos viajar. Quando os sonhos, as ideias, antigos quereres, imagens, outras tantas fantasias, alguns conselhos ou referências de amigos ou familiares ficam flutuando ao redor.

A decisão sobre onde ir depende de inúmeras circunstâncias, mas a deliciosa sensação do que fazer com o próprio tempo livre já começa inundar os dias e as horas que antecedem a viagem com uma luz e cores inusitadas.

A escolha depende das expectativas e experiências de vida, do olhar que fomos desenvolvendo ao longo das viagens anteriores... sair porta a fora é sempre uma aventura: O que ver e encontrar? Como se sentir? Como serão as acomodações? Será uma viagem segura? De onde vem essa curiosidade para ver outros lugares? As pessoas podem ficar atemorizadas ou inseguras com as questões que surgem. E ainda poderão perguntar-se: Mas, para que sair? Para que viajar? O que pode haver de tão interessante ou útil do outro lado da porta que justifique tanto trabalho? O que esperar do contato com outras pessoas e lugares? Uma coisa, porém, fica clara: lá pode ser, e certamente será diferente daqui... e por que gostaria de ver algo diferente?

Mas, há sempre um porém, tudo depende de como a gente está, interiormente. Podemos estar num lugar maravilhoso, uma ilha paradisíaca ou uma montanha dos deuses, se estamos com algum tipo de mal estar conosco mesmos ou com nosso(a)s companheiro(a)s de viagem vamos achar tudo ruim, feio...

A viagem, segundo a tradição ocidental, abre espaço para o reencontro do ser humano com o imprevisto, rompendo ritos sufocantes do dia a dia, arrancando-o de sua mesmice... viajar é imergir no mundo, é viver momentos de “suspensão” onde o pertencimento se dissolve, a liberdade e o prazer se confundem nos novos caminhos é, “maravilhar-se ou horrorizar-se com o Outro.”¹ Rouanet considera “viajar é um ato de liberdade e que toda viagem tem sempre os mesmos momentos constitutivos: a partida, o percurso, a chegada e, sobretudo, o momento humano por excelência, que movimenta todo o processo - a viagem como desejo, a fantasia do novo, a esperança de chegar, o encontro com o país / lugar sonhado.”² É o que tenho vivido como viajante: momentos privilegiados de saída do cotidiano, quando o deslocamento da rotina de trabalho, das relações interpessoais, dos desafios intelectuais, dos mil momentos que com seus afazeres compõem esse dia a dia, possibilita a abertura do olhar, do sentir, do perceber e do pensar... Um deslocamento com a liberdade do viajante que carrega suas experiências e modos de pensar, mas assume poder mudar seu ponto de vista, seu modo de ver e sentir... de viver situações. Registrando há alguns anos em diários as minhas viagens, venho escrevendo sobre o que via, percebia, pensava, histórias sobre os lugares que ouvia ou lia, modo de vida das pessoas, seus hábitos culinários, moradias, transporte e das muitas coisas que

1 Del Priore, M - 2015

2 Rouanet, 1993.pg 7-8

fazem o dia a dia nas cidades e países visitados. Sempre tenho juntado às escrituras ilustrações, receitas, pedras, pedaços de tecido... as coisas mais variadas que chamaram minha atenção no momento. Gosto de escrever e fui percebendo que as pessoas gostavam de ler os registros que eu trazia de minhas viagens. Muitos se surpreendem com os destinos escolhidos e com o reconhecimento de culturas e artes tão diferentes das daqui. O lá e o aqui são parâmetros poderosos, importantes nesses momentos, pois de modo geral, as pessoas não reconhecem a singularidade de índios, negros, orientais, ou mesmo de outros brancos. Said (2007) adverte para a distorção e imprecisão que as visões gerais (genéricas) podem trazer.

Lendo e estudando as questões sobre diferenças e cultura vieram-me muitas lembranças de lugares conhecidos, experiências vividas nas viagens que fiz. Relendo meus diários aprofundei minhas experiências com a ajuda de aspectos estudados em textos de H. Bhabha, G. Deleuze, M. Serrés, J. Derrida, entre outros autores que temos chamado ao nosso grupo de estudos³ para fundamentar nossas observações e discussões. As leituras reavivaram muitas experiências... muitas memórias. Tem sido tão prazerosas as minhas tardes nesse trabalho que decidi comunicar essas experiências. Selecionei trechos de alguns dos meus diários de viagem e suas lembranças para estabelecer a relação com os conceitos que temos estudado, aprofundando as minhas experiências!

“...fomos ao “Portal da Índia” – como que um arco do triunfo na entrada do porto de Mumbai (a antiga Bombaim), imponente construção de pedra de 1916, feita pelos ingleses. Muita gente passeando por ali: turistas, locais vendendo lembrancinhas, crianças, mulheres e homens pedindo algo, policiais com

3 Grupo de Estudos do LEPED – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de Diferenças, da Faculdade de Educação, da Unicamp - Universidade Estadual de Campinas-SP

bastões de madeira como arma (herança da ocupação britânica) vigiavam com postura militar. Em frente ficam o Antigo e o Novo Hotel Taj muito luxuosos. O Taj Antigo, numa arquitetura espetacular, com a fachada de múltiplas janelas, foi construído por um rico comerciante que tinha sido impedido de entrar num hotel para ingleses durante a dominação britânica, quando indianos e ingleses viviam como que num “apartheid”. Ele fez o hotel para indianos e os ingleses não podiam entrar. O Novo Taj é moderno, uma torre com janelas lisas com arcos. A impressão que se tem observando as duas fachadas e que a do novo hotel parece ter sido “lambida” de tão lisa em relação às esculturas da outra”... (Trecho do Diário de Viagem à Índia - 2007)

Esse foi um dos primeiros locais que visitei em Mumbai e já pude sentir o peso das relações desiguais entre dominador e dominado que já conhecia pelas leituras literárias, antropológicas, históricas ou sociológicas, mas ver os dois edifícios, lado a lado, semelhantes e absolutamente diferentes, ouvir as histórias, ver as pessoas por ali, foi muito significativo. Em Mumbai as diferenças entre a arquitetura colonial, a arquitetura hindu, nos vários períodos históricos e a arquitetura atual da cidade demonstram a intenção de marcar diferenças entre colonizador e colonizado, colisão de pontos de vista sobre a ocupação do espaço da cidade, as memórias históricas preservadas, e um certo desafio de afirmação de diferenças como a construção do hotel Taj Antigo, por exemplo. Os ingleses começaram a anexar a Índia no século XVII, a partir da Companhia Britânica das Índias Orientais desrespeitando profundamente os indianos e sua cultura milenar com suas certezas sobre o melhor modo de viver em sociedade. A resistência, porém, sempre se fez presente. Os primeiros habitantes desse espaço geográfico que hoje é a Índia chegaram pelas montanhas de Ladak, província ao norte do país junto ao rio Indo, por volta de 3500 anos AC,

eram tribos nômades que cultivavam a terra e domesticavam animais. Mas a história da Índia tem pelo menos 5000 anos. Mais ou menos pelo ano 2500 AC grandes cidades foram estabelecidas. E, de repente chega-se a esse Portal da Índia, de 1916, sabendo-se que existiram inúmeros outros Portais nesses milhares de anos que, na verdade, não foram reconhecidos pelo novo colonizador.

O encontro com um lugar tão diferente se faz muitas vezes com a História, a literatura nacional, a cultura popular e a mídia que fornecem mais histórias, as imagens, os eventos, os símbolos, os rituais, explica Bhabha, que simbolizam ou representam experiências desse povo, suas perdas, seus sucessos e tudo o que dá sentido à vida da população desse país. Na Índia pude observar que as origens do país e de seu povo se perdem num tempo mítico, com os deuses do hinduísmo, do budismo, do jansenismo explicando muitos períodos e eventos históricos.

Michel (2000) ressalta que “a viagem começa onde param as nossas certezas... provocando muitas vezes uma agradável surpresa pelos locais, pessoas, universos – rompendo com as referências que até então definiam a visão do mundo”.⁴ E o viajante se descobre diferente do que se pensava, do que acreditava ser! Vejo assim, que a primeira viagem à Índia mudou minha maneira de ver a vida. Compreendi que viajar é (re)aprender lidar com o diferente, o novo, o estranho. Para isso é preciso ter uma abertura interior, uma disposição e um despojamento, pois o outro está presente em si mesmo... viajar é reaprender a duvidar, a pensar, a contestar, a negociar. Abolindo as fronteiras do desconhecido, viajar é ousar desafiar a banalidade do cotidiano, o conforto seguro, os hábitos seculares. A viagem é a passagem de si ao outro, a ponte de um mundo a um outro, o reencontro

4 Michel, 2000 - pg 2

humano e o escutar... viajar se aprende viajando”⁵ Desde a Antiguidade Clássica, a referência e a memória sobre as viagens é muito marcante e importante no conhecimento do Mundo. O que se verifica ao longo das pesquisas e leituras é a grande necessidade de se realizarem viagens tanto com o objetivo de se conhecerem novos espaços por mares e terras, quanto entrar em contato com outros hábitos e costumes dos povos encontrados (SCHURÉ, 2003; LACARRIÈRE, 1998; HARTOG, 1996, 1999).⁶ Viajar pela Europa ou por países do continente americano traz surpresas e muitas descobertas, porém ir para países asiáticos, dos Balcãs, da Ásia, da África é uma “outra experiência”! Os modos de vida que encontramos são totalmente diferentes, mesmo considerando a globalização que procura homogeneizar tudo.

E ainda, muitas tem sido as discussões e reflexões sobre as diferenças entre o turista e o viajante. Às vezes quer-se afirmar um em detrimento do outro, mas na verdade as diversas formas de viver uma viagem dependem do momento, podendo numa mesma viagem uma pessoa estar sendo *viajante ou turista*, de acordo com a situação que se está vivendo. Proust explicou que o turista está mais ligado aos eventos, emoções, comparações, sem se desligar de sua realidade e sua cultura, pois precisaria dessas referências para sentir-se seguro. Já o viajante procuraria imergir numa lógica diferente, aceitando desafios, lançando-se nas situações sem muitas amarras, vivendo o que se apresenta, sem restrições... buscando encontrar o outro, porque quer aprender a pensar diferente, olhar diferente, sentir diferente...Ser.

5 Avena, pg 4

6 Obra citada – pg 8

“... Nosso último dia de viagem! Abdoul, nosso motorista desde a cidade de Fez, estará conosco para os passeios até o final da tarde. Ele parece uma pessoa que ainda busca um lugar na vida. Está com 43 anos e a esposa, 38. O casal tem uma filhinha de 9 meses – Zenaib. Abdul fala bastante, com cacoetes de linguagem como: “you know” – “I mean” e “No problem”. Vivemos alguns momentos de irritação com ele, estávamos todos juntos o dia todo e às vezes parte da noite também. Ele falava muito, tinha opinião sobre tudo. Mas, nosso relacionamento, na maior parte da viagem, foi muito bom e divertido. Principalmente depois que ele entendeu que não compraríamos NADA, nem bijouterias, nem lembrancinhas... Ele dirige aos “soquinhos” tirando o pé da embreagem, mas sempre de modo seguro e calmo e as estradas do Marrocos não são fáceis! Aqui em Marrakech o trânsito é caótico, com motos e carros se cruzando tirando “finas”. Quando Abdul se atrapalha faz uns trejeitos com a boca, que Flávio, meu sobrinho, imitava. Todos ríamos muito, e ele também. Abdoul disse que o chamam de “fake man” pelo fato de sua esposa trabalhar como professora. Ele explicou que segundo a cultura do seu país o marido deve trabalhar e sustentar a família, e a mulher deve ficar em casa cuidando de tudo. Mas, a esposa dele não quer e ele concorda com ela. Nós elogiamos o modo como ele e a esposa vivem e contamos que em São Paulo Máisa e eu trabalhamos fora de casa, temos nossas profissões.. Ele ficou bem contente e riu muito brincando com Flavio e Claudio; you are fake men too”... (Trecho do Diário de viagem ao Marrocos - 2013)

Conversando com Abdoul e observando outros (as) marroquinos (as) pudemos observar que hoje as antigas e fortes tradições estão sendo constantemente colocadas em cheque. A imprensa e a televisão locais nos dão a perceber um certo esforço na manutenção de um determinado modo de viver: a religião islâmica vivida por grande parte da população, o modo de alimentar-se, os livros e publicações nas livrarias, a forma

de relacionamento nas lojas, restaurantes e nas ruas... Mas, são muitas as mudanças: muitas pessoas e principalmente os jovens usam jeans, roupas europeias, as gulodices são nitidamente ocidentais: chocolates, refrigerantes, biscoitos, nas barraquinhas de rua até dos bairros mais afastados; os restaurantes além da alimentação do país, oferecem comidas internacionais; os cinemas apresentam filmes do mundo todo; as “rodas” de jovens na esquinas são como as do Ocidente cheias de risos e conversas em voz alta na grandes cidades, se bem que a presença das mocinhas é reduzida, principalmente nas cidades menores... não há dúvida, vivemos numa aldeia global e os processos de globalização tornam cada vez mais ambivalentes as identidades nacionais. Porém, ao mesmo tempo, percebemos comportamentos muito tradicionais, especialmente com pessoas idosas. Marrocos, no norte da África, historicamente é um país por onde, há milhares de anos passa muita gente e todos deixam um pouquinho de si e levam um pouquinho dos marroquinos. Bhabha nos explica que não dá para pensar as culturas nacionais de modo unificado porque as nações são compostas por diferentes classes sociais, pessoas de diferentes origens, diferentes grupos étnicos, homens e mulheres, crianças, jovens e idosos... enfim de uma gama de seres humanos diferentes que viveram e vivem atravessados por situações de dominação, colonização, divisões internas entre conquistadores e conquistados, daí não podermos pensar num povo puro atualmente. E está aí a riqueza das relações com pessoas e países diferentes que nos estimulam a pensar diferentemente, experimentar desafiar a banalidade do nosso cotidiano, aprender cada vez mais sobre a vida. Hall nos fala da “formação do eu através do olhar do outro” em oposição ao “eu” inteiro, unificado e imutável. Se observarmos o desenvolvimento de uma criança vamos ver as relações que estabelece

com sistemas simbólicos fora dela, mesmo no seu próprio ambiente familiar: língua, cultura, diferenças no modo de reagir a um programa de TV, por exemplo, sua identidade estará sempre em processo, sempre incompleta. Comentários que poderiam entristecer, na forma de encarar o trabalho de professora da esposa de Abdoul, ou o modo ocidental de vestir-se de algumas mulheres ocidentais pelas marroquinas através de seus olhares críticos... são múltiplos os modos de expressar-se nessas situações e nos relatos acima as pessoas escolheram essas. Deleuze explica⁷ que “a diferença não é o diverso. O diverso é dado. Mas a diferença é aquilo pelo qual o dado é dado. É aquilo pelo qual o dado é dado como diverso.” Assim, o processo de diferenciação pode ser infinito, de acordo com as situações singulares vividas. A singularidade acontece em determinadas situações como atualização do diverso, considerando que o diverso é dado. Uma característica do colonialismo inglês era ignorar o colonizado, reduzindo-o ao mais completo silêncio e no caso do hotel Taj Antigo, relatado no Trecho acima do Diário de Viagem à Índia, a atitude singular do rico empresário indiano foi, resistindo à relação excludente dos ingleses, construir um hotel só para indianos. A reação singular do empresário evidenciou o “apartheid” existente naquela sociedade, naquele momento.

“...O céu estava “azul e o sol brilhando, após tanta chuva pela manhã, quando nos dirigimos para as ruínas. São Miguel faz parte dos remanescentes arqueológicos das “reduções jesuítas” brasileiras, argentinas e paraguaias – Rota ou Circulo das Missões. Andar por aqui foi como reviver a experiência de convivência e construção de um modo diferente e novo de vida dos jesuítas e dos guaranis. Os jesuítas começaram a viver na região a partir da Província Jesuítica do Paraguai – hoje Paraguai, Argentina, Uruguai e sul do Brasil. É uma parte da América Latina que era colônia espanhola. O governo espanhol

7 Deleuze - 1988

pediu aos jesuítas para virem “catequizar” os índios, organizando a ocupação do território. A Companhia de Jesus idealizou esse projeto de aldeamento do povo guarani numa organização social produtiva e solidária. Respeitando a organização dos guaranis introduziram o gado e o cultivo da erva mate, além da religião cristã, que os guaranis não entendiam, mas realizavam os ritos. O governo da “redução” ficava com um Conselho de chefes guaranis e 2 padres jesuítas – para mais de 4000 mil guaranis. As “reduções” jesuítico-guaranis” brasileiras são conhecidas como Sete Povos das Missões: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista e Santo Ângelo Custódio. A entrada de São Miguel Arcanjo foi muito emocionante. O vento, o sol, o céu azul, a grama com as florzinhas brancas, amarelas e azuis, o ar perfumado, as enormes árvores e a imponência avermelhada da antiga Catedral fizeram meu coração bater mais forte de alegria pelos 150 anos de permanência, mesmo depois de tanto sofrimento, dessa sociedade de sonho... de tristeza pela brutalidade e violência do fim da utopia... de pensar/ouvir os risos e cantos as crianças e dos jovens... de imaginar a alegria dos padres na construção de sua missão, e também pelo eco dos sentimentos de terror e gritos de medo e silêncio da morte com os ataques dos colonizadores portugueses e espanhóis para dizimá-los. Caminhamos lentamente para a Catedral e entramos pelos altos arcos das três naves. O sol da tarde fazia bilhar as pedras antigas e projetava a sombra dos arcos na grama verde. Parecia que essa vegetação mantinha a vida nessas paredes. O canto dos pássaros, numerosos e de muitas espécies, davam uma nota de alegria mostrando que a vida continua. É claro que a experiência dos guaranis e dos jesuítas foi válida para eles e para nós que hoje os lembramos. É importante saber que é possível construir uma sociedade diferente, amorosa, alegre e solidária. Pelos vários recintos: Cabildo, Oficinas, Colégio, das ruas e casas dos guaranis, Cemitério, Pomar observei placas indicativas com comentários de personagens da época. Para mim é interessante chamarem esses lugares de “ruínas”, pois não

me parece um bom nome. Acho que poderia ser chamado de “remanescentes” ou o que re stou de tanto trabalho, força e vida... Tivemos oportunidade de assistir à noite o espetáculo de som e luz em frente a antiga Catedral. A narração é da Terra e da Catedral para nós – os estranhos. O espetáculo foi criado há 25 anos, com a participação de Fernanda Montenegro, Lima Duarte, Juca de Oliveira e muitos outros atores e profissionais. É um emocionante manifesto de denúncia da brutalidade dos conquistadores portugueses e espanhóis, explicitado no grito do líder guarani – Sepé Tiaraju: “Essa terra tem dono. Ela foi dada por Deus e pelo Arcanjo São Miguel para os guaranis cuidarem dela.”... O nome “redução” significava não prender, mas reconduzir e reorganizar o povo guarani que estava sendo extinto pelos colonizadores. De 1610 a 1626 os jesuítas fundaram 14 aldeias onde que chegaram a viver mais de 100 mil índios... Parece que a violência e a destruição do que é bom é o objetivo de quem detém o poder em todos os tempos e lugares.” (Diário de Viagem a Sete Povos das Missões – 2005)

Sim, muitos eram os habitantes dessa terra antes da chegada dos conquistadores / colonizadores. Tinham seu modo de vida, de organização social, econômica, política e cultural que foi sendo anulado pelos colonizadores que se apossavam de tudo, até da própria vida desses antigos habitantes, que para sobreviver aceitaram uma nova organização de vida, diferente da que tinham, sem deixar de viver no interior de suas casas e famílias os seus valores ancestrais. Nesse hibridismo de santos, cantorias, rituais, organização espacial de casas e arruamentos, roupas europeias, escrita da própria língua, cultivo dos alimentos, manutenção da dieta básica também consumida pelos jesuítas, uns e outros salvavam, consciente ou inconscientemente, a própria vida ou a própria alma. Num jogo de ambivalências, substituições e subversões – guaranis e jesuítas se reconheciam como uma comunidade a partir do sentido que davam às

suas práticas cotidianas. Dá para reconhecer aí os elementos oposicionais e antagônicos na negociação de formas de convivência, produção material e artística, mas não pude ler algum tipo de documento ou observar como essa negociação acontecia, em que nível de diálogo ou entendimento. Ler a história dos lugares visitados ajudam muito a entender o que vemos. Muitas vezes são informações já conhecidas, mas que assumem um significado muito mais denso.

Viajar tem sido para mim experiências “enriquecedoras de vida”, expressão de Nietzsche, citada por Bottom (2003)⁸ Em 1873, Nietzsche escreveu um ensaio sobre a diferença na coleta de dados de um explorador e um acadêmico e sobre como usar fatos já conhecidos para o “enriquecimento psicológico interior”. Ele menosprezava o modo do explorador, pois coletar dados científicos seria “uma atividade estéril” e considerava “o verdadeiro desafio usar fatos para “enriquecer a vida”. E Bottom continua: “O que significaria procurar conhecimento “para a vida” em nossas viagens?” Refletindo ainda com apoio no ensaio de Nietzsche quando esse considera a viagem de um alemão à Itália descobrindo o Renascimento italiano, diz que o turista poderia aprender a buscar em outras culturas “aquilo que no passado fora capaz de expandir o conceito de “homem” e torná-lo mais belo”. E ainda, muitos de nós, conhecendo a história, a cultura e as artes de alguns países aprendemos como é maravilhosa a história do ser humano, como nada é por acaso e, apreender “a noção de continuidade e integração” na história humana. O que pensamos, sentimos, vivemos numa viagem pode nos tornar diferentes no modo de perceber o sentido da nossa vida humana e a boa sorte de ter nascido como ser humano.

8 Bottom 2003 pg.122

“... finalmente estamos indo para Bukhara – 255 mil habitantes – cidade sagrada da Ásia Central: Bukhara-i-sharif, “Pilar do Islã”, centro cultural e religioso, antigamente. Em 1220, tudo veio abaixo quando chegou Gengis Khan, fazendo seu caminho de destruição. No século XVI a cidade floresceu novamente com um grande mercado e “caravan sarais” que eram os pousos de mercadores e viajantes. Chegou a ter 100 madrassas, casa de ensino e mais de 300 mesquitas. Bukhara fica perto do rio Zeranshan, num oásis do deserto de Kyzylkum. A viagem pelo deserto foi totalmente desnecessária, 6 horas de van passando pela estepe de gramíneas e arbustos, onde quase não se vê as areias vermelhas. A estrada era perigosa, está sendo reconstruída e a sorte foi que não tinha muito tráfego. Nosso guia e os dois motoristas são muito simpáticos. Ahmed, o guia, quer mudar-se para Londres com a esposa e as 2 filhinhas, pois acabou seu curso de economia e pretende fazer doutorado lá. Paramos junto a canais onde as águas do rio Amu-Darya se dividem entre o Uzbequistão e o Turcomenistão. Esse acordo para dividir as águas, contado por Ahmed, me emocionou. Parece que a humanidade tem jeito! Aí a paisagem era linda: as areias vermelhas e a água verde esmeralda que desce das montanhas geladas. Quando estávamos há 146km de Bukhara paramos para almoçar a “comida do deserto”, como explicou Ahmed: tomates, pepinos, pão e espetinho de carne (como o kafta que comemos em restaurantes árabes, por aqui), com chá verde. Uma delícia. Aqui também tinham as mesas comuns e o estrado com o grande divã, almofadas e a mesa baixa no centro. Não encontramos turistas, somente viajantes locais e trabalhadores. O banheiro era de estilo oriental e as mãos se lavavam numa bica ao ar livre, sem encanamento. Perguntaram ao Ahmed por que íamos para Buxoco (Bukhara – na língua uzbek), ele explicou que queríamos conhecer e os trabalhadores riram, acenando sim com a cabeça. Ahmed explicou que eles se surpreendem pois quase não encontram estrangeiros por aqui, mas que todos gostam de ver gente diferente – nós!!! Bukhara nos

recebe num final de tarde deslumbrante com um revoada de andorinhas no pôr do sol. (Lembrei-me do livro “As andorinhas de Kabul”, de Yasmina Khadra.) Nosso hotel está na região dos pesadões edifícios do tempo dos soviéticos, onde ficam os hotéis internacionais. Passeamos pelos parques e avenidas ao redor do hotel. À tardinha eles ligam os canais de irrigação para manterem os jardins e parques da cidade verdinhos e floridos. Um capricho! Fomos à fonte de Job, uma linda construção em terracota onde há milhares de anos as pessoas pegam água, considerada sagrada. Junto dela há um pequeno edifício com uma exposição de fotos e projetos de canais e modos de obter água já realizados pelos uzbeks. É muito emocionante estar nesta parte do mundo, onde tantos sábios viveram e fizeram suas descobertas astronômicas, sobre a anatomia dos seres humanos, sobre as doenças, os cuidados com a saúde, a matemática, a filosofia, a botânica, enfim o conhecimento humano teve um grande crescimento com esses povos orientais. Ontem no Museu da Fortaleza pude observar a representação nos trabalhos em cobre, tecido, ferro, couro, madeira, pintura, mosaico...fiquei lembrando de Gurdjieff e seus mestres. Ele fez o caminho dele no seu tempo: “Lembrem-se do motivo por que vieram a Terra”. Estou fazendo o meu caminho de busca, conforme as características do meu tempo, também com a ajuda de bons mestres. Sinto-me uma buscadora da verdade! Lendo os sufis aqui tenho podido ver e perceber muitas coisas sobre o sentido da vida. Está sendo uma grande experiência essa viagem por essa parte da Rota da Seda”. As construções antigas cobertas de mosaicos azuis e turquesa ou rendadas pelo estuque são obras de arte. Aliás, a delicadeza e majestade das cidades, das construções antigas, das paisagens sempre com montanhas ao longe ao mesmo tempo que encantam, questionam e problematizam a vida em cada momento. Ahmed explicou que admira os sufis porque eles buscam a compreensão profunda do Alcorão, de todos os livros sagrados e da própria vida”. (Diário de viagem pelo Uzbequistão – 2007)

No Uzbequistão percebe-se profundamente o processo de busca da humanidade pelo conhecimento, pela arte, pela música, pela valorização do ambiente e da vida humana. As visitas que fizemos mostram como sempre buscam criar um microclima que possibilite “uma vida agradável”: com árvores ao redor, um curso d’água, cadeiras e divãs, música, um fogareiro para aquecer se necessário... tudo tem um significado.

Do vai e vem de muitos povos por essa terra de passagem: sogdianos, iranianos, mongóis, russos no tempo da União soviética, nas mais diversas épocas, com guerras ou períodos de paz, criou-se uma cultura muito rica que se expressa no modo de vida do seu povo acolhedor e agradável. Em Samarcand “...lemos no portal do Observatório Ulug’bek (antigo governante, astrônomo e cientista) que “tudo o que aprendemos é pela observação e pela experiência”, é assim que se produz o conhecimento,” ensinava ele... Franz Fanon, citado por Bhabha⁹, diz: “Eu deveria lembrar-me constantemente de que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção dentro da existência. No mundo em que viajo estou continuamente a criar-me. E é passando além da hipótese histórica, instrumental, que iniciarei meu ciclo de liberdade”. O assumir-se como “outro” nas situações vividas nas viagens faz com que nos reconheçamos em “outro lugar, vivendo outra coisa, reconhecendo e sendo reconhecido, buscando encontrar e ser encontrado. No livro “O Físico”, de Noah Gordon (esse título mal traduzido para a língua portuguesa do original “The Phisician”, deveria ser “O médico”) pude ver como o personagem principal, um médico medieval vem da Europa para essa parte da Pérsia na época, para aprender com Ibn Sina (Avicena – em português) como cuidar do ser humano e suas doenças. Num desses parques com os canais

9 Bhabha - 2013 2ed. pg.30

de irrigação há uma estátua de Ibn Sina, que aqui é reverenciado como um sábio. Os poucos conhecimentos sobre medicina na Europa Medieval ficam evidentes quando comparados com: “... *Um mestre cirurgião Al Juzjani recebeu a ordem de ler “Dez Tratados sobre o Olho”, de Hunayn... Apesar de exausto com tantos afazeres escolares, Rob decidiu assistir essa aula, pois já tinha observado essa opacidade que cobria os olhos de muitas pessoas... “acredita-se que essa cegueira seja causada por um derramamento de humor corrupto no olho”, leu Al Juzjani, por esse motivo os antigos médicos persas a chamaram de nazul-i-ab ou descida da água, que se vulgarizou na denominação de doença da queda d’água ou catarata*”. E ainda: “... *tem alguma recomendação? Nenhuma referência de alguns dos nossos famosos diplomados? O pânico crescia dentro dele.*

– *Nenhuma, respondeu. Mas, não é um capricho passageiro, sou um barbeiro-cirurgião. Viajei uma distância imensa por querer estudar medicina. Aprendi sua língua.*

- *Muito mal, devo dizer. – o hadgi fungou - Não ensinamos simplesmente a prática da medicina. Não produzimos comerciantes, moldamos estudiosos. Nossos estudantes aprendem teologia, filosofia, matemática, física, astrologia e jurisprudência, além de medicina e quando se formam são cientistas e intelectuais bem preparados para escolher entre as carreiras de professor, médico ou a lei.”*

Mesmo considerando que essa história se passa no século XI, a concepção de cultura de Bhabha auxilia na compreensão do processo de formação de um médico na Pérsia, nessa época. Para além da intensa especialização que hoje observamos, era um ser humano situado que tinham por objetivo formar. A medicina se inseria como conhecimento

singular num processo complexo de significações. Bhabha, nos seus estudos sobre a crítica colonial e pós-colonial, assume que a cultura não é universal, mas um processo de produção de sentidos, através da disjunção de significantes e significados com o fim de demarcar o ato enunciativo, estabelecendo um vínculo entre o conhecimento e o discurso. Não basta curtir a “cultura e a história” de países visitados em nossas viagens, é preciso compreender seu processo e realidade histórica atual. E hoje ver o Uzbequistão com tantas dificuldades, depois de tantos anos de aliança com a antiga União Soviética que, segundo as pessoas que encontramos, ajudou tanto no seu desenvolvimento, sua história e cultura riquíssimas, nessa encruzilhada política e econômica, sentindo-se abandonado, de certo modo, é muito triste.

“... New Lanark! Que surpresa. Fim de tarde chuvoso nesse bosque maravilhoso, perfumado, cheio de pássaros. Eu não sabia nada desse lugar. No fundo do vale imensas e compridas construções de pedra: 4” Mills” de algodão (as tecelagens), escola, o Instituto e housings do século XVIII. A partir de 1800 desenvolveu-se aqui uma experiência de cooperativismo dirigida por Robert Owen, representante do socialismo utópico ocidental, que buscava uma educação que desenvolvesse o ser humano, um processo produtivo mais humano, eficiente e que preservasse a natureza. Tudo isso numa busca de harmonia e reconquista da alegria de viver. Estão restaurando toda a vila para que 120 pessoas descendentes dos que aí viveram continuem nesse lugar e cuidem agora desse espaço como local turístico. Na terceira “Mill” instalaram um “Túnel do Tempo” onde sentados em cadeirinhas que andam pelo Túnel vamos ouvindo sobre os momentos característicos do modo de vida das pessoas, contados por Anne McLeod, menina de 10 anos, que também aí vivia. Os sons, os aromas, as imagens do passado voltando com força pelos processos holográficos. Depois

há uma exposição com as máquinas e as ideias de Owen em grandes painéis. Muito emocionante ver que um outro mundo era possível, mesmo naquele tempo de grande exploração dos trabalhadores”. (Diário de Viagem à Escócia – 1990)

É muito impressionante ver como a história dos trabalhadores em diversos países tem presente a exploração e grandes esforços por parte de alguns para mudar essa situação. O lugar da criança numa situação de exploração tão profunda também choca ao observador: crianças de 4 anos de gatinhas sob os grandes e barulhentos teares deviam pegar o fuso que escapava. Os baixos salários e a péssima alimentação faziam adoecer os trabalhadores. As condições de moradia, falta de escolas, de atendimento de saúde faziam da vida um verdadeiro inferno. Tudo isso Robert Owen transformou em New Lanark, com anuência de seu sogro a quem pertencia a fábrica. A mudança no processo de produção e nas condições de vida dos trabalhadores foram uma grande marca na região e na própria Inglaterra. Desconstruindo um modelo de produção e de vida, registrando sua experiência Owen possibilitou novas histórias de vida e trabalho. O novo padrão de relações humanas e de produção trouxe uma nova dimensão de valor, cultura e identidade para todos os que ali viviam – patrões, trabalhadores e suas famílias. A intervenção de Owen gerou uma interrupção do paradigma coercitivo e desumano que sustentava o modo de produção do início do século XIX, abrindo possibilidades para reconstrução dos sujeitos e outras formas de vida e trabalho.

Voltar a esses trechos de meus diários de viagem me mostram como colocar em palavras o que vi, senti, percebi, gostei, critiquei, pensei ficam plenos de sentido. Mostram-me como escolhi as palavras que expressam como me coloquei naqueles momentos possibilitam um voltar e repensar

sobre essas escolhas, retomando significados do que me acontecia. Nomear o que vivia e fazia marcou de modo diferente a minha viagem!

Escrever no meu diário a cada dia, sobre alguns momentos, descobertas, percepções, reflexões possibilitam aprofundar o que está acontecendo comigo. É interessante, pois muitas coisas estão acontecendo a cada dia no mundo, mas nem tudo acontece *comigo*. Acontece ao meu redor, sem que eu me envolva. Numa viagem, inúmeras podem ser as informações e posso dizer que aprendi coisas que não sabia.

Porém, é o tempo que me tenho dado de voltar sobre as situações, observar melhor, olhar mais devagar, parar para escutar o som ao redor, perceber o que estou sentindo diante de um lago, me demorar nos detalhes, é que me possibilita ver o que está acontecendo comigo – viver experiências. Refletir sobre tudo isso, depois organizar o que vivi para relatar no diário tem feito com que realmente muitos sejam os conhecimentos elaborados no decorrer das minhas viagens. Mais que “diários de viagem” ou anotações a força das palavras trazem o olhar, os compartilhamentos e a admiração pelo Outro, suas singularidades, sentimentos de compaixão com e por tantas (e belas) diferenças de vida.

“Domenica di Palma... M. foi à igreja para ver A. e retornou com essas folhas de palma e nos presenteou. Já são 2 meses que estamos aqui e frequentando a Università per Straniere, para nosso curso de italiano. Parece que vivemos um filme: M. nos apresentou na mercearia próxima do apartamento, no açougue (agora vendem carne de struzzo – avestruz – por causa da doença da “vaca louca”), na quitanda... e todos dizem Piacere, Signora... Ele quer que a gente se sinta em casa. Todos saem com suas sacolas pela manhã para compra diária de pão, queijo, frutas, carne, legumes e salada. Mas, agora com 2 grandes supermercados que abriram por aqui já começam a fazer a spezza semanal. Os

cafés estão sempre cheios e perfumados pelo café e pelos brioques, uma delícia. Em nossas refeições sempre o vinho, a pasta, a insalata, o pane di grano duro, os queijos deliciosos e a partir daí as variações. Vivem como se o tempo não passasse. É já a oitava vez que venho estar com a família e sempre assim. Nossa rotina; pela manhã as aulas na Universidade, compras para o almoço, descansadinha da tarde, as lições e estudos, depois a caminhada no longo mare – Via Marina - a passo veloce. Andar pela praia de pedrinhas não dá. Mas, o pessoal aqui não preserva nada. Tudo está mal cuidado! Impressionante a quantidade de sacos plástico e papéis jogados no mar e na praia. Conversamos sobre isso na sala de aula e os alunos alemães, holandeses, mexicanos, franceses, montenegrino, poloneses, argentinos, e nós brasileiros analisamos a situação (em italiano) e o que poderia ser feito envolvendo as crianças e jovens para mudar esse comportamento e esse panorama de descuido. Aqui continua frio, o ar gelado do mar e a chuva diária ainda incomodam bastante. Nosso grupo de estudantes planeja uma viagem nos feriados de Páscoa para as Ilhas Eólicas: Lipari, Vulcano, Panaréa e Stromboli.” (Trecho do Diário de Viagem à Itália – 2001)

Aprender uma língua no país em que é falada é uma experiência incrível! Parece que tudo o que se estuda se usa imediatamente, e que todas as dúvidas se resolvem prontamente. As possibilidades de leitura e comunicação se abrem de um modo mágico. Já conhecíamos um pouco da língua, mas foi muito importante essa imersão para a compreensão do dia a dia dos italianos dessa região. O modo de vida, como lidam com o ambiente, as discussões com os colegas dos outros países com seus pontos de vista e relatos do modo de viver foram realmente muito ricas. O cuidado com o meio ambiente e as pessoas era tema recorrente num grupo que estava longe de seu país de origem. Eram muitas as diferenças em

qualquer aspecto de vida colocado à mesa, em foco. Culturas diferentes, as diferentes profissões do grupo, da família, dos amigos que fizemos e a forma de exercê-las e encará-las... Viver esse tempo em Reggio Calabria, mergulhada nesse cotidiano, com a família e as pessoas do entorno trouxeram percepções diferentes dos modos de fazer e sentir... da posição de cada um de nós nessas relações. Era como se estivéssemos num espaço privilegiado de relações, observações e de liberdade. Foi uma experiência totalmente diferente das outras vezes que viemos à Itália. Aprendemos muito. O encontro com pessoas de outras culturas que conosco buscavam aprender a língua e compreender o que acontecia aqui foi muito bom. Éramos nós mesmos, mas num espaço em suspensão, num cotidiano absolutamente diferente... de outros afazeres e encontros.

“Abakabar - Como vai? Bai ki Bai ki – Tudo bem. Bali é chamada “Morada dos Deuses” pela natureza privilegiada e pelo povo alegre, agradável e simples. Trabalham muito como temos observado, sempre sorrindo desejando Paz – Çanti (Shanti) Ubud é a cidade sagrada, cercada por arrozais de um verde brilhante com os panos claros esvoaçantes para espantar os pássaros. Com algumas vias mais largas com tráfego intenso tem uma rede de vielas floridas, todas as casas com os templos domésticos bem enfeitados, para proteção das famílias, logo na entrada. Estamos na Monkey Forest Road, num hotel de bagalôs num lindo jardim. A simplicidade e o bom gosto nos encantam. Todos os dias, em cada travesseiro uma flor típica de Bali – chamada em português: ipê manga, mas ali Frangipani. Depois de 28 horas de voo saímos para caminhar para desentorpecer as pernas. Mas, o barulho e a poluição que as motos e scooters geram atrapalham muito. São inúmeras as motos e vans que trabalham como táxis. Há um grande número de turistas pelas ruas, lojinhas, bares e restaurantes nesse início de noite. Jantamos as comidas típicas daqui, que a população come no dia a dia: Nasi Goreng, Mie Goreng. São pratos simples e saborosos, sendo

o primeiro com os legumes, molhos com especiarias e noodles e o segundo igual o primeiro só que ao invés dos noodles, é servido com arroz branco... Dormimos por 12 hs e no maravilhoso café da manhã me mantive fiel ao meu propósito de não tomar sucos ou frutas descascadas e picadas para não adoecer. Caminhando pelas ruas cheias de turistas chegamos ao Palácio Real, lindíssimo com flores e árvores emoldurando as rendadas construções de pedras. É uma arquitetura totalmente diferente, coberta de esculturas, numa mistura javanesa e balinesa... A paz nos jardins faz um contraste interessante com o grande número de pessoas circulando, pois a beleza, a cantoria dos pássaros, a majestade dos edifícios fazem as pessoas falarem baixo, numa atitude de reverência buscando guardar dentro de si as cores e a harmonia do momento. Caminhando pelas ruas observamos que na porta dos estabelecimentos comerciais, dos templos, dos monumentos estão colocadas cestinhas de flores em lindos arranjos. A temperatura foi subindo e a umidade também. Voltei à Ary's Books para trocar meu livrinho de frases balinesas por outro sobre a história de Bali, escrito por A.A.Gde Putra Agung, professor universitário da família real Karangasen. Super interessante e publicado com o patrocínio da Yayasan Damai Olahraga Bali uma Ong que promove o desenvolvimento dos jovens através dos esportes e tem um braço cultural: Puri Karangasen Historical Society. As ongs dão suporte aos países em desenvolvimento às questões culturais, da juventude e da infância que os governos não conseguem cuidar...Passeamos por 6 horas pelas vilas e povoações ao redor de Ubud. Podemos observar os trabalhadores nos campos de arroz, na maioria famílias: o casal e os filhos. Todos aqui plantam o arroz que comem. Esse arroz, atualmente é beneficiado em alguns lugares próprios que atendem a todos. Observamos as crianças e jovens nas escolas: todos com uniforme inclusive os professores. Os "terraços" com as plantações de arroz e café fazem a paisagem muito bonita e interessante... O arroz sempre foi cultivado em Bali. As experiências coloniais em Bali foram bem violentas, várias vezes ficou sob o domínio de Java. A influência hindu veio de Java (do mesmo arquipélago da Indonésia) Desde Marco Polo (1292) os europeus

visitavam Bali, mas os primeiros europeus a ficarem na ilha foram os holandeses que ficaram encantados com o teatro, a música, as artes plásticas, a natureza e seu povo. Mesmo sob o governo colonial os balineses continuaram a “criar beleza” e os colonizadores levavam tudo: móveis, objetos de decoração, joias, para ser vendido na Europa... Nusa Lembongan é uma das três ilhas junto de Bali e fomos para lá pensando ficar 2 dias e ficamos 9. Assim, entendemos um pouco os holandeses que se recusaram a embarcar de volta. É alguma coisa de maravilhoso e perfeito essa ilha de 8 km de extensão com as vilas, estradinhas, praias maravilhosas, um mar azul intenso, altos coqueiros, plantações, inclusive de algas e um povo muito acolhedor. Estamos num hotelzinho com 6 chalés no alto do morro, escolhemos ao acaso e estamos protegidos dos tsunamis, pois é o local mais alto da ilha para onde todos devem sempre que houver perigo. Esse hotel é propriedade de uma família e assim podemos conversar o dia todo com eles. Aprendemos muito sobre a vida aqui. C. voltou do mergulho em estado de graça: viu um ballet de cerca de 20 “mantas” que são arraias gigantes... Passeando pela ilha logo cedinho, pois o calor depois das 10hs nos obriga a ficar dentro da água, no mar ou na piscina, observamos as mulheres, jovens e idosas fazendo os cestinhos com as flores e paramos para perguntar. Uma das meninas falava um pouco de inglês e nos explicou que fazem os enfeites para completar a obra maravilhosa dos deuses e oferecer beleza a todos. Comentamos que com o calor logo murchavam as flores e ela respondeu que tudo bem: elas já criaram, alguém já viu e ficou feliz. Depois a esposa de W. o dono do hotel nos explicou sobre a “arte efêmera” – a mais significativa de todas as artes em Bali. (Diário de Viagem à Bali – 2013)

Além da beleza e da riqueza cultural em Bali o que mais aprendemos foi sobre a transitoriedade e a importância do “aqui e agora”. Há um poema de um monge budista que demonstra muito bem essa dinâmica da vida:

O vento assobia no bambu,

e o bambu dança.

Quando o vento cessa,

o bambu fica imóvel

Um pássaro prateado

voa sobre o lago outonal

Depois que o pássaro se vai,

a superfície do lago não tenta

reter a imagem do pássaro.

*“O vento chega e o bambu lhe dá as boas-vindas. O vento parte e o bambu deixa que ele vá. Enquanto o pássaro voa sobre o lago, seu reflexo é nítido. Depois que o pássaro se foi, o lago reflete as nuvens e o céu com idêntica nitidez”.*¹⁰ A tranquilidade que essa perspectiva de transitoriedade traz para a vida e a precisão das escolhas que a dimensão do “aqui e agora” possibilita é de incomensurável valor.

Viajar é também conhecer de perto e poder observar as diferenças. Pelos guias turísticos em geral podemos aprender sobre a diversidade das sociedades e dos povos, indicam o genérico selecionado sob o ponto de vista e interesses do(s) autor(res). Ir além e olhar com olhos de ver possibilita perceber as singularidades das pessoas que ali vivem, o contato com elas favorece perceber as diferenças que existem entre elas. Viajar com esse olhar é um privilégio, pois é possível perceber o sentido das coisas e da vida em cada lugar visitado, em cada encontro realizado.

10 Thich Nhat Hanh - 2001 pg.125

NOTA BIBLIOGRÁFICA

A escolha dos trechos dos diários que quiz mostrar e das obras que me ajudaram a compreender a textura do que vivi me fizeram folhear, ler, sentir, pensar, numa busca intensa e envolvente. Sobre o que tem sido as viagens: *Avena, B.M. Saberes e Conhecimentos que emergem das viagens e do turismo – Anais do Seminário e Pesquisa em Turismo do Mercosul – 9-10 de julho de 2010*; *Bottom, A. de A arte de viajar Trad. de Waldéa Barcellos Rio de Janeiro: Rocco 2003*; *Del Priore, M - Viagens, Viajantes e Turistas – public.15/07/2015*; *Michel, F. Désirs d’Ailleurs: essai d’anthropologie des voyages. Paris: Armand Colin/HER, 2000* in *Avena, B.M. Saberes e Conhecimentos que emergem das viagens e do turismo – Anais do Seminário e Pesquisa em Turismo do Mercosul – 9-10 de julho de 2010*; *Rouanet, S. P A Razão Nômade. Walter Benjamin e outros viajantes. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993*, trouxeram as diversas sonoridades, cheiros, sabores, idiomas e cores que concretizaram concepções de viagens, viajantes e turistas. As questões sobre a cultura, as diferenças, as singularidades observadas ficaram mais claras com *Deleuze, G. Diferença e repetição Trad. L.B.L.Orlandi e R.Machado Rio de Janeiro 1988*; *Bhabha, H. O local da cultura Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Glaucia Renate Gonçalves Belo Horizonte: Editora UFMG 2013 2ed.* E foi com *Thich Nhat Hanh A essência dos ensinamentos de Buda Trad. Anna Lobo Rio de Janeiro: Rocco 2001* que a sutileza do olhar, a transitoriedade, a importância de cada momento devolveram à vida e às viagens seus mais belos sentidos.

TEMPO DE CAMINHAR

Marcia Maria do Nascimento

TEMPO DE CAMINHAR

Marcia Maria do Nascimento

Eis que mais um nascer do dia se anuncia. A frente, o sol desponta no horizonte, tímido e intenso. Este te desperta com a luminosidade que impede que continues a dormir (mesmo que assim o queiras).

Olhas ao redor e lembras que não estás no aconchego do lar, nem no conforto de seu quarto.

No horizonte o caminho se faz longo. E pelo raiar do dia, este será de muito sol e calor. Levantas, espreguiça-se e seu coração mais uma vez palpita motivado pela incerteza dos próximos passos e as surpresas que virão. Respiras fundo, penduras sua mochila e te pões à caminhar...

A sua volta desenha-se paisagens hostis, inóspitas, amedrontadoras.

Dentro de ti uma vontade crescente de correr, voltar e encontrar novamente o conforto do lar, a certeza do aconchego, a segurança de percorrer por caminhos já conhecidos. Mas ao mesmo tempo algo começa a crescer te impulsionando a ir além, a superar o que temes e encontrar o que te puseste a buscar.

A estrada por ora composta de pedras e pedregulhos obriga-te a observar por onde pisas e a caminhar mais lentamente.

O conflito entre o que desejas e o que tens de meta permeiam seus pensamentos neste caminhar.

Até que chegas a um povoado onde tudo parece perfeitamente igual.

As casas, os arvoredos, as ruas, as praças e... algumas pessoas?

Constatas aterrorantemente que todas as pessoas são idênticas!!!!!!!

Começas a refletir como vivem, o que fazem, como não se confundem uns com os outros.... Imaginas como é a organização desta sociedade instalada em tal lugarejo. Sentas embaixo de uma árvore, retiras da mochila uma garrafa d'água e se põe a observar...

Eles por si só, nem ao menos demonstram perceber sua presença. Estás como que um ser invisível, mais uma vez.... Ninguém sai de sua rotina nem tampouco desvia o olhar para você.

Distinguem-se por nomes em perfeita ordem numérica.

- Bom dia cinco!!!
- Bom dia, dez!!! Como está a quinze?!
- Ah, está bem obrigado!!!

Demonstram amabilidade, respeito e cortesia uns com os outros. Movimentam-se tranquilamente encaminhando-se aos seus afazeres. E pelo que é possível observar são diversos. Alguns encaminham-se aos campos que se pode avistar ao longe, outros entram em ambientes que parecem com serviços e comércios e aos poucos o povoado acorda.

Adentras pelas ruas onde há diversas placas:



Entras em um estabelecimento em busca de um chocolate e és tratado com a mesma cortesia e amabilidade vista antes no diálogo que presenciara. Ninguém demonstra estranhar sua presença. Pelo contrário, sente-se tão acolhido que aos poucos deixas de perceber o quanto de semelhanças existem entre todos. Começas a identificar os sorrisos, tom das vozes, maneira de se portar, forma como conversam.

Eles riem o tempo todo e concordam com tudo, chegam a até completar as frases uns dos outros e isto é mais motivo de muita risada.

Terminas o chocolate, pagas e partes para dar continuidade ao caminho que te levará ao que tanto almejas.

Ao sair é possível ler:



Chegas a estrada mais uma vez. Agora os pensamentos que permeiam seus passos são alegres e até te fazem rir, “lembranças como estas”, pensas, “devo guardar e fazer uso sempre que estiver desanimando”

O sol já saiu da linha do horizonte e a cada minuto vai se posicionando mais e mais no alto do céu que é de um azul incomparável, límpido e claro.

Apreciando este céu que tanto te encanta percebes ao longe a sombra de alguém que se aproxima. Devido a luminosidade não consegues ainda definir o que vês. Aos poucos torna-se nítido a silhueta de uma pessoa esguia, elegante, de meia idade, trazendo a mão uma pequena bolsa (que parecia não servir para guardar muita coisa), passos firmes, confiantes. Mas um semblante cansado, fechado, altivo e um olhar que te examinou de cima a baixo e manteve-se na altura do horizonte. Você sorri meio sem graça, cumprimenta “Bom dia”, mas este apenas faz um aceno com a cabeça. Ficas inibido em perguntar se aquele caminho do qual este retorna, te levará ao seu destino. Hesitas em perguntar, olhas para trás. É tarde! O que vês é apenas a silhueta que mais uma vez torna-se ofuscada pela luz do sol e some pelo mesmo trajeto que outrora fizeste.

Desta vez, muitos de pensamentos permeiam seu caminhar, o sorriso que a pouco trazias na face se foi. De testa franzida, semblante preocupado, caminhas questionando o que os seus olhos viram. E levantas várias hipóteses sobre esta visão:

“Será que ele buscava o mesmo que você?

Será que encontrou e já volta?

Será que sempre foi assim?

A pequenez de sua bolsa reflete que já não precisa carregar uma bagagem tão grande quanto a que carregas?

Será que deves continuar?

Não. Não é possível que este tenha a posse do que você tanto

almeja...

Não, não é possível que tendo posse disto não seja feliz. Não é assim que pensas em estar quando encontrar o objeto de seu desejo. Aquele que o faz caminhar a dias, em locais imprevisíveis, (coisa que te apavora imensamente).

Não, não será possível que a conquista de tal, transforme um ser.

Ou será?

Não!!!”

Você chega à conclusão que aquele semblante e altivez é de quem não conseguiu encontrar o que tanto almejava. “Ah, sim!! Isso, sim!!!” Só isso deixaria alguém naquele estado.

A estrada torna-se espaçosa e já é possível observar carros passando na transversal e lhe vem uma grande dúvida: que lado seguir?! Olhas a placa e te surpreendes:



Para, lê e rele, achas que ficaras ali o resto do dia para decidir-se por onde caminhar. Até que em meio aos pensamentos ouves uma voz que não é a sua. Olhas ao lado e percebes que um carro parou e lhe oferece carona. Neste instante seu coração acelera!! Não sabes onde vais, como aceitaria ?! Gentilmente aquele senhor sorri e diz:

“Jamais interprete, experimente!!!” (Deleuze)

Então algo acalenta sua indecisão e alegremente embarcas na certeza de estar mais perto de chegar...

O trajeto é curto e tranquilo. Aquele senhor calvo, baixo, sorridente, de grandes olhos expressivos te observa com uma sabedoria que chega a te incomodar. Conta histórias que parecem escritas para você. Fala dos lugares onde esteve. Das pessoas que conheceu. Do quanto aprendeu ao caminhar e sobretudo ao arriscar. Contou histórias de sucesso e de derrota. E de como todas elas foram importantes para escrever sua existência. Falou sobre o quão importante e inestimável é o tesouro que tem dentro de si e o quanto é transitório aquilo que realmente importa.

Você acompanha cada palavra, se deleita e sorri com cada história. Fica feliz em poder caminhar. Pensa que se um dia puder contar tantas histórias de valor inestimável para alguém, já terá valido esta caminhada.

A paisagem agora é colorida e saudosa. Parece permear todos os caminhos deste senhor. O cair da tarde deixa o céu com um colorido deslumbrante encostado no verde da relva no horizonte. Após uma saborosa refeição despede-se com a certeza de que não voltarás a vê-lo. Mas agradecido por este encontro. Guardas na lembrança suas palavras e suas vivências, o sentimento que fica é de um carinho inexplicável e de lições eternas.

Neste momento estás feliz por ter aceitado a carona. Podes repousar para iniciar a caminhada ao raiar do dia. O tempo passa e precisas chegar antes que este se esgote.

Acordas com o som de uma revoada de pássaros e um sentimento de felicidade é desfrutado enquanto os observa.

Retiras da mochila seu caderno de anotações e realizas um registro sobre o trajeto do dia anterior como vem fazendo desde que deixaste o lar. Pensas em fazer um mapa para que quando quiseses voltar possa consultá-lo e abreviar o tempo de deslocamento. Lembras da frase daquele senhor “Jamais interprete, experimente”. Esse não é você, mas na última tarde foi assim que viveste e foi muito prazeroso.

Levantas, sente que sua mochila está mais pesada do que tens lembrança e partes. A manhã ainda traz uma brisa gelada, a caminhada ajudará a esquentar. Caminhas saboreando uma maçã que trazia na mochila e lembras de sua mãe, que com tanto carinho a preparou, para lhe ajudar a enfrentar esta jornada. Sua benção e a certeza de que chegarás, te dão novo ânimo.

Olhas o relógio e o mesmo mostra que o tempo está se esgotando. Ao longe vislumbra a estrada entrecortada por tantas outras. Começas a questionar se estás mesmo no caminho certo. Muitas pessoas estão nas transversais e sua certeza já não é mais a mesma. Esperas que em breve haja alguma placa que sinalize. Buscas o roteiro em sua mochila e não há tantas vias assim como vês. Começas a preocupar-se.

Sentes as costas a pesar, a incerteza a perturbar, pensas que deverias voltar...

Até que ouve passos atrás de você que aos poucos se aproximam e gentilmente cumprimenta. “Olá! ”. É uma senhora gentil, de aparência frágil. Esta tem passos lentos, mas firmes, não carrega nada consigo, passa apressada como quem tem algo a fazer. Transmite alegria e paz, segue em frente e logo se afasta entrando em uma rua transversal.

Segues seu caminho que agora começa a ser perpassado por tantos outros. Torna-se inevitável o encontro com várias pessoas. Variadas eram também suas características. Homens, mulheres, jovens, idosos, com semblantes alegres, tristes, preocupados. Ora carregados de muitas bagagens, ora despidos de qualquer coisa que se denomine bagagem.

Placas ainda não se viam, mas tinhas a certeza de que era necessário caminhar e que o tempo neste momento era seu grande rival.

Paraste em uma vila e esta desenhava-se próxima a uma placa que dizia:



Buscavas alimentar-se e descansar um pouco, não deste importância ao enunciado da placa. Hoje o dia tinha sido cansativo, não tiveste tempo de apreciar a paisagem nem ao menos refletir sobre a conquista que estavas prestes a fazer. Procuravas não pensar em casa, a saudade era grande e a vontade de voltar ficava latente. Fostes

atrapalhado pelo caminhar de muitos que vinham de regiões as quais não estavam assinaladas em seus mapas e roteiros de viagem. De onde teriam surgido?

Encontras um estabelecimento simples, aconchegante o qual exala um aroma de dar água na boca. Solicitas o almoço e ficas a observar a estrada que se desenha a direita e a esquerda do mesmo. Neste momento havia um contingente de pessoas a caminhar para todos os lados. Para onde será que aqueles caminhos os levariam?! Tinhas que manter o foco estavas perto, não podias se distrair.

És despertado de seus pensamentos por uma linda garotinha de olhos negros, ternos e sorriso fácil, que muito atenciosa lhe pergunta:

- Oi, qual é o seu nome?!
- Sou "Eu mesmo" e você?!
- Sou "Infância", tudo bem? Pareces cansado, onde vais?!
- Vou em busca de conhecimento, é uma caminhada longa e árdua, mas pelos meus cálculos já estou perto.
- Ah!! Para que você precisa disso? É importante?
- Sim preciso para adquirir sabedoria, é minha meta.
- E para que serve sabedoria?
- Para que eu cresça como pessoa e como profissional. Quero que minha família se orgulhe de mim!!!
- Humm acho que nunca vou precisar disso, pois minha família já tem muito orgulho de mim! Conheço muitas coisas, continuo crescendo e cada dia parece que sei mais. Mamãe sempre diz que eu aprendo muito rápido, tem coisas que ela nem me ensinou.

Olhas para esta criança inocente e sorris também. Pensas no quanto é bom não ter excesso de compromissos, prazos apertados, tarefas preestabelecidas a realizar.

Recordas de como foi feliz sua infância, conversavas com as árvores, plantas, pássaros, brincavas com os amigos sem pensar no relógio, divertia-se na escola. O tempo passou, você cresceu, com isso a escola trouxe muitas responsabilidades, os professores cobravam respostas corretas, tinhas que estudar muito. O tempo da alegria solta, da ausência de relógio ou regras na brincadeira do faz de conta acabou e você teve que seguir os roteiros de estudo, as rotinas de horários e aos poucos o faz de conta não era mais parte de seus dias.

Não tens tempo. Gostarias de fazer tantas coisas que te trazem prazer, mas a prioridade são as obrigações! Responder positivamente ao que se espera de você!

Aquela garotinha te observa atentamente até que uma borboleta adentra ao ambiente e esta sai correndo atrás dela sorrindo e cantando.

Seu almoço chega, comes. Pensas no trajeto que ainda há para percorrer, olhas o relógio e partes sem muita demora.

Observas os dois lados distinto do estabelecimento, pessoas indo e vindo e decides continuar no mesmo caminho que a pouco percorrias. Tens a impressão de que algumas transversais surgiram e outras não existem mais. É, deves ter comido demais!!!

O sol que esteve tímido durante todo este dia começa a esconder-se atrás das nuvens e à medida que caminhas o trajeto torna-se mais solitário e silencioso...

Sua mochila parece mais pesada a cada passo, precisas chegar a seu destino antes que a noite caia...

Então vêes que o local é maior do que pudera imaginar, parece uma cidade rodeada de arvoredos, flores e pessoas tranquilas circulando por todos os lados. Enfim chegastes!!!

A caminhada está finalizada, descansarás hoje e no dia seguinte começarás a juntar tudo o que puderes registar, pensamentos, métodos, as falas dos grandes mestres, para que possas usar quando retornares. Será ótimo, terás teorias e métodos adequados para segui-las, poderás ensinar aos outros, transmitirás o que aqui vieste adquirir CONHECIMENTO!!! Seus amigos esperam ansiosos por ter acesso a este, para que também possam fazer uso de forma correta.

Mal o primeiro raiar do dia surge já estas de pé com sua mochila e seu caderno registrando os últimos acontecimentos e se preparando para tudo o que ainda vem.

A sala principal a qual se dirige é cheia de livros do teto ao chão. São vários autores, temas, segmentos. Uau!!! Por onde começarás?!

Mais uma vez buscas suas anotações e focas no que é de maior interesse seu. Apesar de existirem inúmeros livros os quais gostaria de ler, tens que focar nos que te trarão mais conhecimento para a sua formação!

Percebes que as pessoas que ali tem acesso, pegam um ou outro livro caminham displicentes pelos entornos, recostam-se nas árvores e leem despreziosamente. Não imaginas porque eles não anotam, é um desperdício ou são muito bons de memória para guardar tanto conhecimento.

Os dias vão se passando e você freneticamente participa de tudo o que pode, já ouviu a fala de grandes mestres. E continua anotando, registrando, guardando, acumulando tudo o que pode em sua mochila que já está super-pesada.

Até que és indagado por um dos mestres:

- O que carregas nesta mochila que aparenta tanto peso?
- Tudo o que posso! Não posso perder nada do que aqui conseguir acumular, me será de grande valia.

O mestre olha em silêncio e o indaga:

- Já estás aqui a algum tempo e continuas acumulando, montando um acervo pessoal... afinal o que vieste buscar?
- Vim buscar o conhecimento que sempre sonhei ter.

E o mestre o convida a reflexão:

- Às vezes nosso pensamento fica pautado em buscar constantemente aquilo que achamos não saber, buscar respostas prontas, métodos, formas de relacionar tudo o que achamos necessário. Mas o que realmente é necessário? Quem define o que é necessário? Qual a relevância de sua busca?

Neste momento você fica desconcertado, sem palavras. Demoras um pouco refletindo as palavras do mestre. Este lhe entrega o nome de dois autores Gilles Deleuze e Homi K. Bhabha e lhe diz:

- Busque estes autores e se sentir necessidade pode me procurar, mas se não me procurar em breve conversaremos outra vez.

Desta vez você parte em busca da literatura indicada e começa a ler, assistir vídeos e buscar por pessoas que abordem estes autores.

De repente, enquanto caminhas reconheces um rapaz, que ao longe lê recostado no tronco de uma árvore. Ele já não parece tão igual como os outros a quem conheceste. Aproxima-te e timidamente o cumprimenta:

- Oi, tudo bem?!

Ele por sua vez com um sorriso largo responde:

- Oi!! Tudo legal!!! Deixa eu adivinhar...em sua caminhada passaste pelo vilarejo de onde sou originário?! Não se acanhe isso sempre acontece!!!

Você meio sem graça sorri e lhe confirma com um aceno, e os dois caem em uma gargalhada!!!

Ele se apresenta e diz que seu nome, ou melhor, o nome que usa agora é Dado. E explica:

- Como diz, Deleuze: "A diferença não é o diverso. O diverso é dado. Mas a diferença é aquilo pelo qual o dado é dado. É aquilo pelo qual o dado é dado como diverso". Levei um bom tempo para entender esta frase, mas quando a entendi me renomeei "Dado".

Você fica maravilhado com a citação e vocês dois conversam durante horas. Ficas sabendo que Dado não se conformava com o modo de vida de seu povo não compreendia como podiam ser tão felizes seguindo tantas regras, sem que ninguém questionasse nada. Ele não sabe até hoje quem incutiu este modo de vida em seu lugarejo, mas não suportava viver em um lugar onde não poderia haver divergência de opiniões, possibilidades de realizar coisas diferentes. Estava cansado dos padrões alienantes. Achava muito difícil viver assim, tendo que ser sempre igual e formatado em um modelo preestabelecido de felicidade. E quando chegou à conclusão que não era feliz, partiu!

Você reflete enquanto ouve esta história e pensa que não tinha visto isso e se questiona como saiu de lá tão feliz e não incomodado. Será que você também não tem vivido sob regras homogeneizantes?

É então que começa um novo caminho nos seus dias, a leitura te faz refletir diariamente, junto de Dado conheces muitas pessoas

interessantes e começa a entender situações cotidianas de modo diferente.

Recorda-se de todos que passaram por você no caminho. Lembra do senhor que lhe deu carona e da criança infância.

Começas a entender porque as estradas pareciam ir e vir, sumir e reaparecer. Tudo estava relacionado com as escolhas que cada um faz no seu cotidiano.

Aos seus olhos parecia que se descortinava uma nova realidade. Que se tornava mais intensa a cada dia, conversa e abertura ao outro.

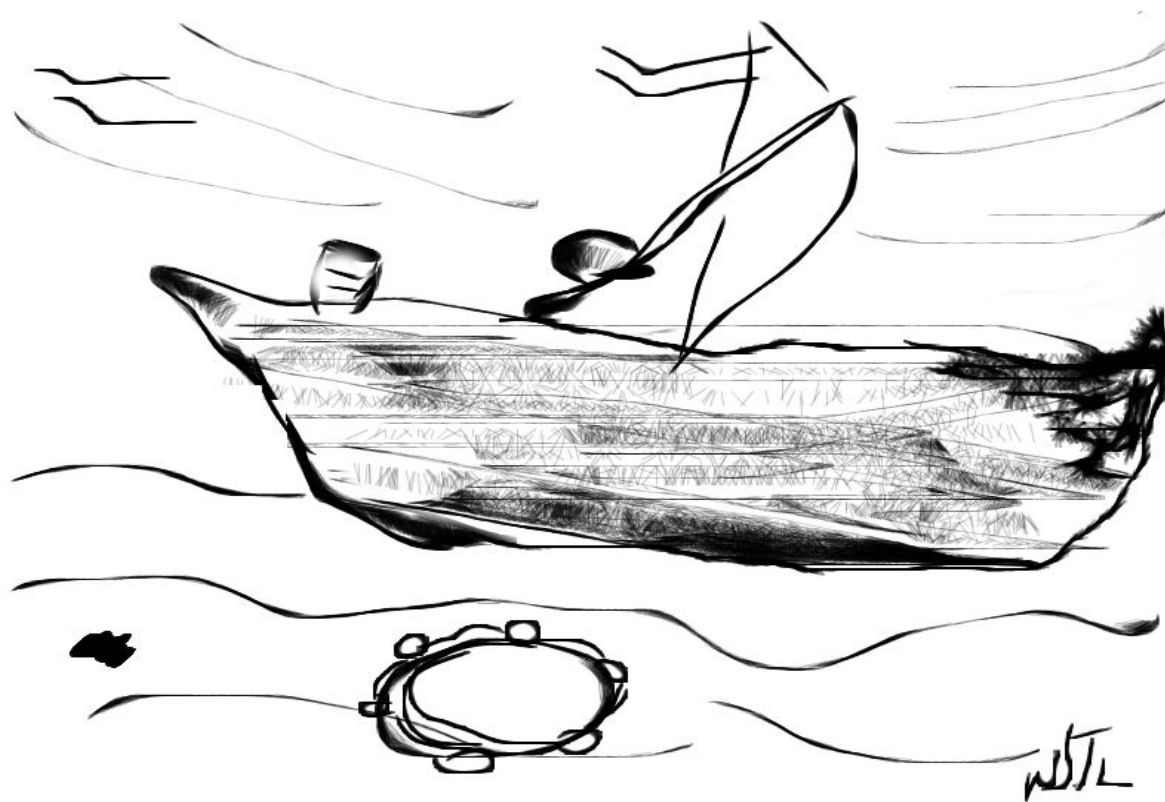
Com o passar do tempo sente-se mais seguro, já não andas com a mochila para todos os lados e começa a também colocar suas opiniões e reflexões nos grupos os quais vem participando, de certo modo ouvindo. Chegas a conclusão que agora encontre o que vieste procurar.

Procuras o mestre e este ao te ver sorri.

- Percebo que algo mudou, vejo em você que entendeu a iminência! Você percebeu que vivemos em um mundo onde estamos lado a lado, mas não dentro de limites preestabelecidos. Como disse Bhabha em entrevista quando esteve na Bienal, 2012 aqui no Brasil "Temos a experiência vivida do passado e é por isso que conseguimos entender que esta é uma outra estrada, outra rota, outro ângulo, outra tangente". Fico feliz que tenha encontrado o que tanto buscas. Agora é hora de ser feliz, sem regras, receitas, roteiros. Despindo-se do que se sabe e vivendo o acontecimento de maneira dinâmica no seu cotidiano. Isso traz leveza e liberdade. Continue questionando, problematizando e não esqueça que tudo que se junta é peso.

Você sorri um riso aberto e responde:

- Aprendi com você o que você nem sonhava em me ensinar!



ODE À CAPOEIRA:
"ALÉM" MAR, ENTRE MUNDOS E TAMBORES

Norma Silvia Trindade de Lima

Outrora, não passava por minha cabeça, a possibilidade, e nem desejo (?) de capoeirar. Mulher, sem porte atlético, tímida, praticar uma modalidade corporal de tamanho desafio... basicamente, praticada por homens ágeis, fortes, "sarados". Esse era o meu imaginário, povoado por enunciados fixados, àquela época, última década do século passado.

Na ocasião, a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira ainda não tinham sido reconhecidos como bens culturais. A capoeira ainda não tinha o "título" de patrimônio cultural imaterial brasileiro, muito menos o reconhecimento de patrimônio da humanidade, e o valor atribuído à ela, era bem outro, o "outro" negativado.

Cresci em um grande centro ("metrópole").

Outra-ora, recém-chegada a uma cidade do interior de São Paulo e egressa de uma terapia de base político-anarquista, chamado Somaterapia, criado por Roberto Freire, surgiu um mote: continuar um processo pessoal, terapêutico, de "resistência". Este autor em seu livro "Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu", reconhecia que a capoeira teria um potencial libertário passível de dar continuidade ao processo terapêutico proposto pela "Soma", fomentando autogestão e questionamento frente a mecanismos/dispositivos opressores e alienantes da sociedade capitalista. E, assim, sem (outra) pretensão, iniciei a capoeira, já há bons anos atrás...

Tomei coragem, apesar de todos os medos e vergonha, sentimento muito comum em iniciantes. Inspirada em uma demanda estritamente pessoal, comecei, então, a aprender e a me encantar frente ao complexo universo artístico e cultural da capoeira.

Era um grupo de pessoas com experiências de vida bem heterogêneas e distantes da minha formação e recursos materiais e culturais.

Como "Alice, quando caiu no buraco", na obra de Lewis Carrol, dei-me a conhecer espaços, pessoas e manifestações que ocorriam na "periferia" e seus tesouros.

Eventos de capoeira apresentavam maculelê, puxada de rede, sambas de roda, rodas de samba... muita ginga e axé, e eu lá...

Tantas facetas e expressões culturais implicadas com o que de início eu achava que seria uma prática corporal de homens fortes, valentes e suados. A relação

centro-periferia obviamente estava posta, questionada.

Então, penso no que Bhabha (2013, p.25) chama de fronteira, "o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente..."

Naquela altura, transitava em universos paralelos: família, capoeira, universidade e instituições para pessoas com transtornos e/ou deficiência. Em cada um dos lugares, sentia-me estrangeira, no sentido de não pertencer inteiramente ou verdadeiramente àqueles contextos. Sentia-os como partes. Identidades, cenários, critérios, linguagens e códigos distintos com seus modos de tradução e/ou agenciamentos coletivos de enunciação, próprios de cada trama, compunham um caleidoscópio. Os modos de dizer capturam a experiência sobre os pertencimentos e as identidades criam papéis-personagens conforme o trânsito naqueles territórios, tempos e espaços.

Em minha memória de escola, paralelas são retas que nunca se encontram. No meu caso, a despeito das retas, acho que eram curvas, pois, a noção de paralelo foi refutada. Os universos acabaram se cruzando... e se atravessando, virando outro e eu, outra (s)...

Muito embora (já) se discuta o esgotamento de referências epistemológicas eurocêntricas, típicas de um processo de colonização cultural, estético e político, tais referências ainda encontram-se entranhadas/subjetivada em muitos de nós.

Ao ler a obra de Fanon - Peles negras, máscaras brancas, entendi que a colonização não somente implica em subordinação material, mas sobretudo, oferece meios, modos, agenciamentos socialmente gerados de ver e dizer sobre o mundo em que vivemos. Os significados, os enunciados são forjados para atribuir sentidos compartilhados para nos comunicar. A língua e seus usos discriminam, de maneira positiva, negativa ou até mesmo negando, ignorando processos perversos de exclusão/discriminação, como por exemplo, o racismo. Conforme o autor mencionado, racismo e colonialismo são modos forjados socialmente, que contam com o papel privilegiado da linguagem. E, formam sujeitos em seus modos de ver, sentir, dizer e estar no mundo. A linguagem tem uma importância fundamental nos processos de subordinação nomeada por vários autores, inclusive por Fanon, como colonização epistemológica. As narrativas e práticas discursivas não são ingênuas, nem neutras.

No imaginário do capoeira¹ soa a ladainha muito conhecida: [Uma vez perguntei a seu Pastinha...](#)

[...] O que é a capoeira?

E ele, velho Mestre respeitado,
Ficou um tempo calado,
Revirando a sua alma
Depois respondeu com calma,
Em forma de ladainha.

A capoeira

*É um jogo, é um brinquedo,
É se respeitar o medo,
É dosar bem a coragem
É uma luta,
É manha de mandingueiro,
É o vento no veleiro,
Um lamento na senzala*

*É um corpo arrepiado,
É um berimbau bem tocado,
Um riso de menininho
A capoeira
É o vôo de um passarinho,
O bote da cobra coral...
Sentir na boca
Todo o gosto do perigo,
É sorrir para o inimigo
E apertar a sua mão
É o grito de Zumbi
Ecoando no quilombo,
É se levantar do tombo
Antes de tocar no chão
É o ódio,
É a esperança que nasce,
Um tapa sutil (explodiu) na face
Que foi arder no coração
Enfim,
É aceitar o desafio
Com vontade de lutar
A capoeira
É um pequeno barquinho
Solto nas ondas do mar
lee.. (Canta Mestre Toni Vargas, os grifos são meus)*

1 Optei por mencionar no curso do texto a palavra capoeira em dois sentidos: tanto para se referir a quem a pratica, nesse caso o capoeira (ao invés de capoeirista), como a capoeira propriamente dita, arte/patrimônio cultural imaterial. Destaco que, quanto ao uso do artigo o/a, a questão de gênero não está contemplada no escopo da reflexão.

"... a capoeira é um jogo, é um brinquedo, é se respeitar o medo, e dosar bem a coragem..."

Decerto, a capoeira é um jogo. O medo sempre à espreita. É preciso coragem!

Em meu caso, passou-se quase trinta anos de vida para que eu começasse a gingar.

A ginga é o corpo em diálogo entre os capoeiras, quando jogam em uma roda de capoeira. Ela, a ginga, expressão construída de modo estritamente pessoal em cada um, é o molejo básico do jogo/corpo, de onde partem e voltam os movimentos, entre ataque e defesa, floreio e vadiação.

A vadiação tornou-se um código, uma proposta, uma filosofia do jogo da capoeira. Vadiar, malandrear, mandigar na roda de capoeira é uma atitude frente ao jogo, um convite à efetuação de um ritual de encontro, alegria, liberdade, afirmação.

Para tanto, se aprende a gingar, primeiro movimento/linguagem corporal necessária a quem se interessa pela arte. Entretanto, gingar não é vadiar necessariamente...

Aprender a gingar... pois, da ginga tudo parte, devém.

A ginga no contexto de aprendizagem – construção/criação singular do capoeira - é uma experiência e tanto. Permite uma percepção de si inusitada e desafiadora, ao demandar exploração e invenção do corpo de outros modos, e nesse caso, um modo próprio em busca de uma linguagem "de si", pontual. O capoeira quando ginga, coloca em movimento uma complexidade desconhecida/não sentida até então, que por sua vez se reinventa a cada repetição.

Os movimentos de capoeira no corpo de cada pessoa se recriam a cada momento, a cada jogo, conforme as circunstâncias específicas: afetos e desafetos, parceiros de

jogo, musicalidade, energia da roda, local... Enfim, muitas singularidades atravessam e compõem aquele momento preciso – o jogo de capoeira e cada capoeira.

O jogo de capoeira é uma composição coletiva pautada na experiência sensível, envolve, pois, a presença e a participação fundamental dos sentidos que se afetam e se recriam, influenciando na estética do jogo e nos capoeiras. O jogo não é apenas uma performance individual, técnica e racional de uma dupla de capoeiras. É mais, bem mais ...

Jogar capoeira é uma experiência criadora e (pode ser) emancipadora.

As noções de diferença e repetição deleuziana são muito oportunas para se pensar ou se comunicar a experiência sentida pelo capoeira, na capoeira, como criação e possibilidade de emancipação que se efetua a partir da repetição (DELEUZE, 2009). O capoeira se faz diferente, na diferença que se repete infinitamente em cada jogo, em cada treino.

A diferença, na perspectiva de Deleuze, como a entendo e me aproprio, tem a ver com uma condição de diferenciação multiplicativa em cada um de nós. Repetição, no caso, não é reprodução, mas nova-mente, de-novo. Tal condição, de diferir, de-novo, nova-mente, incessantemente, nos torna diferentes num processo de diferenciação que se multiplica. Para os amantes da capoeira, isso é muito presente quando se treina, quando se joga capoeira. Repetição na capoeira e em Deleuze não é reprodução. Treinar capoeira envolve repetição de movimentos e jogos, em busca de uma “perfeição”, uma ideia. Como esculpir uma argila in natura que não se fixa, não endurece, repetimos um movimento infinitamente num treino ou num jogo. Trata-se de um desejo de superação de si mesmo, um aperfeiçoamento pessoal. Não envolve cópia de um modelo original. Ainda que se tome alguém como referencia,

em geral algum mestre ou aquele que disponibiliza os saberes e rituais, não significa que há um modelo a ser copiado, mas um uma inspiração, um mote, um ponto de partida. Ao se jogar, coloca-se em movimento uma relação presente, contingente e insurgente a partir de vários fatores: os parceiros que jogam e todo entorno que participa emoldurando a cena, os outros capoeiras, a musicalidade, o clima, a energia - o axé. Posto que, o movimento e/ou golpe/jogo de capoeira é fluxo, cada um os efetua de um modo, com um estilo, desenvolvendo uma estética própria, que se recria a cada repetição. Portanto, nesse caso, não existe o "original", o certo a perseguir, mas um desejo de jogar capoeira com "eficiência", na perspectiva do diálogo do jogo que se estabelece entre os capoeiras. Não havendo modelo genuíno e cópia, somos livres para criar no jogo. O "de novo", o nova-mente comporta uma imprevisibilidade, não passível de controle ou reprodução. Por isso, treinamos muito para criar uma linguagem, uma potência própria que se efetua, se atualiza quando posta em jogo no jogo da/o capoeira. Esta potência não é progressiva ou cumulativa, ela é atualizada pela e na repetição. O estilo e a estética do/da capoeira é rizomática e virtual. Isto é, a partir do momento que o capoeira começa a jogar, o jogo adquire certa independência, criando um curso próprio, naquele momento, como uma composição dos múltiplos elementos presentes. Semelhante a uma sinfonia tocada por uma orquestra. O jogo é uma criação inédita, coletiva e múltipla. Ele não se reproduz. De-novo, buscamos superar o antes, por isso repetimos infinitas vezes movimentos, golpes, gingas, sempre outras, recriadas como fluxos que não controlamos, muito menos prevemos. Apenas, um desejo em curso – jogar capoeira, "de-novo", novamente, infinitamente, diferença que se faz na repetição. A diferença se fazendo na repetição do jogo. E, a capoeira pode ser emancipadora porque a cada vez que se joga, o capoeira pode se perceber diferente, reiventando modos, estilos ou estéticas de si em resposta às demandas do jogo.

A experiência com a capoeira me permite, também, pensar a cultura na esfera do “além”, conforme discute Bhabha (2013, p.19): “o “além” não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado... [...], momento de transito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade”.

A capoeira como um movimento de resistência, num tempo e espaço cruzado - experiências e referências distintas de povos africanos expatriados e violados, produziu “figuras complexas de diferença e identidade”: os capoeiras.

A capoeira nasce no Brasil colonial e escravocrata, como um movimento insurgente, gestado na ancestralidade africana, por diferentes etnias e referências culturais de africanos escravizados e despatriados pela Metrópole eurocêntrica e imperialista.

Na perspectiva do “além” de Bhabha, entendo a capoeira como transmutação, posto que o seu nascedouro germinou-se na desterritorialização de referências culturais distintas lançadas à revelia ao mar, como, canta a ladainha:

**[...] A capoeira
[...] é o vento no veleiro,
Um lamento na senzala[...]**

**É o ódio,
É a esperança que nasce,
Um tapa sutil (explodiu) na face
Que foi arder no coração**

**Enfim,
É aceitar o desafio
Com vontade de lutar**

**A capoeira
É um pequeno barquinho
Solto nas ondas do mar**

Em trânsito, num tempo e espaço estranho, longe -de casa-, lançados em um caldeirão étnico, estético, ancestral, e cultural plural, tribos diferentes se encontram e atravessam o -mar-, a despeito de desafetos entre eles, açoitados pelo chicote do feitor.

Nesses limites e fronteiras impostas, ecoaram vozes dissonantes e protagonistas de uma cultura a vingar - a capoeira, com intensidade e riqueza da diáspora negra e ancestralidade africana.

A insurgência de movimentos de resistência e o reconhecimento de culturas e sujeitos de direitos anteriormente ocultados e subalternizados, como a capoeira, urge superar narrativas e/ou mitos fundacionais, essencialistas e originários que inspirem processos de subjetivação fixados em uma ideia de tradição.

Interstícios? Entre-lugar?

A capoeira como um "entre-lugar", um lugar de fronteira, um interstício?

"Estar no além, portanto, é habitar um espaço intermédio, [...]. Mas, residir -no além- é ainda, [...] ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunalidade humana, histórica; tocar o futuro em seu lado de cá". (BHABHA, 2013, p.28)

A capoeira, como arte, pensada como um "entre-lugar", dimensiona a perspectiva da cultura como "além" . Posto que,

"O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com -o novo- que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado, refigurando-o como um -entre-lugar- contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O -passado-presente- torna-se parte de uma necessidade, e não da nostalgia, de viver". (BHABHA, 2013, p.29)

Essa discussão me parece relevante quando se trata de práticas culturais e artísticas, como a capoeira, outrora não apenas subalternizada, mas criminalizada no Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil, em 1890, como canta [Mestre Toni Vargas, em sua ladainha -Dona Isabel](#) -. Ele começa citando:

Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil

Decreto número 847, de 11 de outubro de 1890
Capítulo XIII -- Dos vadios e capoeiras
Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal;

Pena de prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o **capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se imporá a pena em dobro.**

(Os grifos são meus; mídia/álbum completo -Liberdade-, composição/ ladainha -Dona Isabel- de Mestre Toni Vargas)

De fato, “a significação mais ampla da condição pós-moderna reside na consciência de que os “limites” epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissonantes, até dissidentes ...” (BHABHA, 2013, p.24).

Pois, a capoeira, dado o reconhecimento da Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira como bens culturais de natureza imaterial, tornou-se um patrimônio cultural não apenas do Brasil (IPHAN, 2008), mas da humanidade (UNESCO, 2014).

Acesso ao vídeo:

[*Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil*](#)

[...] pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes. Os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a ginga, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade de nossa gente. O intangível, o imaterial. (GIL, 2008²)

Vale comentar que a noção de patrimônio cultural imaterial é diferente de patrimônio material. Imaterial tem a ver com práticas e saberes em movimento, que se atualizam e se fazem pertinentes para um dado grupo social, num contexto histórico referendado. Não se trata de uma obra acabada, assim, como o fato de ser patrimônio, não implica em fixação, como comumente se concebe. Muito pelo contrário, as práticas culturais, ainda que celebrem e reverenciem suas ancestralidades e tradições, se atualizam no tempo e espaço, e com as novas gerações. Elas se recriam para sobreviver, inclusive para continuarem a serem patrimônios imateriais - diferença na repetição. O patrimônio imaterial é um território intersticial propriamente dito, por permitir recriar a própria cultura; é um "entre-lugar" como um dispositivo cultural que efetua o "além". Assim, o termo imaterial implica em dinamismo criativo e atualizado pelas comunidades que são referências para as práticas culturais, e vice-versa, reconhecidas como patrimônio imaterial. Como é o caso da capoeira.

Então, novamente, penso no que Bhabha (2013, p.25) chama de fronteira, "o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente..."

A capoeira como um jogo, um brinquedo, aventura, memória, partilha, mandinga, amizade, partida e chegada, ao som do atabaque, berimbau e pandeiro, se faz diferença na repetição. O capoeira se faz diferente quando participa de uma

2 Texto escrito por Gilberto Gil na ocasião em que foi Ministro da Cultura, em folheto de divulgação do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional - IPHAN sobre Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, 2008.

roda de capoeira.

A capoeira é um território fértil para o novo, para a criação. Um “entre lugar” quando a capoeira se faz arte e cultura. Na experiência do sensível, muitas emoções e sentimentos são evocados e exalados.

Nós, capoeiras, jogamos, brincamos, lutamos, dançamos, sentindo vibrações que se expressam em forma de corpo, de jogo, de luta, cultura e alegria. Magia? Experiência intersticial?

“... o/a capoeira é voo de passarinho, um barco, um barquinho solto nas ondas do mar...”

Hoje, soltos e livres navegando nas ondas do mar, esse imenso mar que é a vida, barco e mar, capoeira e vida, o balanço nos embala em alto mar.

Vivemos, jogamos, criamos, brincamos, e nos refazemos ao som do berimbau.

Não somos um, somos muitos, singularidades que nos atravessam, e nos multiplica. Cada um em um tempo, a seu tempo, tanto em verso, como em prosa.

Múltiplos caminhos, encontros e desencontros, o destino, o acaso ou a história nos uniu! Vamos tecendo uma memória, partilhada e recriada por cada um de nós, a seu modo, com sua versão... e seu canto, em sua ginga a jogar. Criamos sentidos que se multiplicam a cada encontro, a cada jogo, a cada sorriso..., em cada festa, em cada gole e em cada golpe. Um sentimento de pertencimento vai se formando e ocupando nossos corações, que se reconhecem como capoeira. Uma fraternidade que em cada jogo, em cada abraço se renova e se recria o amor entre nós e pela capoeira; nesse jogo, com esse brinquedo que tanto exige respeitar o medo e dosar bem a coragem.

É isso, capoeira não tem uma história..., mas muitas histórias!

Novamente, afirmamos, não somos um, somos muitos, que se interpenetram, se misturam e produzem incessantemente histórias e mitos que vão povoando nossos dizeres, dando forma a nossos versos, inventando uma memória partilhada, respeitada e querida.

Pertença, amizade, liberdade, criação e alegria! Talvez, sejam esses nossos lemas. Como a terra, a amizade é o nosso adubo, a liberdade, o nutriente, a criação, o milagre que se recicla em “capoeira”, a alegria de jogar capoeira!

Não desdenhamos o passado, referendamos nossa ancestralidade, mas celebramos o presente, tendo em vista a construção de um futuro melhor, nos permitindo sonhar...

Concordo com Bhabha ao alertar para o equívoco de se ler apressadamente a representação da diferença como “reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição”. Pois,

“Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição -recebida-”. (BHABHA, 2013, p.21)

Volta ao mundo nos faz lembrar que a roda gira..., ontem, o mar era um destino irreversível, cruel e desumano, quando fomos lançados ao mar em navios negreiros, açoitados pela ignorância, imperialismo e desumanidade.

Hoje, atravessamos o mar, revertendo a história.

Nosso legado, a capoeira, conquistou a reverência de patrimônio cultural imaterial do Brasil e da humanidade. Nessa cultura mestiça, guerreira, afro-brasileira que nos encanta e nos sustenta, resta ao capoeira, uma arte-mandinga e brasileira!

A/o capoeira como um barco nas ondas do mar cruzou oceanos e desbravou horizontes antes nem imaginado...

Outras terras, outros povos, outras línguas têm sido conhecidas e dando a conhecer essa arte-cultura afro-brasileira, que se renova em cada toque, em cada jogo, em cada dança, aceitando o desafio de lutar, sorrir, e amar.

Estamos em muitos cantos, várias cidades e países.

Muitos de nós, tornamo-nos detentores e responsáveis por esse saber: professores, contra-mestres e, sobretudo, os Mestres de capoeira, comandantes desses navios.

Em cada canto, em cada jogo, a vida-arte-capoeira se recria, como há de ser..., aceitando o desafio, com vontade de não mais apenas lutar, mas sorrir e amar... jogar, brincar, ao som do toque e do axé de nossos berimbaus a soar.

Destarte, ocupamos novos espaços, fertilizamos territórios, produzimos culturas e tantos projetos estão a se realizar, girando a roda, na volta ao mundo.

Passam-se os anos, o relógio anda e o calendário muda como se espera. Tudo previsto pela ordem de uma cronologia linear e lógica, exterior e ignorante das intensidades e dos afetos. Linha surda-muda do trem bala tempo. E, apesar de tudo, contudo, sobretudo, na volta ao mundo, a roda gira.

Iê, viva meu Deus,

iê, viva meu Mestre.

Iê, a capoeira,

iê, quem me ensinou!

Iê, a roda ao mundo,

iê, a nos saldar!

"Passaram-se quase trinta anos de vida para que eu começasse a gingar.

Nunca soube ao certo qual é o meu lugar no mundo, nos grupos, nas relações sociais. Vivo uma sensação ambivalente em meus pertencimentos. A vivência que experimento em muitos momentos, em diferentes cenários, em diferentes papéis e personagens é a sensação de estar fora. Fora dos critérios e ou demarcações que emolduram o estar dentro, enquadrando os que fazem parte de um grupo.

Em muitas situações sociais, continua a sensação de estranheza e de não pertencer exatamente ou exclusivamente aos grupos, devido ao modo de pensar tão particular sobre as experiências e o mundo. Experimento desconfortos devido aos deslocamentos possíveis sobre as paisagens e horizontes vislumbrados. Posto que, nem sempre, consigo comunicar o que quero ou o que penso. Nem sempre consigo dialogar sobre mundos e modos possíveis de enunciar, de interpretar e de sentir. Pertencimentos fugidios, horizontes singulares entre olhos marejados por momentos e intensidades. De qualquer modo, esforço-me e busco possibilidades de traduções... Ainda sabendo que nem sempre é possível.

Tentei traduzir momentos de intensidades, quiçá deslocamentos vividos e provocados por muitas gingas... e jogos.

A ginga continua, como costuma dizer o meu Mestre.

Este texto é um desses esforços.

Norma Silvia Trindade de Lima

e-mail: normatl@unicamp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4999266005000077>

CARTA AO CARO PROFESSOR BHABHA

Ayeres Brandão

Caro Professor Bhabha,

Tenho me perguntado, enquanto lhe escrevo, se notícias do Brasil chegam até você, como se dá a divulgação de suas ideias, sobre seus livros já traduzidos para nossa língua. Sei que você veio ao meu país, em 1996, mas eu não lhe conhecia. Vim conhecer praticamente este ano.

Hesitei muito em lhe escrever: deitei fora muitas folhas, papéis iniciados. Aqui tem a minha carta, apesar do gênero epistolar (palavra que me é antipática) pertencer a um tempo que já vai longe. Acho que é porque uma carta fixa a memória do que se diz, e hoje a tendência é dizer nada, apenas se fala, e o que se fala é passageiro e descartável.

Ainda que você seja um outro imaginário para mim, esse é um diálogo que não anula falar comigo mesma e que preciso escrever. Antes de começar permita desculpar-me pelas poucas compreensões e ignorâncias de suas ideias.

O que se sabe de você, professor Bhaba.

Sabe-se que você nasceu em Mumbai (antiga Bombaim). Estudou literatura em Oxford, Inglaterra, e é hoje professor de língua e literatura inglesa e americana na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Desta forma impôs se como um dos principais arautos dos

chamados teóricos pós-coloniais e do multiculturalismo, atento pesquisador das minorias sociais e culturais.

Sua inspiração intelectual é assumida em ideias de pensadores como Michel Foucault, Jacques Lacan, Jacques Derrida; em ensaios de Edward Said; nas obras de escritores como Derek Walcott, Toni Morrison e Salman Rushdie, ou no artista plástico indiano-britânico Anish Kapoor.

Você defende a análise crítica por um viés não linear, numa multiplicidade de níveis e articulações. Em suas reflexões, aponta a insuficiência da “racionalidade política” para a compreensão das questões de sociedade e da modernidade. A racionalidade política não dando conta da área dos afetos públicos, e a pouca atenção das instituições culturais à cidadania cultural, passa a ser um problema democrático.

As Instituições culturais desenvolvem uma ideologia funcional. Desde que funcione, que sejamos representados democraticamente, tudo bem. As respostas podem ser muito diferentes. Daí acontecerem as guerras culturais.

Segundo você, é essencial considerar no entendimento social o que chama de “afetos públicos”, traduzidos em emoções diversas como a vergonha, a humilhação, a culpa ou a ambivalência. Na essência de seus livros, elege a

literatura como o principal ato de sobrevivência cultural.

Grande parte da história moderna se constituiu a partir das narrativas de submissão e resistência de territórios e povos conquistados às estruturas políticas e sistemas de conhecimentos determinados pelas centralizações hegemônicas e pragmáticas do privilégio e da autoridade do pensamento europeu.

Sem dúvida a narrativa da expansão e consolidação da história moderna com temas, valores e categorias que sustentaram a lógica civilizatória inscrita em seu projeto de emancipação humana, foi forjada através de relações de dominação e violência.

Essas pessoas que estão fora das fronteiras, que estão na periferia, que estão por baixo e não por cima, que não estão na condição de cidadania aceitam a modernização, mas não necessariamente a bagagem ideológica, ética ou costumes da ocidentalização. Entra aí o conceito de hibridização.

A hibridização não é somente a diversidade de identificações que qualquer indivíduo ou sociedade pode ter. Os problemas que temos e as maneiras de pensá-los constituem o modo como criamos identificações culturais híbridas. Há sempre um conflito entre poder e autoridade. Há sempre uma espécie de negociação complicada de significados, de símbolos, de identidades, de blocos de

poder, de estruturas de autorização, assim como de reconhecimento.

Historicamente, a produção simbólica hegemônica tem excluído grupos subalternizados, ignorando suas vidas e limitando o seu falar. Mesmo excluídos do discurso sobre si, no entanto, criam narrativas que desafiam o mundo, ampliando o repertório de representações existentes sobre si mesmos.

Você é um dos mais importantes teóricos pós-coloniais e do multiculturalismo, atento pesquisador dessas minorias sociais e culturais. As narrativas desses grupos embalam seus singulares filtros teóricos.

O significado da literatura em sua obra.

Nunca vivemos nossa vida individualmente. Acompanhar a história de uma personagem é também uma forma de conhecer a sua sociedade. Ler a história do protagonista de um romance é também uma outra maneira de compreender seu tempo, o que realmente se passa. Porque a literatura lida com a história por meio da memória e da experiência, fazendo com que se imerja em reinos em que a sensibilidade e a razão se associem de maneiras poucas vezes alcançadas em pesquisas científicas (o que seria um exemplo de pensamento pós abissal).

Suas considerações inovadoras sobre as modalidades do colonialismo no pensamento ocidental e suas hierarquias, reproduzidas e mantidas pela ética liberal do multiculturalismo, ganham densidade à luz de seu trânsito por histórias e textos de diferentes povos, raças e nações. Com elas mostra o quanto a dimensão transnacional de transformações culturais resultantes de migrações diásporas e deslocamentos faz da cultura um processo complexo de significação.

Enquanto estudos teóricos e pesquisas nas ciências sociais tenderam e ainda tendem à redução do social ao empírico objetivável, o conhecimento produzido pela literatura parte da subjetividade para entender o mundo pela sensibilidade.

Como você diz, não se trata de julgar a superioridade de uma forma de conhecer em relação à outra, antes reconhecer a particularidade de cada uma. Um exemplo brasileiro é o do sociólogo Gilberto Freire, que analisando a sociedade brasileira, investiga os traços configuradores de nossa realidade cultural, imprescindível para a compreensão do Brasil. Projeta um livro, editado em 1964, com o nome de “Dona Sinhá e seu filho padre” quando descobre assombrado que a figura imaginária de sua suposta ficção, existia.

O autor expõe a existência da sociedade patriarcal do açúcar, escravocrata de Recife nos fins do século XIX

e início do XX. As memórias da ancestralidade do escritor são fundidas com os conflitos da sociedade açucarocrática pernambucana em meio aos primeiros passos da República no Brasil. A sexualidade brasileira é estudada a partir da perspectiva do engenho e analisada sob o aspecto da miscigenação em suas dimensões homo e heterossexuais, da relação entre brancos, escravos e índios, ou seja, da relação sexual entre dominantes e dominados.

Pode-se dizer muito sobre o poder da literatura. Na maioria dos regimes opressivos, as pessoas usam a literatura, no sentido amplo, como você mesmo diz:

“... eu me refiro à escrita, a canções, à música, canções de lamento, panfletos, para se expressar e criar em si mesmo a força espiritual, ética, estética de sobrevivência” (pag. 27)

Pessoas em situação de grande coação, quando a sobrevivência social e cultural é extrema, com frequência se referem à imaginação da escrita literária. A grande contribuição da narrativa em geral, e da literária em particular, é que permite pensar de modo contrafactual. Na imaginação, tudo poderia ser diferente, e se fosse mesmo diferente?

O presente parece consagrar a globalização e, por extensão da própria modernidade, o pensamento pós-colonial se quer como interrupção teórico crítico na narrativa da genealogia moderna, recolocando, na história e geografia, as questões que a fundamentam para reconstruir as condições, nas quais as verdades de sua necessidade e de sua inevitabilidade possa ser desestabilizada.

No Brasil, professor Bhabha, você é um destaque no cenário teórico crítico contemporâneo. Uma referência obrigatória no campo dos estudos pós-coloniais geral e na área da teoria literária, em particular, em razão de um projeto intelectual instigante, ambicioso do ponto de vista marcadamente político em termos do seu posicionamento teórico em relação às condições materiais institucionais e práticas do colonialismo e do neocolonialismo.

Para você a pós-colonialidade está situada tanto a partir da qual é possível desconstruir as estratégias legitimadoras do colonialismo quanto o local dos discursos cosmopolitas globalizados do presente. Mesmo com o fim da ocupação colonial, o colonialismo, sem dúvida, não acabou.

A proximidade de seu pensamento com as ideias de Boaventura Souza Santos

Ao tentar compreender as mudanças geopolíticas do conhecimento em sociedades marginalizadas, uma incursão às ideias de Boaventura de Souza Santos, cientista social contemporâneo, surpreende por guardar muita proximidade com as suas.

Boaventura explica que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal, que divide a realidade social em dois universos distintos com a não possibilidade da co-presença dos dois lados de uma linha imaginária, isto é, “o deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”, a distinção entre as sociedades metropolitanas e os territórios coloniais. São interdependentes, separa o verdadeiro, do falso, em outras palavras, o legal e o “sem lei”. Como decorrência a humanidade moderna não é concebida sem uma subumanidade, como no ciclo colonial.

O regresso do colonial não significa necessariamente sua presença física nas sociedades metropolitanas. Embora a linha abissal entre o metropolitano e o colonial tenha se deslocado, transformou este em uma dimensão interna do metropolitano; novas formas de escravidão se multiplicam nos dias de hoje: tráfico ilegal de órgãos humanos, trabalho infantil, exploração da prostituição, trabalho escravo, etc.

Professor Bhabha, trata-se daquilo que é percebido como uma intromissão ameaçadora do colonial nas sociedades metropolitanas. Esse regresso, segundo Boaventura assume três formas principais: a do terrorista, a do imigrante indocumentado e a do refugiado.

De maneiras distintas, cada uma delas traz consigo a linha abissal global que define a exclusão radical e a inexistência jurídica. A nova onda de leis de imigração e de legislação antiterrorismo, por exemplo, segue a lógica reguladora em muitas de suas disposições (paradigma “apropriação/violência”). Basta que tenha uma ligação relevante com elas. No caso dos refugiados, a ligação é estabelecida mediante a solicitação do status de refugiado numa dada sociedade metropolitana.

Estudos mostram que nos últimos dois anos, meio milhão de pessoas se aventuraram em perigosas viagens para fugir da guerra, da fome, do horror que assola o Oriente Médio e o Norte da África. A crise migratória/crise de refugiados atuais na Europa se dá desde a 2ª guerra mundial. Hoje há pelo menos dois grupos tentando chegar à Europa. De um lado os sírios, afegãos, iranianos, curdos e africanos de diversas nacionalidades, em busca de segurança. De outro lado, estão os migrantes econômicos que mudam de país na esperança de melhorar de vida, empreender, estudar, ou conseguir um emprego melhor. Em ambos os casos, é o desespero que os move, e foi isso que

moveu a família do menino Aylan Kurdi (os avós no dia seguinte à tragédia, disseram que seu nome era Alan).

Difundida pela Agência Reuters, a fotografia deste garoto que morreu afogado, na travessia entre a Turquia e a Grécia, estampou as capas de alguns dos principais jornais do mundo, se alastrou pelas redes sociais. A imagem do menino morto impactou o planeta. Esta foto impacta menos pelo que revela, e mais pelo que oculta, diria você. A força da foto que chocou o mundo está no que ela oculta: Alan era curdo e morreu porque era curdo.

Tal foto parece ter manchado o mundo de vergonha; “enquanto as mercadorias cruzam as fronteiras com extremas facilidades, os muros entre os homens estão cada vez mais altos. Eis o paradoxo, a insegurança, o cenário da modernidade”, diz o filósofo francês Francis Wollf, da Escola Normal Superior de Paris.

Alan fugia dos horrores da guerra na Síria, onde tropas do presidente Assad, apoiado pelos ricos Emirados Árabes, vem lutando contra soldados do cruel Estado Islâmico, aquele (exibido pela TV) que degola a quem não se converte à sua religião, tristemente apoiado pelas forças ocidentais da Europa e dos Estados Unidos.¹

O aforismo “uma imagem vale mais que mil palavras”, parece valer no caso: tudo o que havia sido escrito até

1 Folha de São Paulo, suplemento: Ilustrada de 25/9/2015. Vladimir Safatle.

então sobre a crise dos refugiados foi considerado inócuo se comparado a essa imagem, tida como mais significativa do que as frias estatísticas. Ela postula seu valor epistemológico - a foto seria um meio de conhecimento que permitiria as pessoas conhecer uma realidade que ignoram, o que não podem compreender devidamente apenas com textos e estatísticas.

As fronteiras que você, caro amigo Bhabha, define como dando início a outros mundos, no caso dos refugiados, tem se tornado um chamado para a morte.... Pergunto lhe, essa imagem pode tornar-se um símbolo da crise migratória/crise dos refugiados e assim despertar o mundo e seus governantes para gestos mais solidários?

- Acordemos nossas canetas, nosso papel em branco. O que é preciso acordar de fato em nós, seres humanos? Nossos corações, nossa consciência?

É preciso agir, concordo com você, não esquecer mais uma vez que no fundo somos todos imigrantes. No caso não se trata de migração, mas de refugiados, pior ainda... Palavra que me faz contatar várias vezes com o sufoco que tenho na garganta...

A transferência da responsabilidade do problema de encontrar solução para o destino de uma população em movimento que cresce a cada tempo, balança entre os países europeus, como o menino inerte no vai e vem das ondas...

A maioria dos países europeus tentam manter os imigrantes longe de suas fronteiras. Não se trata de crise temporária. É um desafio internacional, é um problema global. A falta de solidariedade expressa por tais países espanta por vir justamente do continente responsável por grandes migrações em massa no passado. Impedem a entrada de todos, e constroem barreiras nas suas fronteiras como a erguida na Hungria. Segundo o embaixador desse país no Brasil, Norbert Konkoly:²

“...a Hungria sempre concedeu e sempre concederá asilo àqueles que fogem de territórios em conflitos. Ao mesmo tempo, protegeremos o nosso país e a Europa dos grupos que atacam as nossas fronteiras, chegam com violência e que não respeitam as nossas leis²”

E prossegue para melhor justificar as medidas tomadas pelo seu país: “ Todo país soberano tem o direito de conhecer a identidade de quem cruza suas fronteiras e de saber quantos são realmente refugiados”

² Sr. Norbert Konkoly, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Embaixada da Hungria.
http://www.mfa.gov.hu/kulkepviselet/BR/pt/br_munkatarsak/br_munkatarsak.htm

A invasão americana no Iraque, com o apoio da Inglaterra e de uma série de países europeus desestabilizou de maneira profunda a correlação de forças na região e abriu espaços para grupos islâmicos ultrarradicais. O Estado Islâmico, em última análise, não surgiu do vácuo do poder e liderança que se abriu no Iraque? Não seria fruto desse cenário, professor Bhabha?

Vladimir Safatle, filósofo brasileiro, em um artigo recente afirma que política não diz respeito simplesmente a como as riquezas e os bens circulam e são distribuídos. É também uma questão de circulação de afetos, da maneira que poderão criar vínculos, comprometendo os que fazem parte desses vínculos. É a maneira como somos afetados que define o que somos e não somos capazes de ver, sentir e perceber. Definindo-se o que se vê, sente-se e se percebe, define-se o campo de nossas ações, a maneira como uma pessoa julga, o que faz parte e o que está excluído de seu mundo

O autor comenta as reações de certos europeus que invadiram sites de notícias em jornais que decidiram publicar a foto. O que eles diziam? “(...) parem de nos mostrar o que não queremos ver” Sem dúvida a visibilidade da foto fazia com que certos afetos circulassem, quebrando a força de seus discursos. Safatle sintetiza com a seguinte visão:

“Toda verdadeira luta política é baseada em uma mudança nos circuitos hegemônicos de afetos. Prova disso foi o fato de tal foto produzir o que vários discursos até então não haviam conseguido: a suspensão temporária da política criminosa de indiferença em relação à sorte dos refugiados”³

Assim, o reconhecimento da persistência do pensamento abissal é condição sine qua non para começar a pensar e a agir para além dele. Sem esse reconhecimento, o pensamento crítico permanecerá um pensamento derivativo, que continuará a reproduzir as linhas abissais por mais antiabissal que se autoprocrame.

Pelo contrário, o pensamento pós-abissal é um pensamento não-derivativo, uma vez que envolve uma ruptura radical com as formas de pensamento e ação da modernidade ocidental. No nosso tempo, pensar em termos não-derivativos significa pensar a partir da perspectiva do outro lado da linha, precisamente porque ele é o domínio do impensável no Ocidente moderno. A emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderá ser enfrentada se situarmos nossa perspectiva epistemológica na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo.

3 Folha de São Paulo, suplemento: Ilustrada de 25/9/2015. Vladimir Safatle.

O pensamento pós-abissal, para Boaventura confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento

Considero que vocês guardam uma proximidade de ideias, professor Bhabha. Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem por premissa a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. Isso implica renunciar a qualquer epistemologia geral. No período de transição que se inicia, em que ainda persistem as perspectivas abissais de totalidade e unidade, provavelmente precisamos de uma epistemologia geral residual ou negativa para seguir em frente: uma epistemologia geral da impossibilidade de uma epistemologia geral.

Como produto do pensamento abissal, o conhecimento científico não se encontra distribuído socialmente de forma equitativa — nem poderia estar, uma vez que o seu desígnio original foi converter este lado da linha em sujeito do conhecimento e o outro lado em objeto de conhecimento. Como você já afirmou (pag.125),

também para Boaventura, as intervenções no mundo real por ele propiciadas tendem a servir aos grupos sociais que têm maior acesso a esse conhecimento.

Enquanto as linhas abissais continuarem a ser traçadas, a luta por uma justiça cognitiva não terá êxito caso se apoie apenas na ideia de uma distribuição mais equitativa do conhecimento científico. Além do fato de que tal distribuição é impossível nas condições do capitalismo e do colonialismo, o conhecimento científico tem limites intrínsecos quanto ao tipo de intervenção que promove no mundo real. Na ecologia de saberes, a busca de credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica simplesmente a sua utilização contra-hegemônica. Trata-se, por um lado, de explorar a pluralidade interna da ciência, isto é, as práticas científicas alternativas que têm se tornado visíveis por meio das epistemologias feministas e pós-coloniais, e, por outro lado, de promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, não-científicos.

Professor Bhabha, uma vez que você sugere conceitos como o de “entre lugares”, “interstício”, e discussões sobre hibridismo e a presença do estranho na literatura mundial, penso ser possível aqui estabelecer uma relação desses conceitos com as personagens do romance de Lobo Antunes, personagens fragmentárias que apresentam um

possível novo elemento cultural na ex-colônia portuguesa.

Em seu livro Local da Cultura (2013, pag. 20), você faz um questionamento de extrema importância para a literatura contemporânea: “de que modo se formam sujeitos nos “entre lugares”, ou seja, de que modo podemos pensar questões de identidade em um local e tempo contemporâneos, cuja característica é a não-fixidez, o movimento, uma certa fluidez do que antes era tido como estático, um pouso-seguro? Questionamento e relevante no estudo da obra “Boa tarde às coisas aqui em baixo” (2003), do autor português António Lobo Antunes. Nesse romance, Seabra, agente do “Serviço” secreto do governo português, vai à Angola, a fim de assassinar um ladrão de diamantes e, por não conseguir cumprir sua missão, fica naquele país, impedido de regressar a Portugal.

Constitui então um novo elemento cultural na ex-colônia portuguesa, constituído tanto pela influência cultural portuguesa quanto pela angolana, não tendo, no entanto, sua identidade hierarquicamente formada. Assim, o sujeito da fronteira representa, na obra, a identidade do “entre lugares”.

O “entre lugar” é um local intersticial. Não é mais possível trabalharmos com noções bipolares e categorizarmos as subjetividades dentro de ideais tradicionais. O interstício vem como uma passagem, um movimento presente de transformação ou transposição, onde uma coisa não é mais ela mesma, mas não totalmente outra.

Como se pode perceber, a negociação das diferenças culturais trabalha com a passagem entre fronteiras, formando hibridismos, sem que, no entanto, essas fronteiras sejam vistas como pontos de separação. Para você, “a fronteira reúne justamente por permitir a passagem entre pontos extremos, a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente” e a compara com a “ponte que reúne enquanto passagem que atravessa” (2013, p.25). A fronteira recebe um significado positivo, pois é por meio dela que as diferenças culturais entram em contato e passam a interagir.

Retomando a personagem Seabra, do romance de Lobo Antunes, podemos ver como esse hibridismo cultural e essa fronteira em movimento estão presentes também na literatura portuguesa. Como dito antes, Seabra é uma personagem portuguesa que passa a viver em Angola, sem formar sua identidade influenciada por apenas uma dessas culturas. Seabra vive a nova cultura angolana sem, no entanto, abandonar suas tradições e memória portuguesas. Aliás, é justamente a memória o recurso utilizado por Lobo Antunes para conectar as duas culturas.

Esse processo de articulação é um processo dinâmico, de permanente troca, que se dá na tentativa dessas minorias encontrarem uma identidade própria, constituída por esses hibridismos e distante dos polos fixos tradicionais. Ou seja, também o conceito de identidade é um processo

*em movimento. Essa ideia fica mais clara ao tomarmos as reflexões de Hall (2000), em seu texto “Quem precisa de identidade”?*⁴

Para Hall, “A identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura”, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (Hall, 2000, p.104). É de fato necessário que, para tratar-se dos hibridismos culturais, se tome por base as identidades fixas estabelecidas pela tradição. Mas é também preciso entender que essas definições por si só não são suficientes para dar conta dos sujeitos contemporâneos por não acompanharem o dinamismo que compõe esses sujeitos.

Por isso Hall pretende uma concepção de identidade que permita uma certa dinâmica: essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2000, p.108).

4 HALL, S. Quem precisa de identidade? IN: Silva, T.T. (org.), Hall S. S. Woodward, K. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, pag.103-133. Um dos três ensaios do referido livro. As fontes anteriores de ancoragem da identidade na família, trabalho, igreja, etc., estão em crise. Identidade para Hall é uma construção, um processo de articulação.

O caráter fragmentário do sujeito presente na contemporaneidade e a submissão que essa representação do “si mesmo” tem em relação ao mundo cultural que rodeia esse sujeito são os pontos que nos fazem ter que pensar identidade mais como um processo que como conceito. A construção múltipla não permite um jogo binário de identificação (entre branco e negro, por exemplo), pois várias categorias dialogam simultaneamente, como raça, gênero, classe social. Por esse motivo, você expressa “a necessidade de compreender a diferença cultural como produção de identidades minoritárias que se ‘fundem’ – que em si já se acham divididas – no ato de se articular em um corpo coletivo” (1998, p.21).

Essa visão sobre identidade concebida por Hall, as relações estabelecidas com Lobo Antunes, bem como as discussões levantadas por você sobre o conceito, são essências para se entender a relação do sujeito contemporâneo com a tradição. Para Hall: as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não com uma incessante reiteração, mas como “o mesmo que se transforma”.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional. (HALL, 2000, p.108/9).

Para você, é justamente essa relação com a tradição que permite às minorias buscarem uma identidade e conferirem autoridade aos seus discursos. Assim, o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição.

Tal processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição ‘recebida’. Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (БНАВА, 1998, p.21)

Assim, professor Bhabha, retomando a pergunta inicial proposta, percebemos que não é possível entender o sujeito contemporâneo como figura total dentro de um mundo que se apresenta fragmentado, nem tão pouco compreendê-lo como ser estático em um momento histórico de pleno dinamismo. O sujeito do “entre lugar” é um novo elemento cultural que surge do embate da tradição com a contemporaneidade e as transformações que dele emanam podem ser percebidas em muitas obras, como por exemplo na de Lobo Antunes, levando-nos a uma reflexão sobre a representação desse sujeito na literatura.

Na literatura, a narrativa. Estaria a sobrevivência cultural na literatura?

Uma vertente cultural emergente na Inglaterra, vertente contemporânea mais inovadora das pesquisas sociológicas, os Estudos Culturais reconhecem os limites dos arquivos e fontes empíricas tradicionais. Baseados em uma epistemologia que considera o empírico apenas o observável e o objetivável, não por acaso o que é acessível nos arquivos oficiais por meio de metodologias de pesquisas estabelecidas.

Sua obra, professor Bhabha, abrange uma diversidade de áreas do conhecimento, que se estende da teoria literária aos estudos culturais, abarcando campos

como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a história, a geografia e a política entre outros.

Você é uma das maiores expressões da chamada teoria pós-colonial. Acredita que a teorização pode contribuir para a prática política concreta; desestabiliza a perspectiva binária sobre a qual a retórica colonialista se constituía, trazendo em seu bojo uma relação ou subordinação entre os termos. Desconstruindo essa retórica calcada em dicotomias excludentes, você, por meio da literatura e culturas que atuam uma sobre as outras de modo recíproco, gera transformações significativas. Daí a importância de conceitos como: hibridismo, interstício, liminaridade, entre lugar, negociação, que marcam uma sua obra.

Para você toda identidade cultural é fundamentalmente híbrida, explica isso através da noção “espaços liminares”. Seria a zona de conflito, interação e assimilação recíproca que todo encontro entre cultura implica, e como estas se constroem na interação com outras, a identidade cultural será sempre um conceito múltiplo e provisório, um conglomerado de diferenças.

As relações coloniais, para você, não envolvem a imposição de uma cultura sobre outras, mas antes a luta em um espaço mutante que dá margens a todo tipo de dominação e ao mesmo tempo gera a possibilidade de deslocamento e subversões. Não aceita o silêncio a que a tradição colonialista relegara ao colonizado.

O projeto intelectual que você constrói traz à tona o papel dos desprivilegiados, não só no sistema de poder bifurcado anterior, também na ordem globalizada do presente, marcada por novos processos de marginalização. Além disso vê essas questões de uma perspectiva inovadora.

Ainda põe em xeque a lógica binária legitimadora da empresa colonizadora. Teve repercussão nos contextos que ainda passam por processos violentos de dominação, como é o caso da Índia (sua terra natal), países americanos e africanos bem como dos chamados grupos étnicos minoritários e das minorias de gênero.

Amigo Bhabha, seu pensamento encontrou aceitação e ressonância em todo meio acadêmico. Na América Latina (Brasil), onde ensaios voltados para a busca das diferenças locais em oposição ao discurso colonizador, voltado para o universalismo, já existiam. É onde os conceitos de hibridismo cultural, culturas híbridas, transculturação, etc., já faziam parte da reflexão no continente.

O além, a partir das ideias do seu livro “O local da Cultura”

Você iniciou a introdução de seu livro “O local da cultura”, dizendo que nos tempos atuais a cultura é colocada na esfera do além. Para mim, o além está fora do meu alcance, me aponta para mais longe, sempre mais longe.

Para você é um momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam, onde surge uma sensação de desorientação, um movimento exploratório incessante em todas as direções.

Além significa distância geográfica espacial, marca um adiante, promete muito mais que o futuro, no entanto as sugestões para ultrapassar a barreira ou o limite- o próprio ato de ir além- são incognoscíveis, irrepresentáveis, sem um retorno ao “presente”, que no processo de repetição, torna-se desconexo e deslocado.

A fronteira, a que você se refere, não é ponto final, ali começa a existir e se fazer presente e o “entre lugares”, são momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais.

A casa e os laços reais são coisas para os que virão depois (pág. 37), estão lá para serem descobertos, a meio caminho, não definido...

Estamos vivendo nas fronteiras do “presente” em um mundo dos pós: pós colonialismo, pós modernidade, pós feminismo, pós humanos...

*Michel Serres, em seu livro *Le Tier-Instruit*, chama a nossa atenção para um nadador no meio de uma correnteza muito grande: “toda segurança desapareceu: ele abandona todos os pontos de referência... A passagem real ocorre no meio. Qualquer que seja a direção determinada*

pelo mergulho, o solo encontra-se dezenas ou centenas de metros abaixo da barriga do nadador ou milhas atrás e à frente. O viajante está sozinho. Deve cruzar o rio afim de conhecer a solidão, que é sinalizada pelo desaparecimento de todos os pontos de referência”.(Serres,1997 p.5).

Tomando o nadador que atravessa a correnteza, como foco, poderia parecer que ele simplesmente vai de uma margem a outra como se o meio fosse apenas um ponto sem dimensão. Ele chega a um segundo mundo, mais significativo em que o nadador não só alterou as margens do rio, mas também conheceu a característica que os une e que é na verdade um lugar que integra todas as direções, que não tem nenhuma orientação em si, ou, ao contrário, abre-se para todas as direções e orientações.

Procuro incessantemente no meu quarto, o livro “Primeiras Histórias” de Guimarães Rosa para reler “A terceira margem do rio”. Toda vez que até então ali entrava e olhava de frente para minha estante via o livro do mestre transformador de nossa língua. Isto se repetia todos os dias. Hoje preciso do livro e não o encontro. Será que a última vez que o vi, coloquei em outro local? Ou como diz o ditado: “a familiaridade provoca a cegueira”, um pouco como a carta escondida de Edgar Poe, que o investigador não a encontra precisamente porque está bem em evidência, isto é, o que se tornou tão familiar, já não nos chama a atenção?

Procuro Rosa para convidá-lo a fazer um paralelo com Serres. Penso que nós, seres inacabados, somos como o filho sem nome do conto de Guimarães Rosa, estamos à procura de. E é esse filho sem nome que nos conta: quando menino, seu pai manda fazer uma pequena canoa e parte nela para o meio do rio. Reina “rio a abaixo, rio a fora, rio a dentro”, um pai sempre fazendo ausência. O filho, como cada um de nós, é quem relata as tentativas da família para se comunicar com ele. O pai nega. Todos vão embora do mato. Só o narrador fica.

Depois de décadas esperando esse pai à margem do rio, o filho, agora com cabelos brancos, decide chamá-lo aos gritos “está na hora de tomar o seu lugar, meu pai?! O senhor vem, e eu tomo o lugar do senhor, na canoa”.

O pai escuta. Pela primeira vez em tantos anos, ele rema para a margem. O filho sente que o pai vem “da parte do além”. Apavorado, foge. O pai então desaparece. O filho sente “o grave frio dos medos” e adoece. Ele percebe que vai morrer e pede que também depositem seu corpo numa pequena canoa e a soltem no rio.

O pai busca a solidão do rio, dentro de uma canoa. Seria o pai a projeção de Deus, que procuramos a vida toda? Seria o pai, a transcendência, que sempre estamos a buscar, uma travessia, um portal de passagem para outra vida?

O pai contradiz os padrões de comportamento considerado “normal”, seria um desequilibrado?

“-Sou o que não foi”, diz o filho que não vai ficar, aquele que vai ficar calado. Calado porque as palavras que poderiam dizer de sua dor, ainda não existem; sentidas, precisam ser inventadas.

Sabe, como penso? ...

Um navegador em busca do além, longe do seu lugar.

Vai se encontrar, como um caçador de si,

Um movimento emergente de margens ou as fronteiras da insanidade, vive nas/das mirações de alguns pós...?

Serres, que enuncia o terceiro instruído, aquele que não está numa coisa ou noutra, que não está num lugar ou noutro, mas sempre em um terceiro. A terceira possibilidade, um intermediário, um caminho, uma passagem, excluída da lei do terceiro instruído, é para Serres, o ponto fundamental. “O mundo está lateralizado por toda a parte e é assim que existe” (1997, 29). É contra esse mundo lateralizado, mundo que exclui os terceiros lugares, ou seja, os lugares mestiços, lugares de real inventividade, que Serres engaja sua filosofia.

O além é um espaço que não tem geografia no tempo, errante, sempre inacabado, sempre em via de acontecer, como podemos inferir em Guimarães Rosa.

Não é previsível, predito. Não se captura. Não é uma imagem que olhamos, mas aquela que nos olha e que nos interpela.

Instaura-se em um outro tempo. Não se presta à explicação. Talvez seja um lugar de encontro e nesse encontro, ele é criado.

Fernando Pessoa ilumina nossas ideias, quando diz que “o valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem”. Por isso existem momentos inesquecíveis e pessoas incomparáveis. Fernando Brandt poeta da música de Minas Gerais, do Clube da Esquina, falava em sua música de 1967 com Milton Nascimento de uma travessia, onde “a casa não é dele e nem ele é desse lugar”; caçador de mim”; “com o amigo, nem o tempo, nem a distância pedem para existir”. Já sabia desse lugar do “além” e fez dia 14/06/2015 a sua travessia.

Vou me despedir, meu caro professor Bhabha. Cruzei, penso eu, alguns conhecimentos e muita ignorância sobre você. Acho que até você gostaria de ler, esta mulher de 70 anos, mestre em formação de professores, que gosta de professorar, que foi difícil lhe entender, mas a partir do

que entendi, me sinto mais cidadã do mundo. Devo muito mais a você do que saberia expressar.

Além da carta, lhe daria um presente, que talvez nunca ganhou, nem experimentou: apanharia umas espigas de milho híbrido no meu quintal, bem no ponto e lhe faria um prato de curau⁵. Sei que você pediria mais..., assim como quero estudar mais suas ideias.

Ayères

5 curau: trata-se de hibridismo culinário, encontro da culinária asiática e da existente no nordeste brasileiro (nota de quem escreve).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACASO LIMIAR - A MADEIRA, O IMPROVISO E OS ACONTECIMENTOS NA FRONTEIRA.

BHABHA, Homi K. O Local da Cultura – 2 ed. – Belo Horizontes Ed. UFMG, 2013.

DEWEY, John. Arte como experiência. 1934

FISCHER, Ernest. A necessidade da arte. 1972

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. Artigo publicado em: NIETZSCHE e Deleuze: que pode o corpo / organizadores Daniel Lins e Sylvio Gadelha. – Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. P.81-90.

LAROSSA, Jorge. Tremores. Escritos sobre experiência. Autêntica editora. 2014

NACHMANOVITCH, Stephen. O Ser Criativo, 1993.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gambiarra>. Acessado em 20-set-2015, as 10:15

ESPAÇOS DO POSSÍVEL : ESCOLA, DIFERENÇA, ARTE E INCLUSÃO

1. BHABA, (H.) : O Local da Cultura – Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998
2. DAFOE, (D.) : Robson Crusoé: a aventura de um naufrago numa ilha deserta – Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2006
3. DELEUSE, (G.), GUATTARI, (F.) : O que é Filosofia - Editora 34, São Paulo, 1997
4. DELEUSE, (G.) : Lógica do sentido - Perspectiva, São Paulo, 2007b
5. LEPRI, (C.): Viajantes Inesperados – Saberes Editora, Campinas, Sp, 2012
6. MANTOAN (M.T.E.): Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como Fazer? – Moderna, São Paulo, 2008
7. MOSTAFA, (S.P.), NOVA CRUZ, (D.V.): Para ler a Filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari - Alínea Editora, Campinas, Sp, 2009
8. TOURNIER, (M.) : Sexta-Feira ou a vida selvagem – Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2001
9. VYGOTSKY, (L.S.): Imaginação e criatividade na infância – SMF Martins Fontes, São Paulo, 2014

10. WINNICOTT, (D.)

Jeu et Réalité: l'espace potentiel – Gallimard, Paris, 1975

O brincar e a realidade - Imago, Rio de Janeiro, 1975

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Nossas reflexões sobre a Arte como mediação no trabalho pedagógico, e as práticas daí decorrentes, foram inspiradas, entre outras, em leituras de artistas, que nos fizeram generosamente parte de suas ideias e experiências afetivo-emocionais, implicadas nos processos de criação artística. Assim, citando apenas alguns, muito nos enriqueceram as propostas de C. Stanislavsky sobre o trabalho do ator e a construção de personagens, bem como as narrativas de experiências no Teatro de C. Dullin. Esses relatos muito nos auxiliaram a compreender a complexidade dos processos psicológicos implicados no trabalho de criação e, portanto, os riscos e benefícios decorrentes do uso de dispositivos artísticos em ambiente escolar.

Outros artistas, já dedicados a utilizar de sua arte em contextos psico-sócio-educativos, nos brindaram com reflexões e proposições metodológicas que nos foram sumamente importantes ao longo de nossa prática profissional, nas áreas do Conto, Poesia, Música e Dança. São eles, J.P. Ryngaert, que muito trabalhou nas escolas francesas com Jogo Dramático ou Dramatizações e a imensa contribuição de G.Jean, o qual levou os Contos e a Poesia para instituições diversificadas de Saúde e Educação. E. Lecourt muito nos ensinou sobre o potencial da Música, tocada ou cantada, no trabalho com pessoas com deficiências graves. Bailarina e psicóloga, não poderíamos deixar de citar F.Schott-Billmann, nossa orientadora na Universidade de Paris, que nos ensinou, com muito rigor, as propriedades equilibrantes, para os seres humanos, dos rituais, cantos e danças coletivos, praticados sob o comando de xamãs e desde tempos imemoriais, pelas sociedades tradicionais. Práticas ancestrais, cujas virtudes curativas, educativas e preventivas em saúde mental estão, atualmente, sendo cientificamente estudadas nas mais prestigiosas academias.

S. Freud, C.Levi-Strauss, D. Oberlê, C.R. Rogers, R. Courtney, D. Winnicott, L. Vygotsky, pesquisadores de diferentes áreas e filósofos, que se ocuparam em refletir sobre a capacidade de simbolização, a Arte, a Teoria do Jogo (no sentido do brincar), da Criatividade e da Imaginação e suas relações com a saúde, o desenvolvimento humano e seu bem-estar no mundo, contribuíram de maneira decisiva para que compreendêssemos a sua importância no trabalho com seres humanos, sobretudo em situação de fragilidade.

Não podemos não nos referir ao Mestre Paulo Freire, com suas ideias fundamentais sobre a eficácia da amorosidade, do diálogo e da autonomização em qualquer prática pedagógica.

No intuito de contribuir para aqueles que desejem aprofundar alguns conceitos e práticas, preparamos a pequena bibliografia abaixo:

COURTNEY (R.): Jogo, teatro e pensamento – Perspectiva, São Paulo, 1981

DULLIN (C.): Souvenirs et notes de travail d'un acteur – Odette Lieutier, Paris, 1946

FOUCAUT (M.): Os corpos dóceis in Vigiar e Punir- Editora Vozes, Petrópolis, 2002

FREIRE (P.): Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – Paz e Terra, São Paulo, 2002

FREUD (S.): Totem et tabou – pbp, Payot, Paris 1996

JEAN (G.): Le pouvoir des contes – Casterman, Tournai, 1990

LECOURT (E.): La musicothérapie – Cesura, Lyon, 1989

LEVI-STRAUSS (C.): "A eficácia simbólica" in Antropologia Estrutural, I, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1973

OBERLE (D.): Créativité et jeu dramatique - Méridiens Klincksieck, Paris, 1989

ROGERS (C.R.) : Por uma teoria da criatividade in "Tornar-se pessoa" – Martins Fontes Editora, São Paulo, 1968

RYNGAERT (J-P): Le jeu dramatique en milieu scolaire – Editions Universitaires, De Boeck Université, Bruxelles, 1991

SCHOTT-BILLMANN (F.) : Quand la danse guérit – La Recherche en Danse, 1997

STANISLAVSKY (C.):

A preparação do ator – Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968

A construção do personagem – Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1976

VYGOTSKY, (L.S.): Imaginação e criatividade na infância – SMF Martins Fontes, São Paulo, 2014

WINNICOTT (D.) :

Processus de maturation chez l'enfant – Payot, Paris, 1970
Jeu et Réalité: l'espace potentiel – Gallimard, Paris, 1975

O brincar e a realidade - Imago, Rio de Janeiro, 1975

CULTURA NO USO DA ROBÓTICA EDUCACIONAL

BHABHA, H. K., O Local da Cultura, Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.

DALL'ASTA, R. J. e Brandão, E. J. R. A Transposição didática em Softwares educacionais, Revista Linhas, V.5, nº2, ISSN 1984-7238, 2004

FANON, F. Pele negra máscaras brancas. ISBN: 978-85-232-0483-9 EDUFBA, Salvador, 2008

GUIA, de Tecnologia Educacionais do MEC, Organização COGE-TEC, ISBN 978.85.7783.078-7 Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília 2011, 196p.

LLOSA. M. V. La Civilización del espectáculo. Santillana Ediciones Generales, ISBN: 978-84-204-1148-4 Madrid, 2012.

LOPES, A. C., MACEDO, E. Teorias de Currículo. ISBN: 978-85-249-1833-9, Apoio FAPERJ, Cortez, São Paulo, 95-96, 2011.

PAPERT, S. Brasiliense, São Paulo, 1985.

SÉRIE MAIS EDUCAÇÃO, Educação Integral: Texto Referência para o Debate Nacional Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, ISBN: 978. 85. 60731.74-9, Brasília, 2009.

Sites:

HUMMINGBIRD Duo

Disponível em: <<https://www.kickstarter.com/projects/938274194/hummingbird-duo-a-robotics-kit-for-ages-10-to-110>>. Acesso em: 30/06/ 2014.

OLIMPÍADA Brasileira de Robótica OBR. Disponível em: <<http://www.obr.org.br>> Acesso em: 18/10/2014.

TERECOP -Teacher Education. Disponível em: <<http://www.terecop.eu/>>. Acesso em: 30/06/ 2014.

URA projeto um Robô por Aluno. Disponível em: <<http://www.natalnet.br/ura/>>. Acesso em 30/06/ 2014.

WIKIPEDIA, https://pt.wikipedia.org/wiki/T._S._Eliot. Acesso em: 15/11/2015

WORKSHOP de Robótica Educacional - WRE

Disponível em: <<http://www.natalnet.br/wre2014/>>. Acesso em: 18/10/2014.

NARRATIVAS CONCEITUAIS: UMA QUASE FICÇÃO

Benjamin Walter Illuminations. London: Jonathan Cape, 1970, Theses on the philosophy of history.

Bhabha Homi K.O Local da Cultura. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013.

Deleuze Gilles. A Ilha Deserta e outros textos. São Paulo Iluminuras, 2006.

Diferença e Repetição. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

Domingues João Gabriel Alves - Deleuze, a Arte e a Filosofia, Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

Freire Paulo, Pedagogia do Orpimido, Rio de Janeiro Paz e Terra.

Herzog Werner - nome artístico de Werner H. Stipetic (croata: Stipeti) (Munique, 5 de setembro de 1942), é um premiado cineasta alemão

Jorge Luis Borges Ficções, São Paulo, Companhia da Letras, 2007.

Mantoan Maria Tereza Egler O Direito à Diferença na Igualdade de Direitos. 10/01/2009

Melville Herman, Bartley O Escriturário, Coleção L&PM Pocket, 2008.

Pessoa Fernando- Poemas - Fernando Pessoa. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994.

Rodin René François Auguste - Gates of Hell, Paris. 1917.

Silva, Tomaz Tadeu. Documentos de Identidade. Belo Horizonte, Autêntica 1999.

TEMPO DE CAMINHAR

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

LARROSA, Jorge & SKLIAR, Carlos (Orgs.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001

FORNAZARI, Sandro K. ; AZEVEDO, A. B. (Org.) ; RAMACCIOTTI, B. L. (Org.) ; SILVA, C. V. (Org.) ; SILVA, C. D. L. (Org.) . Deleuze hoje. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2014.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006

GALLO, Sílvio. Deleuze & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ODE À CAPOEIRA: “ALÉM” MAR, ENTRE MUNDOS E TAMBORES

BHABHA, Homi. O local da cultura. 2ª. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2ª. Edição revista e atualizada, 2009.

GIL, Gilberto. Texto introdutório escrito na ocasião em que foi ministro da cultura em folder de divulgação do IPHAN sobre Programa Nacional de Patrimônio Imaterial. 2008

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>.

Acesso em 2014

Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil (IPHAN). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4Rilc98rQIs>

Acesso em 2016

MINISTÉRIO DA CULTURA. UNESCO confere o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade à Roda de Capoeira, em Paris, 2014. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1230742. Acesso em 2015.

VARGAS, Mestre Toni. Dona Isabel. Liberdade - Álbum completo. s/d. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=db9l-MQAaZs>). Acesso em 2016.

CARO PROFESSOR BHABHA,

BHABHA, J.Homi. O Bazar Global e o Clube dos Cavalheiros Ingleses. COUTINHO, F. Eduardo (org.), editora Rocco.

“Este livro é composto de sete (7) textos interdisciplinares selecionados, organizados e apresentado por Eduardo F. Coutinho, com introdução de Rita T.Schidt. O texto que dá nome ao livro foi apresentado por Bhabha em conferência de abertura do V Congresso da ABRALIC, na UFRJ em 1996”.

BHABHA, H.K. O local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

Os ensaios contidos neste livro, oferecem contribuições de Bhabha,

para diversas áreas de estudo, sobretudo estudos culturais.

ANTUNES, A.L. Boa tarde às coisas aqui em baixo. Rio de Janeiro: editora Objetiva, 2003.

Romance português, editado no Brasil em 2003, exemplifica o conceito de identidade entre lugares de Bhabha.

HALL, S. Quem precisa de identidade? IN: Silva, T.T. (org.), Hall S. S. Woodward, K. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, pag.103-133.

Um dos três ensaios do referido livro. As fontes anteriores de ancoragem da identidade na família, trabalho, igreja, etc., estão em crise. Identidade para Hall é uma construção, um processo de articulação.

Jornal Folha de São Paulo - Tendências/Debates- 26 de setembro de 2015.

Folha de São Paulo - editorial de 29/09/2015)

ROSA, Guimarães. A terceira margem do rio. In. As primeiras histórias. Editora Nova Fronteira-Rio de Janeiro, 1988.

SAFATLE, Vladimir. Quem tem o direito de falar? - Folha de São Paulo.

Este autor escreve toda semana no jornal a Folha de São Paulo, este texto é de 25/09/2015, no suplemento Ilustrada.

*3 Folha de São Paulo, suplemento Ilustrada de 25/9/2015.

SANTOS, Boaventura de S. Para Além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de Saberes. Novos Estudos Cebrap. 79. São Paulo.

Texto de Boaventura S. Santos onde expõe sua ideia sobre a Ecologia de Saberes.

SERRES, M. Le tiers-instruit, Paris, Éditions François Bourin, 1991. Este livro de Serres foi escrito enquanto era professor convidado na USP; em Portugal o livro recebeu o nome "O terceiro instruído" e no Brasil de Filosofia mestiça.



LEPED